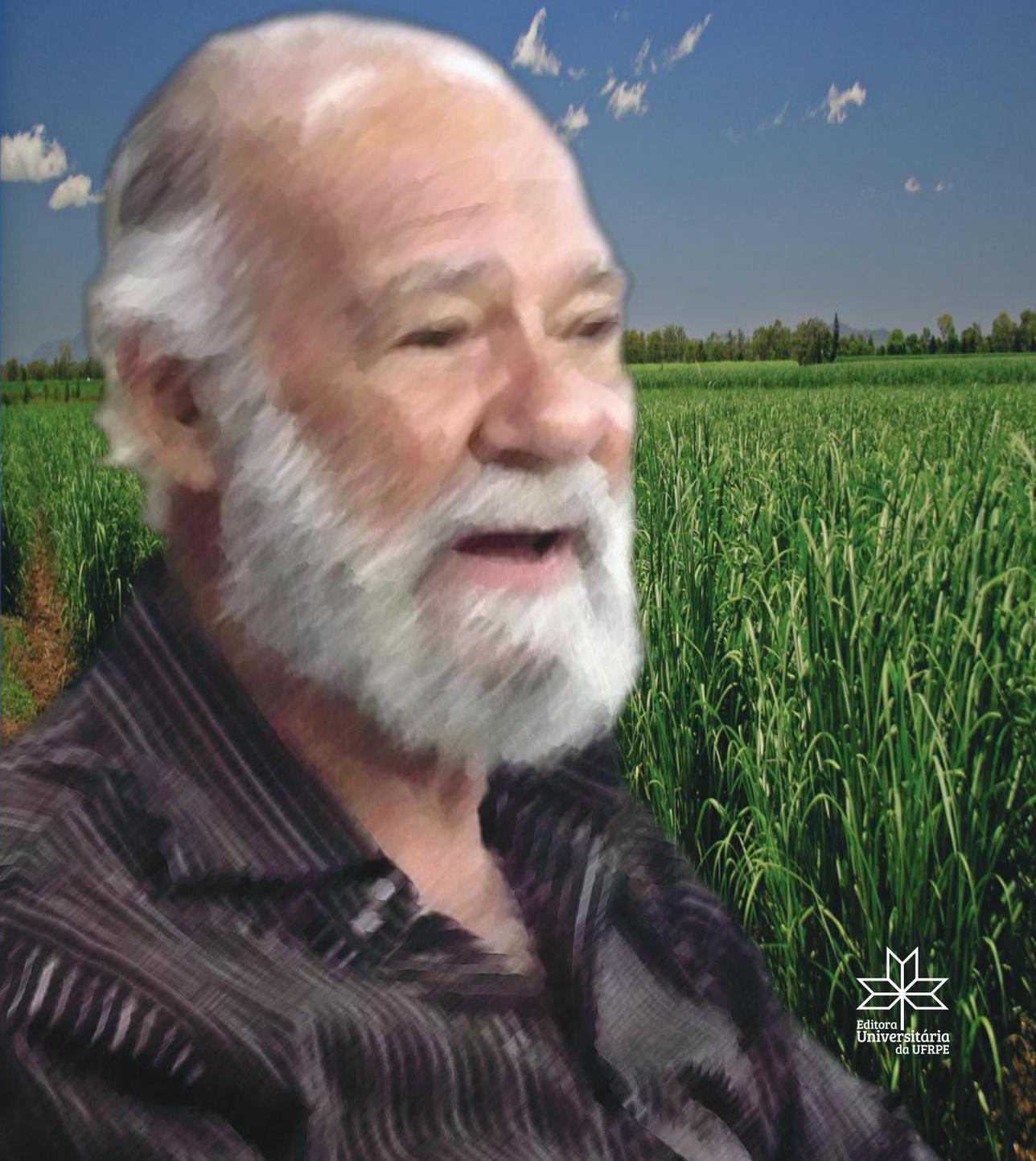


Josefa Martins da Conceição  
(Organizadora)

# PAULO DE MORAES MARQUES: Memórias de um Extensionista Rural





# **PAULO DE MORAES MARQUES: MEMÓRIAS DE UM EXTENSIONISTA RURAL**

**JOSEFA MARTINS DA CONCEIÇÃO**

**(ORGANIZADORA)**

**RECIFE**

**2018**



**Prof<sup>ª</sup>. Maria José de Sena** — Reitora  
**Prof. Marcelo Brito Carneiro Leão** — Vice-Reitor

Conselho Editorial da UFRPE:

Marcelo Brito Carneiro Leão (Presidente)

Bruno de Souza Leão (Diretor da Editora)

Maria Wellita Santos (Diretora do Sistema de Bibliotecas)

**Conselheiros:**

Prof<sup>ª</sup> Andréa Carla Mendonça de Souza Paiva

Prof. Fernando Joaquim Ferreira Maia

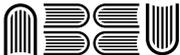
Prof<sup>ª</sup> Maria do Rosario de Fátima Andrade Leitão

Prof<sup>ª</sup> Monica Lopes Folena Araújo

Prof. Rafael Miranda Tassitano

Prof<sup>ª</sup> Renata Pimentel Teixeira

Prof<sup>ª</sup> Soraya Giovanetti El-Deir

Editora filiada à  
  
Associação Brasileira  
das Editoras Universitárias



**Revisão: Paula Maria Martins Lopes**

**Capa e Editoração: Marco Aurélio Pereira**

**Fotografias: Josefa Martins da Conceição**

Ficha Catalográfica

Setor de Processos Técnicos da Biblioteca Central - SIB-UFRPE

- 
- P331 Paulo de Moraes Marques: memórias de um extensionista rural  
/ organizado por Josefa Martins da Conceição. – Recife: EDUFRPE, 2018.  
170 p. : il.
1. Marques, Paulo de Moraes, 1931-
  2. Memória
  3. Biografia
  4. Extensão rural
  5. Extensão universitária
- I. Marques, Paulo de Moraes, 1931-II. Josefa Martins da Conceição, org.

---

CDD 920

ISBN: 978-85-7946-292-4

## DEDICATÓRIA

Este livro jamais existiria se não fosse a profunda percepção, estímulo e dedicação da minha amiga Josefa Martins da Conceição, carinhosamente chamada de Conceição Martins, companheira de viagem nestas memórias.



## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus alunos, colegas  
professores, companheiros  
agricultores e demais  
componentes dessa caminhada.





## APRESENTAÇÃO

O livro “Paulo de Moraes Marques: Memórias de um Extensionista Rural”, escrito pelo Engenheiro Agrônomo, Professor e Extensionista Paulo de Moraes Marques, em parceria com a Bibliotecária Conceição Martins, é uma viagem pela Extensão Brasileira, em especial, da Universidade Federal Rural de Pernambuco.

O livro apresenta “Rodas de Conversas” que nos brindam com painéis sobre a Extensão Universitária, sem perder a teia de conexões com a amplitude universitária do Ensino, da Pesquisa, da Extensão e da Gestão Administrativa.

A vida de Paulo Marques permite que os autores descrevam esta trajetória da Extensão Universitária de maneira íntima, profunda e, especialmente, rica das experiências vividas pelo Professor Paulo.

A Universidade Federal Rural de Pernambuco fica extremamente feliz em ter sido palco deste tear de ações que, durante o exercício acadêmico do Professor Paulo Marques, foram executadas com paixão e conhecimento profundo da temática.

Enfim, que este livro represente não somente um descritivo histórico importante das atividades do Professor Paulo Marques, e de todo contexto extensionista nacional, mas que, também, possibilite, com sua leitura, que novos atores deste processo o façam de maneira consciente e competente, utilizando do exemplo vivo de alguém que sonhou e realizou EXTENSÃO no mais alto nível e com muita paixão.

*Marcelo Brito Carneiro Leão*

*Vice-Reitor da UFRPE*







## PREFÁCIO



**P**aulo Marques é, sem dúvida, um extensionista maior. Um intelectual além e acima do seu tempo. Difícil definir este homem. São muitos Paulos: sendo professor, se coloca como aprendiz; sendo extensionista, é comunicador; sendo colega, é solidário; sendo amigo, é cúmplice; sendo manso, é domador de cavalos; sendo homem, guarda o frescor de menino.

Em Paulo, a obra e a vida se confundem. O seu legado à academia começa pela preocupação em revelar o lado humano da Agronomia, aspecto muitas vezes pouco valorizado na Universidade: “sempre considerei que a Agronomia técnica não era meu foco. Mas a Agronomia no lado humano era a grande dádiva divina. A Agronomia puxou a extensão rural, a extensão rural puxou o humanismo na Agronomia”.

A trajetória de vida deste agrônomo representa a história viva da extensão rural, na medida em que testemunha a modernização “dolorosa” e ideológica fomentada pelos Estados Unidos na América Latina. Nessa esteira, testemunha igualmente a criação e consolidação das organizações que institucionalizaram a Extensão Rural no Brasil, sob a influência da onda modernizadora norte-americana. Presenciou o surgimento das “Ematers” no momento em que a extensão se volta a priorizar o trabalho com os grandes agricultores, com ênfase na adoção da tecnologia e valorizando o crédito agrícola. Nesse período, torna-se um insurgente em relação às práticas modernizadoras da extensão: “comecei a fazer o grupo de agricultores não olhar apenas para dentro, mas também para fora das coisas... fui transformando o meu trabalho num trabalho comunitário, de mobilização do campo...”

Inspirado na teoria do educador Paulo Freire, e contando com uma formação multidisciplinar nos campos da Agronomia, da Psicologia e da Comunicação, Paulo Marques escreve, com a sua militância engajada e amorosa, as páginas da extensão rural na UFRPE e fora dela. A sua verve visionária transforma-o em precursor das boas práticas contemporâneas da Extensão Rural, como a compreensão de que extensão rural é comunicação. Isso é visível quando, na condição de extensionista e diretor técnico do Grupo Executivo de Produção de Alimentos – GEPA, fez o plano de comunicação do pessoal para mobilização dos agricultores, com o objetivo de “livrá-los da dependência do latifundiário e do agiota”.



Da compreensão da extensão como comunicação vem o entendimento de que a extensão como comunicação é questão de cultura: “foi o ponto fundamental da minha tomada de posição: agir junto à força do povo, considerando suas potencialidades, sua história e sua condição de preservador da cultura”.

Nesse cenário, faz a opção pelo trabalho com as culturas populares:

*"Decidimos que não iríamos fazer as coisas de cima para baixo, levando demonstrações e palestras pré-estabelecidas... iríamos para as comunidades encontrar o povo e escutá-lo e nos integrarmos a ele como companheiros de apoio às suas legítimas prioridades."*

E leva esta decisão para a sua prática docente:

*"Orientei os alunos no sentido de OUVIR o povo e não levar algo já pronto para aquele povo... E ficar atento ao retorno alimentador das vivências com os agricultores, "fundamento de um efetivo processo de comunicação rural".*

A coragem de um desbravador, o gosto pela aventura e a paixão pelo trabalho em contextos populares levaram o extensionista Paulo a um campo até então pouco explorado na extensão rural: a pesquisa-ação. Nesse esforço, enfrentou “atoleiros e pernoite em casa de caboclo, sem porta, onde havia suçuaranas e onças pintadas”. O mesmo espírito bandeirante o leva a trabalhar a extensão rural em comunidades tradicionais indígenas na região amazônica, para discutir a questão da terra e a preservação da cultura indígena, “num projeto inédito na evolução cultural naquele momento, para aquele povo”.

A verve visionária do professor extensionista o leva a celebrar convênios da Universidade Federal Rural de Pernambuco com organizações populares, a exemplo da Federação das Cooperativas de Trabalhadores Rurais de Pernambuco: “Era a extensão rural sendo vivida em sua infinitude humanizante, levando as pessoas a se dignificarem”.

Premonição que orienta o seu gesto intuitivo para assumir no passado práticas que são celebradas pela extensão rural do século XXI: o trabalho em parceria e o estímulo ao associativismo popular. Neste sentido, as experiências capitaneadas por Paulo Marques em Quatis e Tabu estão aí para testemunhar o pioneirismo desse velho menino no trabalho de extensão para o desenvolvimento rural, “visando à preservação dos valores culturais indispensáveis a uma ordem social e um progresso legítimo do povo”.



Concluindo, deixo a Paulo Marques o mais profundo e emocionado agradecimento pelo privilégio de haver compartilhado alguns momentos dessa trajetória memorável e a Conceição Martins, o meu reconhecimento ao seu talento profissional na organização desta admirável obra.

*Maria Salett Tauk Santos*  
*Professora Titular da UFRPE*







## NO TEAR IMAGINÁRIO



**C**onvido você, leitor, a fechar os olhos para enxergar o tear imaginário diante do qual estou sentada. Sou uma bibliotecária-tecelã e, nele, venho trançando fios, os fios da memória da UFRPE centenária. Nesse instrumento milenar, metaforicamente, disponho fios na vertical para tecer a urdidura e trago fios da trama na horizontal para, no entrelace, revelar a memória singular do Engenheiro Agrônomo, Professor e Extensionista Paulo de Moraes Marques.

Certo dia, encontrei o Professor em nosso prédio, ele é meu vizinho. Na ocasião, perguntou-me sobre suas teses existentes no acervo da Biblioteca, o que me fez convidá-lo para conversar. Dias depois, recebi sua visita no Núcleo do Conhecimento Prof. João Baptista Oliveira dos Santos, localizado no 2º andar da Biblioteca Central da UFRPE, *campus* de Dois Irmãos, Recife, Pernambuco, local deste tear imaginário. Durante a conversa, perguntei se ele já havia escrito suas memórias. Respondeu-me que não, uma vez que não gostava de escrever, mas, sim, de narrar. Prontamente, aceitou meu convite para participar da Roda da Memória, projeto do Núcleo do Conhecimento que se propõe a resgatar e registrar lembranças e narrativas de vida através da história oral. Em seu caso, são memórias, certamente, guardadas numa espécie de relicário pessoal, relato da sua história de vida que, atentamente passei a ouvir.

A urdidura das suas memórias começou em abril de 2013. Numa primeira fase, os seus depoimentos foram organizados como fios, sendo preparada a trama das suas memórias. Sozinho, o Professor Paulo Marques trouxe sua história de vida pessoal e profissional através de depoimentos em 07 Rodas dispostas diante deste tear imaginário. Como tudo é dinâmico e, às vezes, foge ao controle, em maio de 2014, devido a um sério problema, o tear parou, recomeçando em 07 de julho de 2015. Esse hiato de tempo, contudo, não desarticulou o tear e, nele, voltei a tecer com firmeza. A partir da 7ª Roda, o Professor, como Ser Social que é, optou por abrir espaço para uma segunda fase, denominada Roda Coletiva, para agregar o testemunho de pessoas que, com ele, conviveram em diversas ações, projetos e em várias frentes de trabalho no âmbito da extensão na Universidade.

O tear foi ampliado para incluir novos fios, trazendo convidados que, com seus relatos e depoimentos, passaram a enriquecer a memória indivi-



dual, vozes que participaram do processo. A partir de então, o Professor Paulo Marques passou a ser observador, ouvindo os testemunhos de colegas professores, ex-alunos, líderes sindicais e servidores – técnico agrícola e educacional e motorista. Pontuando algumas coisas, dando os nós da tessitura e, emocionado, percebeu que já não lembrava mais alguns momentos citados, mas que o depoimento de cada um sedimentou a lembrança e, mais ainda, percebeu como seu trabalho extrapolou os muros da Universidade, rompeu o casulo e tomou conhecimento de que sua metodologia de ensino teve continuidade através dos seus seguidores. Percebeu que seus ensinamentos permanecem vivos e pulsantes.

Diante do tear, foram realizadas 07 Rodas Individuais com o Professor e 08 Rodas Coletivas com a participação dos convidados, totalizando 30 horas e 06 minutos de gravação. Essa tessitura utilizou, além das gravações dos depoimentos, o registro através de fotografias, pesquisa complementar e acesso aos documentos originais no acervo particular do Professor e em sua Pasta Funcional, localizada na Divisão de Registro Funcional da Superintendência de Desenvolvimento de Pessoal da UFRPE. A tessitura da trama tornou suas memórias visíveis no tear e produziu o livro em apreço, que ora está sendo trazido ao conhecimento público.

A história profissional do “Professor”, de “Paulo”, do “Companheiro”, como era e continua a ser nominado por seus convidados especiais, deve ser preservada e tornar-se pública. A história desse Professor-Extensionista docente da UFRPE que, sabiamente, agregou à Agronomia a Psicologia, a Educação e a Comunicação revela-se um grande aprendizado.

Foi uma urdidura maravilhosa e emocionante.

*Josefa Martins da Conceição*

*Bibliotecária da UFRPE*

*Organizadora*





## SIGLAS



**ABCAR** - Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural  
**ADUFERPE** - Associação dos Docentes da UFRPE  
**ANCAR** - Associação Nordestina de Crédito e Assistência  
**APCA** - Academia Pernambucana de Ciência Agrônômica  
**BANDEPE** - Banco do Estado de Pernambuco  
**BC - UFRPE** - Biblioteca Central da Universidade Federal Rural de Pernambuco  
**CECOPE** - Comissão Estadual de Cooperativismo de Pernambuco  
**CETREINO** - Centro de Treinamento do Nordeste  
**CEPAP** - Estudos e Análises de Projetos financiados pela USAID para o Nordeste  
**COATE** - Coordenação de Atividades de Extensão  
**DAC** - Departamento de Assistência às Cooperativas da Secretaria da Agricultura  
**DCE** - Diretório Central dos Estudantes  
**EMATER** - Empresa de Assistência Técnica e Extensão Rural  
**ESURP** - Escola Superior de Relações Públicas de Pernambuco  
**FAFIRE** - Faculdade de Filosofia do Recife  
**FETAPE** - Federação das Cooperativas Mistas dos Trabalhadores Rurais de Pernambuco  
**FIAM** - Fundação de Desenvolvimento Municipal do Interior de Pernambuco  
**FUNDAJ** - Fundação Joaquim Nabuco  
**FUNDARPE** - Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco  
**GEPA** - Grupo Executivo de Produção de Alimentos  
**IBRA** - Instituto Brasileiro de Reforma Agrária  
**ICH** - Instituto de Ciências Humanas  
**INCRA** - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária  
**IPEANE** - Instituto de Pesquisas e Experimentação Agropecuárias do Nordeste  
**OCEPE** - Organização das Cooperativas do Estado de Pernambuco  
**PRONACOOP** - Programa Nacional de Cooperativismo em Pernambuco  
**POLONORDESTE** - Programa Integrado de Desenvolvimento do Nordeste do Brasil  
**PRONACOOP** - Programa Nacional de Cooperativismo em Pernambuco  
**SANBRA** - Sociedade Algodoeira do Nordeste Brasileiro  
**SESC** - Serviço Social do Comércio  
**SIB - UFRPE** - Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade Federal Rural de Pernambuco  
**SINTUFEPE** - Sindicato dos Servidores das Universidades Federais de Pernambuco  
**SUDENE** - Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste  
**SUGEP** - Superintendência de Gestão e Desenvolvimento de Pessoas  
**UFAM** - Universidade Federal do Amazonas  
**UFPE** - Universidade Federal de Pernambuco  
**UFRPE** - Universidade Federal Rural de Pernambuco  
**UNICAP** - Universidade Católica de Pernambuco  
**URB** - Empresa de Urbanização do Recife  
**URP** - Universidade Rural de Pernambuco  
**USAID** - Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (United States Agency for International Development)





# SUMÁRIO



- 13 | NO TEAR IMAGINÁRIO**
- 19 | O SER HUMANO E A ESCOLHA DA PROFISSÃO**  
23 A primeira experiência profissional: O Engenho Sapucagi  
25 O Instituto de Pesquisa Agronômica do Nordeste – IPEANE
- 27 | COMEÇANDO A HISTÓRIA COM A EXTENSÃO RURAL**  
30 Experiências inesquecíveis na Extensão Rural  
31 Comunidade de Jardim, Garanhuns, Pernambuco  
35 Comunidade de Mimosinho, Garanhuns, Pernambuco  
37 Participação no Governo Miguel Arraes de Alencar
- 41 | O ENCONTRO DO AGRÔNOMO EXTENSIONISTA  
COM A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E A EXTENSÃO  
RURAL NA UFRPE**  
45 Projeto Rondon  
49 Outra atividade de extensão que vale a pena lembrar
- 52 | FORMAÇÃO ACADÊMICA E CONCURSOS PARA DOCENTE**
- 60 | A SALA DE AULA E A MAGIA DO ENCONTRO COM OS  
ALUNOS E DO REENCONTRO COM O HOMEM DO CAMPO**
- 73 | EXPERIÊNCIAS EMBLEMÁTICAS COM ALUNOS  
DA DISCIPLINA DE EXTENSÃO RURAL**  
73 Projeto Cooperativa: Sementes para a Cooperativa de Quatis  
81 Projeto Cooperativa de Tabu  
85 Campus Avançado do Alto Rio Negro, Amazonas  
87 Projeto Pitanga
- 89 | A PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO: NOVAS IDEIAS  
E AÇÕES EMPREENDEDORAS**
- 
- 
- 



**97 | MEMÓRIAS COLETIVAS SEDIMENTAM  
A MEMÓRIA INDIVIDUAL**

**1ª RODA COLETIVA**

97 Ângelo Brás Fernandes Callou

103 Maria Salett Tauk Santos

**2ª RODA COLETIVA**

108 Suerleide de Moura Cabral

113 Belgrano José Cavalcante Alves

**3ª RODA COLETIVA**

118 Paulo Fernandes Fragoso de Carvalho

125 Joselito Nunes Sobreira

**4ª RODA COLETIVA**

129 Maria de Fátima Navarro Lins

**5ª RODA COLETIVA**

135 Marta Maria de Barros Marques

138 Geraldo Pereira de Arruda

**6ª RODA COLETIVA**

143 Israel Crispim Ramos

**7ª RODA COLETIVA**

151 Luiz Pereira da Silva

155 Tirso Ramon Rivas

**8ª RODA COLETIVA**

161 Vardan de Miranda

**166 | REFERÊNCIAS**

**171 | CRÉDITOS**

**172 | DADOS DO BIOGRAFADO E DA ORGANIZADORA**







## O SER HUMANO E A ESCOLHA DA PROFISSÃO



**I**nicialmente, quero agradecer essa dimensão incrivelmente confortadora para mim, que me possibilita trazer essas experiências do período em que desenvolvi atividades inéditas na extensão rural, na extensão universitária e dizer que eu não gosto e nem sou uma pessoa importante. Uma pessoa importante, no caso, protocolarmente falando, para mim, vem de encontro ao que eu fui, pois, para poder fazer o que fiz, tive que ser aquilo que sou – um homem comum. Um homem comum é um homem livre, é um homem que tem espaço, que transita livremente porque está no nível da dinâmica social.

Estou sendo muito sincero porque, planejadamente, podemos usar esse termo. Não poderia ser um homem centrado em mim mesmo, uma pessoa que tivesse ela mesma como o centro das atenções, como mentor das coisas, como aquele que sabe que vai contar ou dizer aos limitados como são as coisas. Fiz o contrário, achei que, para fazer uma boa ação na minha vida, sempre intuitivamente, fui ao encontro do chamamento da vida, enfrentando até mesmo as consequências e, muitas vezes, até atropelando o que eu estava fazendo pelo próprio processo natural de quem rompe espaços para novas formas no sentido evolutivo e de beneficiamento dos participantes e daqueles que, no futuro, viessem a tomar conhecimento dessa história.

Então, é isso que fui na minha vida e ainda sou. Por isso, passei crises, tive impactos, mas tudo só me deu força evolutiva e contribuição cada vez mais consciente para viver a vida naquele tempo, espaço e naquelas circunstâncias que a vida me levou, porque o que somos mesmo é componentes universais.

O universo nos leva quando ele acha que somos competentes para participar na contribuição do grande plano de Deus, que é justamente a permanente evolução universal. Esse nome – Deus –, que uns interpretam de uma forma bem estranha até mesmo rejeitando, é a consciência infinita que une a todos num grande plano, cada um na sua competência. Foi o que aconteceu comigo nos anos que antecederam minha chegada à Universidade e, depois, aqui no ambiente acadêmico, com muito mais consciência.

E é com essa consciência que aqui estou, Conceição, e quero ser amoroso com você por ter me convidado para essa Roda de Memórias e dizer que Deus



é amor, e o amor é essa grande força extrafísica que conecta todos nós. Então, eu vou ter cuidado para não me estender muito nem ficar prolixo. Contudo, com certeza, vou me emocionar e lágrimas irão rolar. Sou um recifense, nascido em 1931, no bairro da Boa Vista. Nasci em casa com médico parteiro atendendo a minha mãe, dona Maria de Lourdes, a domicílio.

Venho de família tradicional de médicos. Meu avô João Marques foi um médico de muita fama em Recife no final do século XIX até as primeiras décadas do século XX, fundador da Faculdade de Medicina do Recife ao lado do irmão dele, Arnóbio Marques, e outros grandes médicos. Meu pai, o médico Arnaldo Marques, e alguns dos seus irmãos seguiram a profissão médica, acompanhando meu avô e, então, estabeleceu-se na família uma tradição e um compromisso quase ético, profundo, de ser médico. Essa foi a primeira barreira que encontrei na escolha da minha profissão.



*Figura 1 - Paulo de Moraes Marques aos 8 meses de vida em 15 de outubro de 1931.*

*Fonte: Acervo particular de Paulo de Moraes Marques.*

Fiquei atrapalhado com essa história, porque eu queria ir para o campo, menino pequeno com seis, sete anos, dizia que queria ser fazendeiro. Eu gostava de bois, de cavalos, estrada, campo, cheiro do mato. A minha avó materna também contribuiu muito para isso, porque era dos troncos sertanejos forjadores do Seridó do Rio Grande do Norte, de Flores, hoje Florânea. Trago isso no meu sangue do lado materno, esse ramo sertanejo de estradas deve ter contribuído muito para minha escolha profissional, apesar da tradição médica pelo meu lado paterno.

Minha avó materna era do Engenho Quitinduba, com seus costumes e culturas. Houve toda uma convergência rural em cima de mim, empurrando-me para

a estrada e para o campo. Quando era criança, morava na Rua das Pernambucanas e, com cinco, seis anos de idade, o gado que ia ser abatido em Recife vinha de trem, descia na Estação das Cinco Pontas, era tangido de madrugada para o Matadouro de Peixinhos e passava na esquina lá de casa. Muitas vezes, passava à tarde; o cheiro do gado viajando nunca foi estranho para mim, o cheiro da boiada me encantava. As primeiras vezes que senti o cheiro da boiada suada foi uma coisa incrivelmente familiar, é interessante e jamais esquecerei.

Um dia, lembro-me de meu pai, em 1937, chegando do trabalho - ele era professor da Faculdade de Medicina do Recife e havia assumido a cadeira do pai dele, nas enfermarias do Hospital Pedro II - Escola Médica - como ainda hoje continua a ser. Pois bem, meu pai ia chegando do trabalho, era mais ou menos meio dia e eu estava na porta de casa quando passou um senhor puxando um jumento preto de barriga branca e focinho cinzento, chamado popularmente de “Charuto”. No auge dos meus seis anos de idade, eu disse ao meu pai: “papai, compra aquele jumento para mim”. E não é que ele comprou o jumento!? Comecei a tomar conta desse jumento que ficou no quintal de casa, que era grande, e, sem ninguém me dizer nada, comecei a cuidar do bicho, veja que coisa linda é a ancestralidade e como ela é forte.



*Figuras 2 e 3 - Dr. Arnaldo Marques e Dona Maria de Lourdes.*

*Fonte: Acervo particular de Paulo de Moraes Marques.*

Cuidava do jumento, fazendo as coisas intuitivamente e amorosamente, porque o amor é Deus que nos ilumina. Papai comprou os arreios, a sela, a cabeçada e, no dia a dia, chegava um e ajeitava melhor a forma de colocar esses apetrechos; outras vezes, chegava outro e dizia assim: “Paulo, corte esse capim, não dê o capim inteiro”, coisas dessa ordem. E assim, fui como uma esponja simples, absorvendo aquilo tudo.

Antes de ser humano, a pessoa já traz também aquilo que une - o inconsciente coletivo. Torna-se consciente individual e, depois, com os arquétipos que são aquelas coisas que a gente viveu antes, mesmo a gente tendo trazido

muita coisa dos pais e da consciência da vida, a gente traz uma linha de ação que modela o Ser Humano que a gente vem a ser na vida, ela vai puxando aquilo que é sua esteira da continuação e da sua individualização. Então, a gente parece com o pai, parece com a mãe, mas a gente parece é com a gente mesmo.

Todos diziam que eu devia ser médico. Minha avó materna, esposa do velho João Marques, me perguntava: “O que você vai ser quando crescer?” Eu dizia: Quero ser agricultor. Então minha avó e outras pessoas diziam: “Você tem que ser médico”. Por conta disso, comecei a dizer que queria ser médico-agricultor, mas não larguei a questão da agricultura, do mato, do homem do mato, da terra, do gozo da rusticidade, da natureza. Como Agrônomo, eu fui muito mais um Conservacionista na larga dimensão do termo.

A segunda barreira veio dos meus colegas de Admissão do Curso Ginásial do Colégio Padre Félix no Recife. Certa vez, nunca irei me esquecer, quando tinha treze ou quatorze anos, o colega Kleber Bahia, o qual encontrei há pouco tempo, na esquina da Rua Manoel Borba, me disse: “Paulo, o que você vai estudar?” E eu disse: “Vou estudar Agronomia”. E ele disse: “Rapaz, deixe de ser besta, não faz uma asneira dessa não”. Ele teve, dramaticamente, o cuidado de me alertar de que eu estava errado. Disse: “Você tem consultório, tem a fama do seu pai médico, tem clientela, tem tudo, tem Cátedra. Você não vai ter problema nenhum na vida. Deixe de ser bobo e vá estudar Medicina”. Fiquei constrangido, pois não era aquilo que eu queria. Não queria vestir uma bata, não queria ficar dentro de uma sala de azulejo com cheiro de remédio, nada disso.

Desde jovem, tinha uma vocação médica-humanista do cuidar. Tanto é que me formei em Agronomia em 1955 e me formei em Psicologia em 1977. Fiz Agronomia querendo ser Zootecnista, não queria a Agronomia técnica, a Agronomia da pesquisa da produtividade agrícola, da irrigação dessas coisas propriamente ditas, da Agronomia em si. Queria mesmo era “bicho”, boi, cavalo, jumento, queria era montar no cavalo, pois, desde aquele jumento que ganhei aos seis anos, nunca mais deixei de possuir um cavalo na minha vida. Aquele primeiro jumento não recebeu nenhum nome. Os cavalos que vieram a seguir tiveram nomes. Hoje, caminhando para os oitenta e cinco anos de idade, tenho um belo cavalo, não que ele seja caro ou rico. É que ele é meu companheiro, está em Garanhuns, na propriedade que foi do meu pai de 1962 até o início dos anos 80, e até 04 anos atrás foi nossa. Agora, é do meu filho Eduardo. Este cavalo chama-se Pau D’arco, um mestiço campolina que foi de vaquejada e de correr boi. Chego junto dele alisando seu pescoço, falando mansinho em seu ouvido com uma cenoura, aí faço como se ele estivesse recebendo aquela sela pela primeira

vez. Boto a sela para ele cheirar, depois, passo pelo seu pescoço e boto em suas costas para que tenha consciência da minha comunicação com ele. Assim, dessa forma, ele é um “carneirinho”, não tem problema algum.

## **A PRIMEIRA EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL:**

### **O ENGENHO SAPUCAGI**

Estava no final do 3º ano do Curso de Agronomia na Universidade Rural de Pernambuco – URP. O Professor Joaquim Faria, da cadeira de Zootecnia, precisou de um aluno que topasse ser o executor de um projeto dele para uma granja de abastecimento do Hotel Boa Viagem do Grupo Dias Lins. Joaquim Faria parece que primeiro convidou João Baptista, mas João Baptista não aceitou porque possuía uma granja em Carpina juntamente com o pai e, certamente, já tinha todo um projeto ou coisa parecida. Então, quando recebi o convite, topei na hora. Sempre fiz as coisas assim na minha vida, intuitivamente, ainda sou assim, mas hoje com muito mais sensatez e muito mais consciência, mais maturidade.

Naquele tempo, eu não tinha maturidade, mas tinha uma intuição que me levava suficientemente para o que eu devia fazer para continuar me aprimorando para ser como pessoa. Então Joaquim Faria disse: “Paulo você topa mesmo?”. E eu disse que sim.

Joaquim Faria era conhecido da família de minha mãe, havia praticamente um parentesco de Joaquim Faria com todas as raízes da família de minha mãe. Foi uma coisa muito forte. Aquele foi meu primeiro emprego, apesar de ainda não ser Agrônomo e, justamente, com Joaquim Faria, grande professor e grande amigo. Fui falar com Dr. Dias no dia seguinte à inauguração do Hotel Boa Viagem. O projeto de Joaquim Faria era para organizar no Engenho Sapucagi, localizado em Escada, de propriedade de Dr. Dias Lins, uma granja com vacaria, criação de galinhas, laranjal, criação de porco. Então, nas férias do 3º ano de Agronomia em 1954, fui para o Engenho. Lá, havia uma casa grande bem preservada e, embaixo do porão, Dr. Dias Lins construiu uns apartamentos, quartos com banheiro. Foi ali que me instalei.

Nunca tinha tomado conta de uma fazenda, nem de coisa nenhuma, mas sempre fui muito atirado e disponível para trabalhar. Fiquei no Engenho durante todo o período das férias, executando suficientemente todas as atividades. Joaquim ia lá periodicamente para me dar orientação e, de acordo com a organização preestabelecida, eu dei conta do recado. Quando as férias acabaram, Dr. Dias Lins e Joaquim estavam muito satisfeitos com

as minhas atividades e atuação e disseram: “Olha Paulo, era bom que você continuasse”. E eu disse: “Mas, eu preciso terminar meu Curso de Agronomia, já estou no 4º ano, mas vou me virar, vou ficar tomando conta aqui do projeto, atuando aqui no Engenho dois ou três dias por semana e os outros dias vou para a Universidade Rural assistir às aulas”.

Todos os dias, montado a cavalo, permaneci circulando pelo campo. Quando Joaquim Faria me levou para conhecer o Engenho, vi um antigo engenho de fabricação de açúcar transformado em curral, com uns dez a doze cavalos de montaria... fiquei feito uma criança num parque de diversões! Naquele tempo, eu tinha vinte e três anos.

Foi o máximo quando ele me mostrou o armazém perto da casa grande e também os currais de bois e cavalos. Foi então que eu vi o cabriolé, aquela espécie de carro puxado a cavalo usado nos engenhos para as famílias passearem. Era um carro de quatro lugares puxado por dois cavalos, tipo uma carruagem sem a capota, um meio de transporte que foi depois substituído pelo automóvel.

O cabriolé passou a ser do meu uso no engenho quando não estava a cavalo. Imagine só: em pleno ano de 1954, eu estava andando como se estivesse no século XVII ou XVIII. A minha ancestralidade acordou toda e se compôs, e foi atualizando o tempo que hibernou dentro de mim. Então, fui trabalhando e me compondo nesse meu primeiro emprego como Agrônomo e dei conta do recado.

Ali, passei o final do ano de 1954, todo o ano de 1955 e quase todo o ano de 1956. No final do Curso de Agronomia, não era mais um executor de projetos na granja, pois ali passou a haver uma abrangência maior. Começou a haver uma diversificação de fornecimentos: verduras, leite, etc. Lembro que acordava às 5h da manhã, acompanhava o desleitamento das vacas, depois ia providenciar outras tarefas e só tomava o desjejum após; mandava selar o cavalo, e saía pelo campo. De tão envolvido nas tarefas, disposto demais, muito jovem e empolgado, dormia tarde da noite.

Faço questão de repetir que foi meu primeiro emprego, ainda enquanto estudante de Agronomia. Hoje, não tenho nenhum remorso de ter feito um 4º ano sapecado porque fiz um 4º ano de campo como Agrônomo já na função e na labuta, um verdadeiro pós-doutorado para um rapaz de vinte e três anos.

Eu costumava contar o que estava fazendo aos colegas ligados ao campo e de origem rural como Joaquim de Castro; eles ficavam maravilhados com minha oportunidade. Relatava como era feito o corte de cana ou então que havia descido do cavalo para ajudar na máquina para encher o carro de cana da Usina porque não tinha gente suficiente para essa tarefa, ao que Joaquim dizia: “Paulo, você agora é um Agrônomo! Agora você está sabendo o que é campo”. Esse foi o colega com o qual sempre estudei. Infelizmente, foi o primeiro colega

da minha turma a falecer. Dela, faziam parte também João Baptista, Deminha, o grande colega Renato Faria Júnior e outros amigos maravilhosos.

O acompanhamento do plantio e do corte da cana, da medida das tarefas, dos carreiros, dos cambiteiros, como também meus contatos diretos com barracões de engenhos, cavalerianos, boiadeiros e ciganos foram de profundo acabamento do meu modo pessoal de ser. Foi o presente inicial da minha vida, trabalhar nesse Engenho. Essa experiência, enfim, consolidou-se como alicerce para a minha vida profissional.

Vivi coisas incríveis. Teve uma época em que o administrador do Engenho viajou durante um mês para o Rio de Janeiro, então me chamaram e disseram: “Olha, Paulo, o administrador do Engenho que toma conta não só da sua parte, que era a granja do Hotel, mas de todo o trabalho de cana-de-açúcar, do pagamento dos trabalhadores, inclusive busca dinheiro na Usina Massau Açú, e se responsabiliza por fazer a folha de pagamento viajou, você pode assumir durante um mês?”. Eu disse: “Assumo”. E assumi.

Era aluno e ainda era solteiro. Casei-me ainda estudante de Agronomia. Com um emprego incerto, recebendo pagamento pequeno e no meio do 4º ano do Curso, no mês de junho, mais precisamente em 29 de junho de 1955, o ano da minha formatura, fomos morar no lugar onde eu já morava, no porão da casa grande.

Dei conta de todas as responsabilidades durante a ausência do administrador. Mas notei certo clima depois que o mesmo retornou do Rio. Ao observar todo o trabalho realizado, ele se decepcionou. Alguma parte do plano dele de me deixar de lado não deu certo, porque assumi, dei conta e prestei contas de tudo.

Depois, já formado, com apenas 24 anos, passei a gerente geral do Engenho, enquanto ele continuou administrador. Apesar de companheiro de infância de Dr. Dias Lins, ficou subordinado a mim, e isso eu entendo que mexeu com ele. Passou a buscar alguma falha minha, algo de mal. Decepcionado com tal atitude, decidi sair de lá antes que me demitissem, e assim o fiz, ficando vários meses desempregado. Voltei para a casa do meu pai.

## **O INSTITUTO DE PESQUISA AGRONÔMICA DO NORDESTE – IPEANE**

Certo dia, encontrei na praia Renato Ramos de Farias Junior, filho do ex-reitor Renato Ramos<sup>1</sup> Ao me cumprimentar, ele me disse: “Paulo, tudo

---

<sup>1</sup> Engenheiro Agrônomo da turma de 1922 pela Escola Superior de Agronomia de Socorro, Pernambuco. Segundo Reitor da Universidade Rural de Pernambuco (URP), do período federal subordinado ao Ministério

bom? Como está a vida?” E eu respondi: “Rapaz, eu estou desempregado há vários meses e estou numa situação precária”. E ele disse: “Você estava desempregado até agora. Meu pai é diretor, superintendente ou coisa assim do Instituto de Pesquisa Agronômica do Nordeste – IPEANE<sup>2</sup> e vou lhe encaminhar para falar com ele”. No dia seguinte, eu me apresentei ao Dr. Renato Farias e fui de imediato contratado. São atitudes como essas que revelam a grandeza do ser Humano.

Trabalhei no IPEANE entre 1957 e 1958. Fiz um plantio de capim elefante ao meu modo, como tinha experiência, pois, como já falei, o Engenho Sapucagi foi o alicerce da minha formação como Agrônomo. O capim elefante que plantei era destinado ao plantel de gado holandês vermelho e branco que Dr. Renato Farias importou da Holanda. Aquela foi uma época rica e curiosa e lembrar é, acima de tudo, emocionante e muito forte. Todavia, apesar de agradecido e satisfeito pela indicação de Renato Farias, continuei procurando emprego, haja vista não queria ficar na pesquisa. Essa atividade, apesar de muito rica e relevante, não mexia com a minha universalidade.

No final do ano de 1958, no IPEANE, fui atraído a certa altura pela Extensão Rural. Em uma determinada ocasião, acompanhando Renato Farias Junior, viajamos para montar umas pesquisas no interior e ficamos hospedados em um hotel em Garanhuns e, lá numa sala, encontrei uma reunião linda: um grupo de pessoas numa convivência companheiríssima e então perguntei: “o que é isso?”. E alguém me respondeu: “É a ANCAR”<sup>3</sup>. Esse foi meu primeiro contato com a Extensão Rural.

Voltando, continuei no IPEANE, até que um dia li no jornal: “Convocações de Agrônomos para ingressarem na Extensão Rural”. Coisas do universo.

---

da Agricultura, assumiu a Reitoria em 1962. Esteve Reitor no período de 07 de junho de 1962 a 24 de abril de 1963. Na lembrança, encontrava-se diretor do Instituto de Pesquisa Agronômica do Nordeste – IPEANE. Na realidade, o professor Renato Ramos de Farias foi o primeiro diretor desse Instituto.

2 Originariamente denominado de Instituto Agronômico do Nordeste (IANE), criado na década de 1940 pelo Decreto Lei nº. 6.155, de 31/12/1943, instalado em janeiro de 1951, na Estação Experimental de Cana-de-Açúcar, Curado, Km10 da BR-232, no município do Recife. Em 1962, passou a denominar-se Instituto de Pesquisas e Experimentação Agropecuárias do Nordeste (IPEANE), órgão do Ministério da Agricultura responsável pela pesquisa e experimentação agrônômica na região Nordeste do Brasil no período de 1943 a 1973, quando foi desativado.

3 ANCAR - Associação Nordestina de Crédito e Assistência Rural foi criada em 1954. Dois anos depois, em 1956, foi criada no Rio de Janeiro, para coordenar esse serviço em todo o país, a Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural (ABCAR).



## COMEÇANDO A HISTÓRIA COM A EXTENSÃO RURAL



**N**aquele hotel em Garanhuns, percebi, pela primeira vez, um grupo de pessoas que faziam parte de uma reunião da ANCAR. E, repito, esse foi meu primeiro contato com a Extensão Rural. Era final de 1958 para 1959. Inscrevi-me e fui entrevistado pelo Dr. Joaquim Moreira de Melo<sup>4</sup>, que perguntou: “O que você acha daqui? O que quer fazer?”. Eu disse: “Doutor, eu quero ser útil. Quero me sentir útil, e estou achando que aqui vou me sentir útil às pessoas e a mim mesmo no caminhar da vida, fazendo as coisas e gostando, deixando produtos com os quais eu possa contribuir”. Assim começou minha história na Extensão Rural.

No ano de 1959, fiz o estágio geral de preparação na Escola Agrícola de Escada, localizada nas terras daquele Engenho Sapucagi - voltei às origens - porque Dr. Dias Lins tinha cedido uma parte do terreno do Engenho para construir a Escola Agrícola, e o treinamento aconteceu justamente nessa Escola. Depois, entre abril, maio e junho fui para o estágio de campo em Garanhuns. Finalmente, fui designado para substituir a pessoa que estava saindo de Garanhuns, aí foi quando comecei a trabalhar como Agrônomo-Extensionista, uma disciplina que não tinha no currículo da Universidade na época em que cursei Agronomia.

Enquanto isso, os Estados Unidos estavam fomentando na América Latina aquelas Instituições de Extensão para difundir as novas tecnologias, para fazer com que os produtos dos Estados Unidos - inseticidas, maquinários, etc - fossem adotados pela América Latina para que tivessem o monopólio econômico do processo da agricultura. A convocação de Agrônomos para ingressarem na Extensão Rural foi da ANCAR, que era a representação estadual coordenada pela ABCAR<sup>5</sup>, a representante nacional.

No final do Curso de formação de Extensionista, ao cabo de dois meses na Escola Agrícola de Escada, o grupo de professores da ABCAR organizou

---

4 Engenheiro Agrônomo formado em 1936, na última turma de concluintes da Escola Superior de Agricultura São Bento enquanto se localizava no Engenho São Bento, no Vale do Tapacurá, Pernambuco.

5 Em termos históricos, o governo de Juscelino Kubitschek, com o período de aceleração da expansão capitalista no País, trouxe mudanças no espaço urbano, mas também no campo. Na Agricultura os acordos entre a Associação Internacional Americana (AIA) de Néelson Rockefeller e o governo Juscelino Kubitschek foram decisivos para o desenvolvimento do extensionismo no País. Apesar das primeiras experiências nessa linha datarem de 1948, apenas oito anos depois se criava a Associação Brasileira de Crédito e Assistência Rural (ABCAR). Não há registro da lei que a criou, apenas a informação da data 21 de junho de 1956. Contudo, pelo Decreto nº 50.632 de maio de 1961, a ABCAR e suas filiadas foram declaradas de utilidade pública. Posteriormente, pela Lei nº 6.126 de 06 de novembro de 1974, com a criação da EMBRATER houve a absorção da ABCAR e toda sua estrutura pela nova empresa.



uma visita à Pesqueira nas propriedades de Dr. Moacyr de Brito<sup>6</sup>, famoso Agrônomo Conservacionista, estabelecedor e criador da cultura do solo de superfície, que desenvolveu técnicas manuais de enxada sem trator. Nessa viagem, visitamos as fazendas de Dr. Moacyr e ele levou o grupo para conhecer o seu trabalho nas fazendas – a fabricação de compostos orgânicos com a junção da cultura do tomate com a criação do gado em currais menores no meio das plantações de tomates para o aprimoramento e enriquecimento do solo – uma experiência que me deslumbrou, e fiquei descobrindo a Agronomia e as competências como a de um homem tão lúcido como Dr. Moacyr de Brito.

Depois, a ANCAR passou a se chamar EMATER. Posteriormente, os militares fizeram modificações e a transformaram em serviço público voltado, prioritariamente, para os grandes agricultores. A extensão foi desagregando, virando serviço público, perdendo o elã, perdendo a mística, modificando o paradigma da educação e da comunicação. Contudo, isso, para mim, lá em Garanhuns foi



Figura 4- Certificado do Curso Intensivo de Extensão e Crédito Rural Supervisionado, promovido pela Associação Nordestina de Crédito e Assistência Rural (ANCAR), 1959.

Fonte: Acervo particular de Paulo de Moraes Marques.

6 Neto do fundador da centenária Indústria Alimentícia Carlos de Britto S.A., a Fábrica Peixe, localizada em Pesqueira, Pernambuco, formou-se Engenheiro Agrônomo pela Escola Superior de Agricultura São Bento enquanto se localizava no Engenho São Bento, no Vale do Tapacurá, Pernambuco. Ao retornar a Pesqueira, dedicou-se à plantação de tomates e com o tempo, adquiriu destaque no cultivo dessa fruta, o que o levou a produção de derivados de tomate pela Fábrica Peixe. Pesquisador, realizou pesquisas e experimentos agrícolas para prevenir a erosão do solo e impedir queimadas. Seu brilhante trabalho de pesquisador levou Pesqueira a sediar o Congresso Internacional de Geografia, colocando a Fábrica Peixe no roteiro dos alunos da Escola de Agronomia da Universidade Rural de Pernambuco.

outro campo tão grande de aprendizagem maior ainda do que no Engenho Sapucagi, porque me possibilitou a sistematização da Extensão Rural.



Figura 5 - Certificado do 2º Curso de Supervisores Regionais do Sistema Brasileiro Cooperativo de Extensão Rural, de 6 a 18 de novembro de 1961.

Fonte: Acervo particular de Paulo de Moraes Marques.

Eu gostava muito de bichos, mas eu gostava mesmo era de gente. Gostava de estar no meio dos grupos de agricultores e de colegas. Por conta disso, passei a direcionar o trabalho pelas minhas intuições e, com o tempo, deixei de trabalhar voltado apenas ao atendimento de agricultores isolados para repassar a técnica e fazer o plano de financiamento que era a meta principal e carro chefe da extensão – o crédito agrícola supervisionado pelo Agrônomo para atender ao acordo com o Banco do Nordeste. Fui além.

Na prática, o objetivo do trabalho do Extensionista era o Agrônomo se dirigir a um determinado agricultor e trabalhar diretamente com ele, realizando um trabalho individualizado voltado à adoção da técnica e, também, ao crédito agrícola. Eram poucos os agricultores, quinze ou vinte no máximo e menores ainda os grupos. Eu achava um processo pouco compensatório em função da densidade da população rural que se pretendia alcançar. Então, comecei por minha conta, intuitivamente, a aumentar meus grupos de trabalho. Comecei a trabalhar com oito, dez agricultores de uma vez. Mas eu não era um Agrônomo de técnica, era um Agrônomo de movimentação dentro do grande campo da Agronomia no processo de desenvolvimento rural. Fazia a coisa certa, intuitiva, ousada e inovadora sem ter plena consciência dessa inovação.

Nas comunidades, comecei a me empolgar não pela técnica, mas pela reação do povo, pelo companheirismo, pelo entusiasmo daqueles homens. Eu ficava com o grupo de homens e minha colega de equipe ficava com o grupo de mulheres. Nessa época, eu tinha uma colega chamada Aglaís que me acompanhava muito bem nessas perspectivas.

Ao fazer dessa forma, ultrapassei o modelo utilizado e, em alguns momentos, pude levar adiante empreendimento com grupos maiores, apesar de em outras vezes não ter sido possível. No Governo Jânio Quadros, foi promovida uma ação de grande dimensão e dinamismo, que tinha por objetivo fazer empréstimos para os pequenos agricultores. O Banco do Brasil deveria mobilizar este projeto; aliás, um projeto que não deu tempo de ser aplicado no tempo de Jânio, em função da sua saída da Presidência da República. Como direi adiante, Miguel Arraes aproveitou a ideia e aplicou totalmente esta ação durante o seu Governo aqui em Pernambuco.

Em meu papel de Extensionista, dirigi-me ao gerente do Banco do Brasil de Garanhuns para apoiá-lo nessa ampla ação que se descortinava e estava sendo implantada, por ter ficado ciente da sua grande preocupação para uma ação deste quilate. Passamos a combinar a nossa integração; eu estava colocando o serviço de extensão como uma grande força de apoio nesta grande mobilização dos agricultores. Estávamos entusiasmados. Contei ao supervisor estadual, no entanto, o mesmo não acatou a ideia, e sua decisão foi para mim uma enorme decepção pessoal e profissional, mas, sobretudo, um desastre para uma verdadeira dinâmica de Extensão Rural naquilo a que a Extensão se propõe: desenvolvimento da população rural em geral.

Em 1967, durante um grande encontro de Extensão Rural, contei este fato ao Engenheiro Agrônomo, Dr. Pedro Menezes Colli, alta categoria da extensão na época e assessor nacional, que estava coordenando esse encontro no Cetreino. Ele ficou decepcionado, sem citar nomes, no plenário desse evento, contou este fato como situações altamente prejudiciais ao avanço de uma Instituição que se dispõe ao desenvolvimento rural.

## **EXPERIÊNCIAS INESQUECÍVEIS NA EXTENSÃO RURAL**

Lembrar coisas e fatos inesquecíveis é sempre muito bom. Ainda na ANCAR, certa vez, fiz uma viagem com os agricultores no jeep de Garanhuns para Caruaru a fim de conhecer uma exposição de animais, e comecei a fazer o grupo não olhar apenas para dentro, mas também para fora das coisas. A partir dessas necessidades, fui desativando o crédito agrícola, o financiamento, pois perdia muito tempo fazendo os contratos para meia

dúzia de agricultores, quinze no máximo, e fui passando eles direto para o banco, levava os mutuários do meu escritório da ANCAR para o banco, e fui transformando o meu trabalho num trabalho comunitário. Num trabalho de mobilização de campo, hoje, tenho consciência disso. Tem algumas que me emociono só de lembrar. A primeira delas se passou na comunidade de Jardim.

A partir dessa ação, fui sentindo que a Extensão Rural era um serviço de atendimento básico que incluía as grandes mobilizações. Para mim, foi o ponto fundamental da minha tomada de posição, daí por diante em minha vida, para agir junto à força do povo, considerando suas potencialidades, sua história e sua condição de preservador da cultura. Concluí que nós, Extensionistas, tínhamos que ouvir a todos e caminhar com eles na solução dos seus problemas básicos. Alcancei esse objetivo quando passei a ser Professor de Extensão Rural na UFRPE, em função da autonomia que pude utilizar nas minhas ações com os alunos.

## COMUNIDADE DE JARDIM, GARANHUNS, PERNAMBUCO

Certa ocasião fui fazer uma reunião de planejamento com a comunidade de Jardim, em Garanhuns, onde trabalhava, e ouvi que a maior necessidade era: “aumento do barreiro para evitar falta d’água no verão”, isso vinha se repetindo em todas as reuniões de planejamento. Então perguntei: “como é essa história? Vamos fazer esse açude!” E eles disseram: “era tão bom se a gente conseguisse, mas não tem jeito. Ninguém quer fazer, porque aqui a gente chama para ajudar a fazer limpeza no barreiro pequeno onde algumas pessoas tiram água e não vem ninguém. Como é que o Senhor quer fazer um aumento para transformar um barreiro que tem aqui perto num pequeno açude para que a água seja bem limpa e não falte no verão? Não vai ser possível.” Aí eu disse: “isso pode ser feito, e será se todos vocês quiserem.” Meu entusiasmo contagiou os homens presentes e o grupo começou também a se entusiasmar.

E esse foi meu primeiro grande empenho trabalhando com centenas de pessoas que se revezavam em turmas diárias na cavação de um açude por cerca de três meses. O líder da comunidade acatou a ideia e ofereceu a escolinha da casa dele, porque sua filha era professora, e a gente passou a se reunir ali. Em uma das reuniões, alguém falou no bispo Dom José Adelino Dantas<sup>7</sup>, conhecido como “O Bispo Agricultor”; aproximei-me dele e nos

7 Dom José Adelino Dantas, natural de São Vicente, Rio Grande do Norte, RN. Transferido para Garanhuns em 10/5/1958, pelo Papa Pio XII, tomou Posse na Diocese de Garanhuns em 13/9/1958 como seu 6º Bispo, ali permanecendo até 12/5/1967. Governou a Diocese de Garanhuns durante 8 anos, 8 meses e um dia e teve como Lema: “*In finem dilexit*” (Amou até o fim) João 13,1.

juntamos em prol daquela comunidade. Dom Adelino Dantas era dos troncos do Rio Grande do Norte, de onde a família da minha mãe era proveniente. Então, eu disse: “Dom Adelino, temos aí uma empreitada séria para resolver. Construir um açude com o povo para resolver o problema da água deles. O Senhor aceita esse desafio e trabalha comigo junto desse povo?”

Na primeira reunião organizada para a construção desse açude, levei o bispo e foi a maior surpresa: já imaginou um bispo, uma autoridade religiosa no início da década de 60, para ser mais preciso no ano de 1961, participando de uma reunião com a comunidade? Um bispo que vivia no interior caminhando pelas comunidades. Esse bispo foi comigo no jeep até a escolinha para se reunir com os homens (engraçado, na época, eram os homens separados das mulheres, diferente do que ocorre hoje, em que tudo é misturado). Minha colega de trabalho, Aglaís, ficou com as mulheres conversando sobre o açude e sobre outras questões de interesse para elas e ficaram responsáveis pelas comidas. Enquanto isso, estávamos nós, eu, o bispo e os homens falando e incentivando a mobilização. A partir dali, os homens foram tomando energia e se animando: “é mesmo, a gente vai fazer!”. Aí, o bispo perguntou: “onde é isso? Vocês vão lá comigo agora?”, no que o bispo disse: “vamos lá ver onde é”, foi aquela ebulição.

Lá chegando, o bispo na frente e os homens em volta dele, falando: “aqui a gente cava e faz o açude!”, veio a pergunta: “como é que a gente vai fazer para se dividir e reunir tanta gente para cavar o açude?”

Diante de tanto entusiasmo, mas também de tanta incerteza, o bispo disse: “uma Missa campal. Se eu fizer aqui uma missa campal e vocês divulgarem a gente, nesse dia começa o trabalho!”. E assim foi. Quando a gente chegou lá no dia da Missa, havia um altar de palha de coco, muito rústico, um negócio lindo, naquele momento, tenho a impressão de que tinha cerca de mil pessoas. Na missa, ele exortou o povo a colaborar, a participar a cair no trabalho solidário, uma coisa emocionante. Trabalhou-se dois meses e meio cavando o chão todos os dias. O bispo trouxe o leite em pó americano, juntamente com o fubá, que era distribuído nos postos da igreja, e doou para o povo que estava trabalhando. Trabalhavam todos, inclusive trabalhadores não proprietários, mas alugados. Foi uma coisa linda! Ficaram fotografadas na minha mente essas cenas até hoje, quase sessenta anos depois!

É pena não ter tirado retrato. Eu não ligava para isso. Eu achava que tirar retrato e gravar era perda de tempo para o que eu estava fazendo. Em seguida, várias vezes em outras ocasiões importantes, levei a máquina fotográfica e até gravador, mas esquecia de registrar e na volta era que me lembrava. Eu me envolvia, era um dos envolvidos e esquecia de fotografar e gravar. Trabalhava como um deles, e todos eram principais.

O trabalho do açude foi maravilhoso. A cada dia, foi sendo qualificado e aprimorado, alguém dava uma ideia melhor. Achei bonito porque as turmas eram formadas de acordo com a disponibilidade de cada um. No primeiro dia, deveria ter ido uma turma única de umas dez ou quinze pessoas, mas foram em torno de cem pessoas, e aí deixei todo mundo trabalhando por ser um impulso natural na forma de agir do povo. Foi outra grande aprendizagem, seguir o dinamismo natural dos principais interessados na ação.

O açude ficou grande, bem cavado; quando choveu, ele encheu mesmo e nunca mais faltou água. Nunca mais ninguém bebeu água barrenta, o açude passou a abastecer a água para todos e ainda existe. Depois de vários anos, falei com um colega Agrônomo, porque fui também coordenador do Curso de Formação de Extensionistas do Cetreino<sup>8</sup>, quando funcionava no Engenho do Meio, e esse colega disse: “Rapaz, que coisa interessante, acompanhei os agricultores até o açude que um Agrônomo, Dr. Paulo Marques, tinha feito com eles a partir de um barreiro, mas agora esse açude já estava pequeno e eles queriam aumentar”. Veja que coisa! E esse colega me disse que agora nesse aumento do açude já se utilizou trator e foi uma facilidade enorme porque o povo lembrava-se da mobilização do meu tempo.

Na continuação dos trabalhos, foi organizado um leilão. O trabalho coletivo e solidário é assim, auto superativo. Durante nossa jornada para cavar o açude, um dia, o grupo me disse: “Tá muito ruim cavando com pá, enxada e picareta, se a gente botar dinamite aqui com pólvora, vai afrouxar a terra e aumentar muito a cavação. Precisamos de ferros grandes, pólvora e outros apetrechos mais”. E os agricultores sugeriram: “Vamos falar com Dom Adelino para rezar mais uma missa e deve vir muita gente pra assistir. Então, a gente podia fazer um leilão para arrecadar o dinheiro e comprar o material de que estamos precisando”. Organizou-se uma segunda missa. A primeira foi celebrada pelo Bispo Dom José Adelino, e essa segunda, pelo Monsenhor Tarcísio.

O objetivo principal do leilão era arrecadar dinheiro para comprar o material – a dinamite e outros apetrechos de que se precisava para o açude. Um dia, levei meu colega de turma, Antônio Gerson Eustáquio Guaraná, Técnico da SANBRA, para uma visita ao trabalho da cavação do açude. Ele sensibilizou-se vendo o povo na hora do almoço comendo apenas leite em pó com fubá americano. Autorizou-me a dar uma semana de carne verde como contribuição da SANBRA àquele trabalho comunitário.

---

8 O Centro de Treinamento, na época, priorizava os Cursos de Formação de Extensionistas. O Professor Paulo Marques era coordenador do Pré-Serviço de Extensão desse Centro e atuou como Instrutor da disciplina “Metodologia da Extensão Rural”, no período de 1966 a 1967.

A Água Mineral Serra Branca tomou conhecimento que a água para a preparação do leite em pó era barrenta e vinha de muito longe nos carros de boi. Autorizou-me também a buscar água nas suas fontes minerais da Serra Branca, o que foi feito até o final dos trabalhos.

Não vou entrar em detalhes, porque a gente perde muito tempo, mas digo qual foi o processo. Pelo meu temperamento social, gosto de estar com o povo – hoje tenho cada vez mais consciência disso – na época já tinha um bom relacionamento com a sociedade local e não lembro se fui sozinho, com os agricultores ou com minha colega de equipe, mas lembro que passei nas lojas de Garanhuns pedindo prêmios para o leilão que seria realizado após a missa. Os comerciantes doaram vários prêmios e a comunidade doou alguns quitutes para serem sorteados.

Meu amigo Abelardo, dono da Fábrica Paraguaçu, doou um arado para o leilão. No dia do leilão para a arrecadação de fundos para acelerar a cavação do açude, fui ao SESC de Garanhuns e convidei várias pessoas que lá estavam hospedadas para participarem da 2ª Missa do Açude e do referido leilão, oferecendo a eles através da ANCAR, uma oportunidade de lazer, além de conhecer aquele trabalho comunitário.

Foi curioso, também, porque alguns fazendeiros participaram da missa celebrada pelo Monsenhor Tarcísio, Pároco de Garanhuns e, durante o leilão, quem ganhou o arado foi justamente um desses proprietários ricos, Pedro Bezerra, e este senhor teve um gesto que emocionou a todos, devolveu o arado para que houvesse nova oportunidade e uma pessoa humilde, finalmente, arrebatou o arado. Como o intuito era cavar e esperar o inverno chegar para encher de água e usar, não houve nenhuma formalidade. Eu não perdia tempo em divulgar os trabalhos da Extensão Rural, no entanto, esse trabalho do açude me conceituou muito na área. A partir daí, fui promovido a Supervisor, não era mais apenas aquele Extensionista que dava assistência aos agricultores, aos grupos e às comunidades.

Minha atuação junto à comunidade de Jardim, contando com a parceria do Bispo Dom José Adelino, trouxe credibilidade para desenvolver trabalhos futuros de Extensão Rural. Lembro de Dom Adelino e da sua disponibilidade e dedicação para trabalhar pelo homem do campo, pelo pequeno agricultor. Lembro a “Oração do Agricultor”, de autoria daquele Bispo tão querido pelo povo, ao qual me apeguei como a um irmão. Essa oração era distribuída aos fiéis que frequentavam a igreja, mas, sobretudo, distribuída para toda a comunidade de agricultores da região e ele, em sua benevolência, autorizava a impressão e a distribuição.

Ainda lembro que ela dizia mais ou menos assim:

“Deus Onipotente, que quiseste ser chamado agricultor por Vosso Divino Filho Volvei sobre nós vosso olhar paternal e escutai as preces de vossos filhos agricultores...

Trazemos para Vós os frutos do nosso trabalho, o suor dos nossos rostos, os calos de nossas mãos, o sacrifício de tantas horas suportadas no calor e no frio sobre os instrumentos de nosso labor, buscando o pão que mata a fome e a água que mata a sede.

Recebei, Senhor, a nossa filial oblação e o nosso agradecimento. Em troca, queremos a Vossa Bênção para nós e nossas famílias, nossos campos e roçados...

A coragem de trabalhar, a condição de uma vida digna e cristã, o amor para nosso próximo, o respeito para com a vida alheia...

A Graça para nossas almas e a saúde para nossos corpos.

Que a beleza dos campos e os frutos das lavouras cantem conosco este hino de Ação de Graças.

... Amém”

Era bonito ver os agricultores reunidos, rezando aquela oração com a fé que é característica do povo do interior, do matuto em sua pureza sem igual. E lembro que presenciar aquele ato comunitário sempre me tocava o coração e ainda hoje ao lembrar me emociona muito.

## COMUNIDADE DE MIMOSINHO, GARANHUNS, PERNAMBUCO

Naquela altura, queria mostrar quem eu era, o que sabia fazer e, principalmente, que era um Extensionista nato. Tomei como desafio não a mim mesmo, porque para mim não era um desafio e sim uma certeza, mas um desafio para mostrar a eles. A partir daí, elevei a ANCAR em Garanhuns para o nível das grandes Instituições nacionais que eram convidadas para os grandes eventos da cidade, o que nunca tinha acontecido anteriormente. Deixei de ser o Extensionista que trabalhava com uma moça do lado, num jeep que ninguém sabia o que fazia. Passei a ter o meu trabalho de extensão respeitado e a ser convidado para solenidades, para a inauguração do Hotel do Sol em Garanhuns, para participar de banquetes oferecidos às autoridades etc.

Fui convidado para ser o Orador da Páscoa de Garanhuns no Colégio Diocesano, com a presença do Bispo Dom José Adelino, com a presença do Prefeito de Garanhuns e outras Autoridades. Nessa solenidade, o Supervisor

Regional da ANCAR, Ari Dantas de Lima, estava presente em uma das mesas, ouvindo o meu discurso. Ao final, fui muito cumprimentado, inclusive pelo Reitor do Seminário Dominicano, Padre Pitiar.

Passsei a conhecer todo mundo em Garanhuns e todo mundo passou a conhecer e reconhecer o meu trabalho. Aí eu era um profissional consciente. Estava investindo mesmo. Dois anos depois, fui promovido e assumi a Supervisão Regional e comecei a inovar. No lugar de fazer supervisão individual no escritório, combinei com minha colega para fazer supervisões grupais.

Certo dia, um grande personagem da história da extensão, Pedro Menezes Coli, Assessor Nacional de Extensão, ao tomar conhecimento do meu trabalho, ficou muito admirado por eu estar fazendo essas inovações, e disse que eu era um quebrador de paradigmas. Essa afirmação de Pedro Menezes representou o que realmente aconteceu em Garanhuns, levantei a ANCAR naquele Município.

Um dia, fui visitar o governador eleito da Paraíba, Pedro Gondim, que estava descansando em Garanhuns no período pós-eleitoral, com a família e alguns assessores políticos em Garanhuns. Chegando ao Hotel onde o mesmo estava hospedado, consegui uma oportunidade para conversar pessoalmente com ele. Falei-lhe sobre o trabalho de Extensão e ele ficou entusiasmado. Foi uma oportunidade maravilhosa. Então o convidei: “O Senhor que conhecer o nosso trabalho? Quer dar um passeio?” Ele aceitou, e eu o levei para conhecer a comunidade de Mimosinho, onde tínhamos trabalhos sociais e específicos com adubação e cafezais.

Nessa visita, o governador foi acompanhado pela mulher e seguido por mais três automóveis. Toda a comitiva foi até a comunidade. A comunidade tinha sido comunicada sobre a visita, e Purezinha, grande líder de desenvolvimento de ações, junto com Aglaís, minha colega de equipe, prepararam as senhoras para receberem as autoridades da melhor forma possível. E correu tudo bem. A visita foi fotografada e eu tenho as fotos e as notícias dos jornais! A comitiva do governador foi recebida regiamente, conheceu o trabalho e também se divertiu bastante.

O trabalho em Mimosinho se processou numa estruturação geral ampla com vários momentos, como a assistência técnica, financiamento bancário, atividades de grupo, articulações com entidades e ações comunitárias, etc. A visita do governador não foi um momento estrutural de trabalho, mas de grande repercussão para o conceito da ANCAR. Em Mimosinho, até com alguns trabalhos agrícolas, fiz uma “demonstração de resultados”. Um trabalho de alto sentido como método e como conhecimento.

Empolgados, os membros da comitiva do governador observavam com uma curiosidade apurada e, assim, a visita se estendeu também ao cafezal

de José Queiroz, esposo de Purezinha, com o assessoramento do colega Aroldo, um cultivo agronomicamente orientado de quarenta pés de café dentro de um velho cafezal. Com pouco tempo, esse grupo de café destacava-se como se fosse um jardim exuberante. Fiz coisas dessa ordem que a minha mente só alcançou muitos anos depois, quando eu já estava aqui na universidade. Vi que a extensão rural no nosso meio se constituía num serviço de mobilização popular e de organização de trabalhadores. Na minha compreensão, nos Estados Unidos, de onde foi trazida, a extensão tende a ser um órgão de assistência técnica, porque o povo rural naquele país estava todo organizado em clubes, grupos, cooperativas, etc. Lá, a extensão foi criada como uma estrutura dentro da universidade, ao lado da pesquisa e do ensino. As universidades do meio oeste nas terras tomadas dos índios foram doadas ou vendidas a baixo custo aos agricultores, que passaram a receber assistência técnica das universidades.

Aqui no Brasil, ela chegou fora da universidade, por conta própria.

Por isso, comecei intuitivamente a desenvolver uma extensão rural voltada para as exigências do nosso desenvolvimento rural, que exigia, fundamentalmente, em primeiro plano, a organização dos pequenos agricultores. Minha aproximação com o exímio comunicador rural Juan Diaz Bordenave<sup>9</sup>, paraguaio-brasileiro, muito me capacitou a estas visões teóricas fundamentais.

## **PARTICIPAÇÃO NO GOVERNO MIGUEL ARRAES DE ALENCAR**

No governo de Miguel Arraes, tive a honra de ser convidado por ele para ser diretor técnico do Grupo Executivo de Produção de Alimentos – GEPA –, órgão criado por Miguel Arraes no governo de Pernambuco entre 1963 e 1964, a menina dos olhos do seu governo. Foi um trabalho de mobilização popular de agricultores sem terra ou com pouca terra, de todo o Estado de Pernambuco, articulado num grande convênio com o Banco do Brasil para livrar os agricultores da dependência do latifundiário e do agiota. O projeto previa que o Banco do Brasil teria como papel emprestar dinheiro a todos os agricultores para que segurassem suas safras e pudessem vender sem o intermediário. E Miguel Arraes fez isso.

Miguel Arraes tinha lido o livro de Manoel Corrêa: “A terra e o homem no Nordeste”; depois, já governador, o convidou para Superintendente do GEPA. Aceito o convite, Manoel Corrêa me convidou para compor com ele a citada diretoria na condição de Diretor Técnico, e convidou Inácio Farias,

---

<sup>9</sup> Pedagogo, educador e comunicador paraguaio. Estudou Agronomia, na Argentina, fez Mestrado em jornalismo agrícola e PhD em Comunicação pela Michigan State University, EUA. Especialista em comunicação agrícola. Autor de diversos livros. Nasceu em 1926 e faleceu em 2012.

técnico de alto nível da Sudene, para diretor administrativo. No GEPA, nós, os três diretores, nos complementávamos, éramos companheiros. Não tínhamos protocolo.

Fiz o plano de comunicação do nosso pessoal com os agricultores, infelizmente, não tenho esse documento. As nossas equipes de campo para os contatos iniciais com as comunidades eram formadas por rapazes e moças do movimento de cultura popular, orientados por Paulo Freire e outros grandes educadores.

Como as equipes de funcionários do Banco do Brasil eram insuficientes para a magnitude do trabalho, foi necessário reforçar e aumentar a equipe do Banco do Brasil, com a contratação de mais de cem contratados temporários. Montamos equipes de trabalho formadas por rapazes e moças em vários municípios de jurisdição do Banco, os gerentes aceitavam ou não, era totalmente democrático. Apenas dois ou três gerentes não aceitaram o convite, pois a aceitação deveria ser espontânea. Essa mobilização, baseada no projeto de Jânio Quadros de financiamento popular<sup>10</sup>, foi retomado por Miguel Arraes com o Banco do Brasil em Pernambuco.

Essas equipes foram compostas a partir de anúncio publicado nos jornais locais, convocando pessoas para trabalharem com financiamentos, o que acarretou uma avalanche de gente desempregada, e a seleção foi feita rapidamente por mim, Manoel Correia e Inácio. Então havia dois tipos de equipes: uma para reforçar as agências do Banco do Brasil e outra para fazer a divulgação do trabalho junto aos agricultores nas comunidades, marcando com o Banco o dia e a hora em que os funcionários iriam fazer os atendimentos. E assim foi feito. Os funcionários do Banco do Brasil, com nossas equipes, com os formulários e outros documentos, que atendiam muitos agricultores que eram moradores de latifundiários que tinham que autorizar que esses agricultores trabalhassem na terra. Não houve dificuldade quanto a isso.

Esse trabalho continuou até a saída de Arraes. Foi um negócio! O Banco do Brasil, até aquela data, havia feito 5.000 empréstimos, a maioria a grandes agricultores, enquanto que, de janeiro a abril de 1963, o GEPA fez com pequenos agricultores 30.000 contratos. No ano seguinte, repetiu-se o mesmo total de contratos, formando ao todo 60.000 contratos. O agricultor recebia o dinheiro e aplicava em sua agricultura, e o melhor, pelo cálculo do Banco do Brasil, o desperdício não atingiu o índice que eles têm como normal de

---

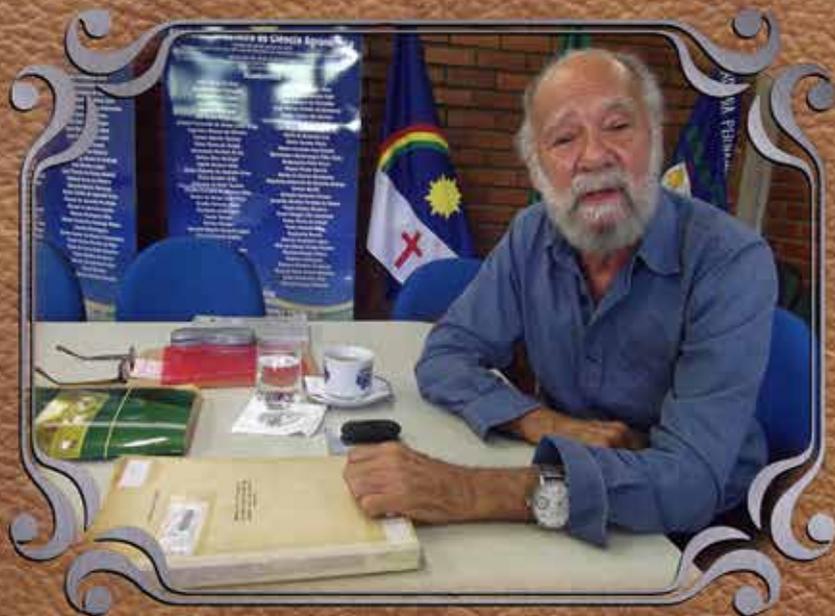
100 Presidente Jânio Quadros teve grande preocupação com as questões relacionadas ao campo e no início do seu governo instituiu um grupo de estudos com a finalidade de analisar essa temática. Como resultado o Banco do Brasil criou unidades móveis de Crédito Rural - Unidades Móveis de Crédito - Movec, cujas equipes se deslocavam às zonas que não eram servidas por agências bancárias para conceder crédito in loco aos produtores de menor porte e que tinham dificuldades para se locomover.

perda – para você ver a seriedade que o pequeno agricultor tinha para com o dinheiro público. Todo mundo pagou! O GEPA não tem nada registrado, mas foi um trabalho fenomenal. E nem dá para descrever o que aconteceu de companheirismo, de entusiasmo, de seriedade e mobilização em todo Estado de Pernambuco. O GEPA não teve problemas de prestação de contas para a comissão do governo militar, que foi fazer um levantamento do nosso trabalho. Prestei serviços como Diretor Técnico do GEPA de 03 de setembro de 1963 a 28 de fevereiro de 1965, conforme Declaração de Prestação de Serviços que integra meu Arquivo de Documentos Pessoais.

Com a desativação do GEPA, fui nomeado Agrônomo da Diretoria de Produção Animal da Secretaria de Agricultura, entrei numa outra grande Campanha de Mobilização – A Campanha da Operação Vaquinha - no governo Paulo Guerra que tinha substituído Arraes no governo do Estado. A partir daí, terminei de conhecer o resto do Estado de Pernambuco e continuei a fazer aquilo que sempre quis: uma Kombi, um motorista, e a partir daquele momento um auxiliar de veterinária e um escrivão para fazer o contrato de financiamento do Bandepe. Todo um esquema vasto de uma ação extensionista de alto sentido popular. Essas lembranças de hoje são o relato do alicerçamento das minhas memórias.

Minha vida de Extensionista Rural teve 04 grandes pilares: o primeiro grande pilar foi o Engenho Sapucagi em Escada. O segundo grande pilar foi a ANCAR em Garanhuns. O terceiro grande pilar foi o GEPA com o compromisso público do Estado para com o homem do campo. Posteriormente, o quarto e último grande pilar aconteceu na UFRPE, através da Extensão Universitária, aliada à Extensão Rural.

## Baú da memória I



Figuras 6 e 7 – Paulo de Moraes Marques durante as Rodas da Memória, realizadas em 30 de abril e 15 de maio de 2013, na Biblioteca Central da UFRPE.

Fonte: Acervo Fotográfico do Projeto Roda da Memória



# O ENCONTRO DO AGRÔNOMO EXTENSIONISTA COM A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E A EXTENSÃO RURAL NA UFRPE



Continuando a lembrança da minha vida profissional, nessa Roda da Memória de hoje, chego ao momento em que reencontrei a Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)<sup>11</sup>, em 1970, agora, na qualidade de egresso do Curso de Agronomia, já profissional, Engenheiro Agrônomo Extensionista com uma vasta experiência. Esse reencontro aconteceu durante o reitorado do Professor Adierison<sup>12</sup>, cujo plano de trabalho se denominava “A caminhada seguindo o sol”, através do qual planejava implantar o *campus* da Universidade no interior do Estado de Pernambuco<sup>13</sup>. Essa proposta de interiorização contemplava, também, a instalação de Núcleos, denominados Núcleos de Integração e Desenvolvimento da UFRPE (NID’S-UFRPE)<sup>14</sup>. Pois bem, chegando na Universidade, fui muito bem recebido

11 A Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) tem sua origem nas Escolas Superiores de Agricultura e Medicina Veterinária São Bento, criadas por um grupo de Monges alemães da Ordem Beneditina do Mosteiro de São Bento de Olinda, Pernambuco, liderados por Dom Pedro Roeser, fundadas em 1912. A princípio, localizada no prédio anexo ao Mosteiro em Olinda, teve suas atividades iniciadas em 1º de fevereiro de 1914, posteriormente, o Curso de Agronomia foi transferido para o Engenho São Bento, no Vale do Tapacurá, em Taperá, Pernambuco, enquanto o Curso de Medicina Veterinária continuou em Olinda até 1926, quando foi fechado por baixa demanda. Na década de 30, a escola foi desapropriada pelo governo do Estado e passou a denominar-se Escola Superior de Agricultura de Pernambuco (ESAP), vindo a ser transferida em 1938 do Engenho São Bento para o bairro de Dois Irmãos, no Recife. A partir de 1947, passou a chamar-se Universidade Rural de Pernambuco (URP). Em 1955 foi federalizada através do Decreto Federal nº 60.731. Em 1967, passou a denominar-se Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).

12 Adierison Erasmo de Azevedo, Engenheiro Agrônomo pela Escola Superior de Agricultura de Pernambuco (ESA) da Universidade Rural de Pernambuco (URP), Professor e Reitor da UFRPE no período de 11 de dezembro de 1969 a 08 de agosto de 1973. Em seu discurso de posse na reitoria da UFRPE, em 13 de novembro de 1969, lançou a ideia da interiorização da Universidade como meta principal da sua administração - A “*caminhada seguindo o sol*” da Universidade Federal Rural de Pernambuco -, através da qual pretendia marchar do litoral para o agreste e o sertão de Pernambuco”. Consultar: AZEVEDO, Adierison Erasmo de. A “*caminhada seguindo o sol*” da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Recife: EDUFRPE, 2007. 147 p.

13 Em 1969, em seu discurso de posse, o reitor Adierison sugeriu a criação de 08 *campus*: **Campus das Ciências Básicas, Letras Ciências Humanas**, em Recife/Dois Irmãos; **Campus da Fitotecnia I e Estações Experimentais Correlatas**, em Recife/Dois Irmãos; **Campus da Fitotecnia II (Cana-de-Açúcar)** em Barreiros; **Campus Tecnológico (ou da Engenharia Florestal)**, em Goiana, entre os quilômetros 47 e 50 da BR-101, frontal à entrada para Pontas de Pedra; **Campus da Ciência Animal (Zootecnia, Medicina Veterinária, Indústria Animal, etc)**, em Garanhuns; **Campus da Lavoura Seca I**, em Afogados da Ingazeira; **Campus da Lavoura Seca II**, em Serra Talhada; **Campus da Hidrologia (Lavours Irrigadas)**, em Petrolina.

14 Idealizou também a criação de 07 Núcleos de Integração e Desenvolvimento (NID’S-UFRPE), os quais, segundo sua proposta, atuariam como células germinadoras de futuros *campi* da Universidade nas sete cidades-polos das zonas fisiográficas do Estado de Pernambuco. Tendo como objetivos a integração dos esforços da UFRPE com as comunidades locais e como funções precípua: Apoiar as atividades de ensino fundamental através da participação de técnicos de nível superior com Licenciaturas para, mediante Convênio, participarem do ensino dos Cursos Colegiais das cidades-polos; Apoiar cursos especiais e de extensão universitária, nele realizados; Servir de base de



por Marcos Diniz, apresentou-me ao Reitor, fui admitido como Engenheiro Agrônomo e nomeado Diretor do 1º Núcleo de Integração e Desenvolvimento Rural da UFRPE (NID-UFRPE)<sup>15</sup>.

Comecei a trabalhar, assumindo esse cargo em comissão do Núcleo, que estava previsto para ser instalado em Petrolina e, tal qual os demais, ainda se encontrava em formação, seguindo os processos de contatos com as Prefeituras e as exigências protocolares. Foram nomeados para os demais Núcleos os colegas Isaac Pereira, para o 2º Núcleo e Ana Asfora, para o 3º Núcleo. Isso aconteceu no final de 1970. O ano de 1971 foi muito dinâmico, nós, diretores dos NID'S, visitamos os Municípios do interior com o intuito de instalar, oficialmente, os mesmos, mas era preciso aguardar as exigências burocráticas das assinaturas dos convênios entre as Prefeituras e a Universidade.

Nesse intervalo, Marcos Diniz, com seu dinamismo, sugeriu ao Reitor Adierson que poderíamos promover Jornadas Universitárias nos municípios do interior do Estado. Para tornar realidade essa ideia, naquele ano de 1971, foi criada a Coordenação de Atividades de Extensão – COATE, a célula *mater* da Pró-Reitoria de Extensão da UFRPE. A COATE era dinâmica e, a partir da sua criação, possibilitou que a Universidade se movimentasse pelo interior através da organização das Jornadas Universitárias, levando professores, alunos e técnicos para os municípios do interior, ali permanecendo durante uma semana para ministrar cursos, palestras, eventos e dar assistência técnica àquelas comunidades. Realizamos diversas atividades. Gostaria de deixar registrado nessas memórias que esse foi um trabalho excepcional da Universidade, que nos emocionou e nos deu oportunidade de romper a fronteira do *campus* da Universidade para encontrar o homem do campo<sup>16</sup>.

Levamos a Jornada Universitária para Afogados da Ingazeira, Surubim e Taquaritinga, entre outros municípios. Em Afogados da Ingazeira, no encerramento de uma dessas Jornadas no cinema local com transmissão pela

---

apoio para campanhas de esclarecimento e divulgação sobre as vantagens de alguém ser aluno da UFRPE; Servir de sede de realização de Exames Vestibulares; e, Desenvolver atividades culturais nas cidades de sua jurisdição. Maiores informações, consultar: AZEVEDO, Adierson Erasmo de. Estratégia da interiorização da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Conferência pronunciada para a Assembleia Legislativa de Pernambuco, no Salão Nobre da UFRPE, em 14 de setembro de 1971, p. 105-123. In: \_\_\_\_\_ A “caminhada seguindo o sol” da Universidade Federal Rural de Pernambuco. Recife: EDUFRPE, 2007. 147 p.

15 A Portaria nº 243/70-GR de 05 de novembro de 1970, o nomeia Diretor do 1º Núcleo de Integração e Desenvolvimento da UFRPE, criado pelo Decreto nº 66.725, de 16 de junho de 1970, e a Ordem de Serviço nº 232/70-GR, o designa para responder pelo mesmo Núcleo. Ambas integram a pasta funcional de Paulo de Moraes Marques, disponível na Divisão de Registro Funcional da Superintendência de Gestão e Desenvolvimento de Pessoas, SUGEP-UFRPE.

16 Ainda no ano de 1971, Paulo Marques participou da “Operação Cívico-Social Azul e Branco”, promovida pela 7ª Companhia de Comunicação do IV Exército, Recife-PE. Foi também Coordenador e Professor da Disciplina “Estudos de Problemas Brasileiros”, no Curso de Formação Pedagógica em Ciências Agrícolas. Nesse mesmo ano, foi Professor de “Cursos de Desenvolvimento Pessoal e Expressão em Público”, promovidos pela COATE/UFRPE.

Rádio Pajeú de Afogados da Ingazeira, fui o locutor do evento. Tive a alegria de atuar como coordenador adjunto da 1ª Jornada Universitária que realizamos em Surubim, Pernambuco, promovida pela UFRPE em parceria com a LBA. Participei, juntamente com Marcos Diniz, da Comissão Executiva do II Encontro Estadual de Cooperativismo, realizado na Rural, visitei o Município de Garanhuns para contatos com Núcleos da FEBEM. Em novembro daquele ano, fui designado pelo Reitor para substituto eventual do Coordenador das Atividades de Extensão da UFRPE, função exercida por Marcos Diniz, durante seus impedimentos<sup>17</sup>.

Naquele tempo, a UFRPE vivia um período complicado, o reitorado de Adierison, vamos dizer assim, estava desgastado e, infelizmente, não conseguiu implementar sua proposta. Seu reitorado finalizou antes do término do seu mandato. Mas sua ideia foi muito avançada e grandiosa, além do seu tempo, fato comprovado através das sementes que germinaram anos depois<sup>18</sup>. É importante registrar que o ano de 1972 foi marcado por mudanças na Universidade e, com a saída do Reitor Adierison, assumiu seu Vice-Reitor, o Prof. Murilo Carneiro Salgado<sup>19</sup>, uma pessoa magnífica, um ser humano excepcional que, hoje em dia, com quase noventa anos, não falta a um almoço mensal promovido pela Associação Amigos da Rural, da qual é presidente. 1972, como podemos observar, começou com muita movimentação no *campus* e nós, diretores dos NID'S, continuamos as visitas aos Municípios de Garanhuns, Surubim e Salgueiro com o intuito de instalar oficialmente os

17 A Portaria nº 84/71-GR, de 22 de julho de 1971, o designa substituto eventual do Coordenador das Atividades de Extensão da UFRPE, durante seus impedimentos; a Ordem de Serviço nº 149/71-GR, de 15 de setembro de 1971, autoriza sua participação na Comissão Executiva do II Encontro Estadual de Cooperativismo, realizado na UFRPE e a Ordem de Serviço nº 156/71-GR, de 24 de setembro de 1971, homologando seu afastamento da sede para Garanhuns a fim de contatos com a FEBEM, integram a pasta funcional de Paulo de Moraes Marques, disponível na Divisão de Registro Funcional da Superintendência de Gestão e Desenvolvimento de Pessoas, SUGEP-UFRPE.

18 Em 2005, o Reitor Valmar Corrêa de Andrade, em seu primeiro mandato, iniciou o processo de interiorização dos Cursos da UFRPE, atendendo ao chamamento do Governo Federal, adotou o lema **DO LITORAL AO SERTÃO** e fundou a Unidade Acadêmica de Garanhuns (UAG), localizada no agreste pernambucano, a primeira do país realizada pelo programa de expansão e interiorização das universidades federais, proposto pelo Governo de Luís Inácio Lula da Silva. Em 2006, foi a vez de o sertão ser contemplado com mais uma expansão de interiorização, inaugurava-se a Unidade Acadêmica de Serra Talhada (UAST). Existe também a Unidade Acadêmica do Cabo de Santo Agostinho, com os cursos de engenharia e outras graduações. Esse processo, pode-se afirmar, representa quase a atualização da proposta de interiorização do ex-Reitor Adierison Erasmo de Azevedo. A Universidade, além de manter seu *campus* em Dois Irmãos, no Recife, onde concentra as atividades de ensino, pesquisa e extensão, oferece cursos de graduação e pós-graduação *lato sensu* e *stricto sensu*. Mantém no município de São Lourenço da Mata o Colégio Agrícola Dom Agostinho Ikas (CODAI) que oferta cursos de Ensino Técnico, além de Estações Avançadas distribuídas em diversos Municípios pernambucanos.

19 Natural da Cidade de Ubá, Estado das Minas Gerais, o Professor Murilo Salgado Carneiro, Médico Veterinário formado na turma de 1949, pela Escola Nacional de Veterinária (atual UFRRJ), é Professor Titular da UFRPE. Com o afastamento do Reitor Adierison Erasmo de Azevedo em virtude de problemas entre o Ministério da Educação e a UFRPE, o Professor Murilo Salgado, na qualidade de Vice-Reitor, assumiu a Reitoria até a posse do novo titular em setembro de 1974. Posteriormente, ainda como Vice-Reitor, voltou a assumir a reitoria no período de 20 de setembro de 1982 a 20 de janeiro de 1983. Anos depois, recebeu o Título de Professor Emérito da UFRPE, concedido pelo Conselho Universitário da Instituição.

Núcleos, mas era preciso aguardar as exigências burocráticas das assinaturas dos convênios entre as Prefeituras e a Universidade.

Voltando no tempo, fiquei com a impressão de que o Professor Murilo, ao assumir a Reitoria naquele momento difícil, dentre outras importantes decisões, precisava desativar definitivamente os Núcleos de Integração, retomou a Universidade de forma mais objetiva e cumpriu o restante do mandato da melhor forma. Ele foi competente, deixando as atividades fluírem, e aí chegou o momento da extinção dos NID'S com a exoneração dos diretores nomeados. Certo dia, o Professor Nery, Engenheiro Agrônomo e docente de destaque, além de muito querido da Agronomia, chegou à COATE como emissário do Professor Murilo, olhei e senti que ele estava com uma missão pesada, difícil, uma missão muito delicada. Vinha acabar definitivamente com os Núcleos, demitindo os diretores nomeados.

Quando percebi que esse era o motivo, pedi a palavra e facilitei, dizendo: “Olha Nery, estou sentindo que os Núcleos não vão mais continuar e, apesar de alguns diretores terem sido oficialmente nomeados, vou facilitar sua missão. Eu tenho uma aprovação no Concurso para Auxiliar de Ensino para Extensão Rural, feito em 1971, esse é um concurso que continua válido porque requeri a minha nomeação em tempo hábil, mas não fui nomeado, e continuei trabalhando na COATE com Marcos Diniz. Isaac também é aprovado em concurso e pode ser também aproveitado, e Ana Asfora é Assistente Social também aprovada em concurso. Seria uma solução possível todos nós sermos nomeados e tomarmos posse? ” Ele então disse que iria estudar o assunto para verificar se essa poderia ser a solução.

A não nomeação no Concurso tinha me decepcionado, porém, continuava fazendo o que mais gostava de fazer: Extensão<sup>20</sup>. Nery ouviu com atenção e, ao sair da COATE, dirigiu-se ao Instituto de Ciências Humanas (ICH) para falar com o diretor, Luiz de Góes Vieira, levando o assunto e buscando uma solução. Depois, chamou-nos para conversar e falou que nossa situação estava sendo resolvida<sup>21</sup>. A partir de então, passei a ser docente do Departamento de

20 Dentre as atividades, foi Coordenador e Professor da disciplina “Estudos de Problemas Brasileiros” no Curso de Formação Pedagógica em Ciências Agrícolas (1971); Professor de Cursos de Desenvolvimento Pessoal e Expressão em Público, promovido pela COATE/UFRPE (1971); Participando, sobretudo, das ações junto ao Projeto Rondon, seja como Professor ou Coordenador (1971/1975); Professor de Geografia do Colégio Agrícola Dom Agostinho Ikas – CODAI (1974); Professor de Geografia Física e Humana do Brasil no Curso de Licenciatura em Educação Moral e Cívica (1974). Paralelo a todas essas ações, participou efetivamente das Jornadas Universitárias promovidas pela COATE, atuando, inclusive, como Coordenador Adjunto da I Jornada Universitária realizada em Surubim (1973) e Coordenador do Setor de Educação da II Jornada Universitária realizada em Afogados da Ingazeira (1973), ambas no Estado de Pernambuco. Em 1974, planejou, coordenou e executou o Treinamento para Dirigentes e Líderes das Cooperativas Mistas de Trabalhadores Rurais de Pernambuco, ligadas à Federação das Cooperativas Mistas de Pernambuco – FECOMIPE.

21 A Portaria nº 41/74-GR, de 22 de fevereiro de 1974, concede sua exoneração do cargo em comissão de Diretor do 1º NID – Núcleo de Integração e Desenvolvimento da UFRPE e a Portaria nº 264/74, de 30 de outubro de 1974, o

Educação<sup>22</sup>, onde fui dar aula ao lado dos colegas da disciplina de Extensão Rural: Marcos Diniz, Luiz de Góes Vieira e Pedro Paulo de Araújo<sup>23</sup>.

É interessante observar como as coisas tomam um caráter e uma inversão positiva diante da nossa postura perante a vida. Nessa hora, aquela situação que inicialmente apresentava um resultado negativo para nós transformou-se em algo positivo. Conseguimos a salvação, apesar da iminente demissão, e todo o grupo foi aproveitado. O Reitor Murilo aceitou muito bem a sugestão que Nery apresentou, nos nomeou e resolveu eticamente a situação de forma benéfica para a Rural, pois aproveitou profissionais com muita experiência anterior à Universidade. Passamos a ser lotados no ICH, eu e Marcos Diniz ao lado de Pedro Paulo e Luiz de Góes. Passamos a ser quatro Professores na disciplina de Extensão Rural e, se não me engano, Ana Asfora foi para a Divisão Médica da Rural.

## PROJETO RONDON

É importante ficar registrado que, na década de 70, o Projeto Rondon<sup>24</sup> estava recrutando alunos nas universidades para a Operação Nacional, e os alunos da UFRPE que queriam ir para o Rondon teriam que ser preparados para as ações de campo. Em função da minha experiência na extensão, fui escolhido para prepará-los<sup>25</sup>, passei cerca de dez dias com um grupo de 15 a 20 alunos discutindo o sentido dessas ações. Decidimos que não iríamos fazer as coisas de cima para baixo, levando demonstrações e palestras pré-estabelecidas. Falava para eles que o povo tinha sua história e cada comunidade, seu processo peculiar. Hoje, tenho consciência da importância desse direcionamento. Conversamos que iríamos para essas comunidades encontrar esse povo e escutá-lo e nos integramos a ele como companheiros de apoio às suas legítimas prioridades. O tempo era curto. E assim foi feito.

---

nomeia para exercer o cargo em comissão de Diretor de Atividades de Extensão da Diretoria de Assuntos Comunitários da UFRPE, ambas integram a pasta funcional de Paulo de Moraes Marques, disponível na Divisão de Registro Funcional da Superintendência de Gestão e Desenvolvimento de Pessoas, SUGEP-UFRPE.

22A Portaria nº 37/76-GR, de 06 de abril de 1976, determinou que a partir de então ficaria à disposição do Departamento de Educação, consta na pasta funcional de Paulo de Moraes Marques, disponível na Divisão de Registro Funcional da Superintendência de Gestão e Desenvolvimento de Pessoas, SUGEP-UFRPE.

23Engenheiros Agrônomos e Professores da disciplina de Extensão Rural do Departamento de Educação da UFRPE.

24 Criado em 1967, durante as décadas de 1970 e 1980, o Projeto Rondon permaneceu em franca atividade, tornando-se conhecido em todo Brasil.

25 Como resultado da sua experiência na coordenação de ações para o desenvolvimento rural, comunitário e cooperativista junto aos grupos de baixa renda, com base no processo histórico do País e na autonomia dos núcleos rurais, o Professor Paulo Marques foi convidado para ser o professor do Curso de Preparação dos Alunos da UFRPE para Atuação na Operação do Projeto Rondon.

Trabalhava baseado na experiência que trazia da minha vida como Extensionista antes de chegar à Rural. E assim aconteceu, orientei esses alunos no sentido de ouvir o povo e não levar algo já pronto para aquele povo rural, aquele povo simples – os preservadores e forjadores da cultura – então precisávamos respeitá-lo. Foi um trabalho de muita elucidação, muito rico, e com oportunidade de inclusão da universidade brasileira no contexto da realidade nacional.

Minha tarefa não era acompanhar o grupo de alunos nesse contato com o povo rural, apenas de preparação, portanto, não acompanharia o grupo da Rural. Terminado o Curso de Preparação, a Coordenação Regional do Projeto Rondon decidiu que, antes da viagem, seria realizado um seminário para apresentação dos resultados da primeira etapa desse trabalho, ou seja, a preparação dos alunos. A UFRPE foi escolhida como local para a apresentação, que aconteceu no Salão Nobre, não lembro bem, mas acho que o Reitor estava presente, assim como as autoridades das outras universidades que também participariam, e cada uma dessas instituições apresentou a forma que utilizou na preparação dos seus grupos<sup>26</sup>.

Cada instituição se apresentou, e, quando chegou a vez da Rural, fiz uma breve apresentação, apresentei meus alunos falando que eles estavam preparados sobre como deveriam agir - como uma equipe de estudantes conscientes, se integrando com o povo. Os próprios alunos falaram, e foi muito bonito. Quando terminou o seminário, me retirei, e já estava fora do salão nobre quando o Coordenador Regional do Projeto Rondon, Estanislau<sup>27</sup>, não recorro o sobrenome, me disse: “Professor, preciso lhe falar sobre minha situação. Chegou uma ordem superior da Coordenação Nacional do Projeto Rondon dizendo que preparássemos os alunos em dinâmica de grupo, e ninguém sabe como fazer isso. Eu não sabia, soube agora. O que o senhor fez aqui e agora foi dinâmica de grupo, e preciso do senhor, pelo amor de Deus, aceite fazer agora o conjunto da preparação do grande grupo que vai viajar”. Respondi: “Solicite na Rural que vou”. E aconteceu assim. Fui e levei Carmem, uma colega de extrema competência da ANCAR.

Na fase em que o universo era apenas a UFRPE, coordenei um grupo de 20 alunos. A partir de então, passei a coordenar 600 alunos oriundos de todas as Universidades envolvidas. Estanislau me entregou toda a responsabilidade e deu todas as condições para a preparação do grande grupo. A UNICAP dis-

26 A IX Operação Nacional do Projeto Rondon contou com a participação de alunos da UFRPE, UFPE, UNICAP e FESP. Após preparar os alunos da UFRPE, o Professor Paulo Marques, a convite, passou a ser Preparador dos alunos dessas Instituições inscritos na IX Operação Nacional do Projeto Rondon, ministrando “Metodologia Dinâmica para Instalação de Ação Comunitária” durante aquele ano de 1971. Visando a embasar seus conhecimentos, participou do Seminário “Universidade e Desenvolvimento”, promovido pelo Projeto Rondon, Recife, 1971.

27 Estanislau Monteiro de Oliveira, na época era Coordenador Regional do Projeto Rondon.

ponibilizou 06 ou 08 salas, todas funcionando ao mesmo tempo. Eu e Carmem nos revezamos o tempo todo durante cerca de uma semana. Foi lindo acompanhar a conscientização daqueles jovens, um grupo formado de 50% rapazes e 50% moças, foi bem interessante a participação e o engajamento feminino.

Originários da Rural, tivemos alunos dos cursos de Agronomia, Veterinária, Zootecnia, Economia Doméstica. Esses 600 alunos do Projeto Rondon foram para o núcleo de Minas Gerais, São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul, pois o objetivo do Rondon era a troca de conhecimentos entre as várias regiões do Brasil e o entendimento dos problemas do povo brasileiro. Capacitados, seguiram viagem. No regresso, os convocamos para uma avaliação do trabalho realizado, um *feedback*. Pois bem, convocamos os alunos para a sala de aula e fizemos a avaliação. Não vieram todos, mas os que participaram desse encontro contaram a experiência que viveram, relatando o que tinha acontecido na realidade da vida. Como eu disse que seria, contaram fatos inéditos. Foi maravilhoso<sup>28</sup>. Infelizmente, não ficou nenhum registro daquele encontro.

Em 1972, fui convidado para ocupar o cargo de Coordenador Regional do Projeto Rondon no Nordeste, mas falei que era uma pessoa de luta, de ação e aquele era um cargo administrativo de alto desempenho, e eu era um homem extremamente simples. Minha justificativa não foi aceita, e tomei posse como Coordenador do Projeto Rondon no Nordeste no gabinete do Superintendente da Sudene, General Evandro de Souza Lima, ele que me empossou em uma cerimônia linda, que contou com a participação do Coral do Carmo. Passei, então, a ser convidado, a participar de encontros no Ministério do Interior para tratar de assuntos relacionados com o Programa do Projeto Rondon no Nordeste<sup>29</sup>.

Esse foi outro importante momento da minha vida profissional do qual não tenho as fotos ou outro registro. Nunca liguei para esse tipo de coisa. Descontraidamente, disse algumas palavras. Pediram para que fizesse um discurso por escrito, mas eu disse que não poderia escrever, porque, se escrevesse, iria me perder. Compareceram diversas autoridades, Idelfonso Lopes, representando a Associação dos Agrônomos de Pernambuco, meu pai, que era socialista, renegado no regime militar, veja que coisa, não é a contradição, é a dinâmica da ordem do plano de Deus. Pois bem, meu pai presente, um tanto constrangido porque era socialista perseguido pelo regime

28 O Professor Paulo Marques coordenou o Seminário de Avaliação das Atividades das Equipes de Pernambuco na IX Operação Nacional do Projeto Rondon, 1972. Ainda nesse mesmo ano, programou o Seminário de Avaliação da IX Operação Nacional do Projeto Rondon no âmbito da Coordenação Regional do Nordeste, Maceió, AL., 1972.

29 A Ordem de Serviço nº 43/72-GR, de 28 de março de 1972, autorizando seu afastamento da UFRPE para participar deste encontro na qualidade de Coordenador do Projeto Rondon no Nordeste encontra-se na pasta funcional de Paulo de Moraes Marques, na Divisão de Registro Funcional da Superintendência de Gestão e Desenvolvimento de Pessoas, SUGEP-UFRPE.

e preso pelos militares, e vendo um alto militar dando posse ao filho dele, independentemente de qualquer coisa porque tudo que estava acontecendo, era a questão da vida, e tudo na vida é relativo. O importante é o avanço do grande plano divino, permanente e evolutivo do universo.

Nomeado Coordenador Regional do Projeto no Nordeste, fui dispensado da função de substituto eventual da COATE-UFRPE, contudo, continuei a apoiar a organização das Jornadas Universitárias<sup>30</sup>. Essa Coordenação no Rondon era responsável pelas Coordenações de Desenvolvimento de cada Estado do Nordeste. Em Pernambuco, por exemplo, tínhamos a Comissão de Desenvolvimento da Mata Norte, Comissão de Desenvolvimento da Mata Sul e a Comissão de Desenvolvimento do Agreste Meridional. A Coordenação Regional coordenava a Região Nordeste do Projeto Rondon, do Ceará ao Sergipe. No período de abril a agosto, trabalhei em operações regionais, e aqui destaco a Operação Zumbi, que se realizou em Maceió, Alagoas, para onde nos deslocamos para contatos com a Coordenação Estadual e diversas autoridades, entre as quais o então governador daquele Estado<sup>31</sup>.

No período em que estive na Coordenação Regional do Rondon, realizamos um levantamento socioeconômico detalhado da região. Decidimos pôr em prática uma “Operação Regional para o Levantamento Socioeconômico”, planejada para ser realizada durante um mês, seguindo um plano de trabalho, buscando a parceria das prefeituras municipais, visando à hospedagem e alimentação para os estudantes do Projeto Rondon envolvidos na pesquisa. Em paralelo, enquanto Coordenação Regional, me dirigi à Escola Superior de Relações Públicas<sup>32</sup>, para obter o apoio necessário para trabalhar com os alunos e realizar o levantamento. Ressalto que a Direção dessa Escola se mostrou muito satisfeita ao fazer parte daquele trabalho junto ao Rondon, do qual até então faziam parte apenas as universidades federais. E destaco, ainda, que essa parceria foi imprescindível para o sucesso da Operação.

Para realizar esse Levantamento Socioeconômico, montamos uma equipe enorme, nessa operação, me concentrei mais em Pernambuco. O levanta-

---

30 A Portaria nº 113/72-GR, de 09 de junho de 1972 que o dispensa da função de substituto eventual do Coordenador da COATE e a Ordem de Serviço nº 347/72-DP que o autoriza a viajar para Surubim, Pernambuco, a fim de dar continuidade à programação da Jornada Universitária, a ser realizada em dezembro de 1972, encontram-se na pasta funcional de Paulo de Moraes Marques, disponível na Divisão de Registro Funcional da Superintendência de Gestão e Desenvolvimento de Pessoas, SUGEP-UFRPE.

31 A Operação Zumbi do Projeto Rondon tinha por objetivo trabalhar com a comunidade da Serra da Barriga, em União dos Palmares, Alagoas, onde foi organizado o primeiro quilombo do Brasil e, segundo historiadores, onde ocorreu o primeiro grito de liberdade no Brasil.

32 Como sempre gostou da área de comunicação, o Professor Paulo Marques sempre se interessou por Psicologia e anos antes o Professor Manuel Correia de Andrade havia lhe sugerido estudar Relações Públicas. Seguindo essa orientação, ingressou em Relações Públicas, mas durante as aulas observou que o mesmo era voltado para o Marketing, fato que o desmotivou um pouco, contudo, concluiu o curso. Na época da realização desse levantamento e já Coordenador Regional do Projeto Rondon, ainda cursava Relações Públicas, daí a importância dessa parceria.

mento socioeconômico apontou como principais pontos levantados geografia, história, recursos naturais, instituições, programas, problemas, população, etc. Era um questionário muito bem montado. Aí, convocamos a equipe de alunos, composta por mais ou menos 70 ou 80 participantes, que receberam treinamento na Faculdade de Filosofia do Recife – FAFIRE para aplicar e obter as respostas para os questionários. Esse foi um grande e importante trabalho. No final, esse esforço gerou um documento apresentado à Coordenação da Mata Norte, apontando os principais itens para a ação desenvolvimentista. Tais orientações resultaram no agradecimento oficial do Coordenador da Mata Norte ao Coordenador Nacional do Projeto Rondon<sup>33</sup>, Dr. Antonio Lins Filho, Secretário Executivo do CODEMAN. Dessa Coordenação, guardo como as melhores lembranças: 1º - o excelente relacionamento que mantinha com o pessoal de cooperativismo da SUDENE, resultado dos meus trabalhos no interior e com as cooperativas, inclusive com a recuperação da cooperativa de Garanhuns; 2º - enquanto ocupei a Coordenação Regional, fiz contatos com os coordenadores estaduais e com governadores dos Estados, e aqui destaco a “Operação Zumbi” e a “Operação Regional para Levantamento Socioeconômico”. Enquanto estive no Rondon, representei a Universidade Rural, participando de muitas ações em um alto programa, com muita competência.

### **OUTRA ATIVIDADE DE EXTENSÃO QUE VALE A PENA LEMBRAR**

Finalizada essa experiência junto ao Rondon, retornei para a Rural e fiquei com Marcos Diniz na COATE. Certo tempo depois, fui indicado e participei de uma equipe técnica incumbida de realizar uma pesquisa socioeconômica em toda a região do médio, alto e baixo Parnaíba, entre o Piauí e o Maranhão, que durou alguns meses. Tratava-se de uma pesquisa-ação no campo, um trabalho de pioneirismo no meio do mato, para aplicar um questionário e fazer observação nos postos meteorológicos da SUDENE nos lugares mais remotos do Piauí e do Maranhão. Fui designado para a Cidade de Floriano, no Piauí. Chegando lá, no dia seguinte, fui convidado para fazer uma palestra no Rotary. Falei sobre o objetivo da pesquisa, fiz uma divulgação da Universidade Rural, falando sobre os cursos que eram oferecidos, sobre as pesquisas desenvolvidas e, sobretudo, sobre as principais atividades de extensão.

---

<sup>33</sup> O Ofício n 85/72 do Secretário Executivo da Comissão da Mata Norte – CODEMAN, de 30 de julho de 1972, integra o acervo particular de Paulo de Moraes Marques.

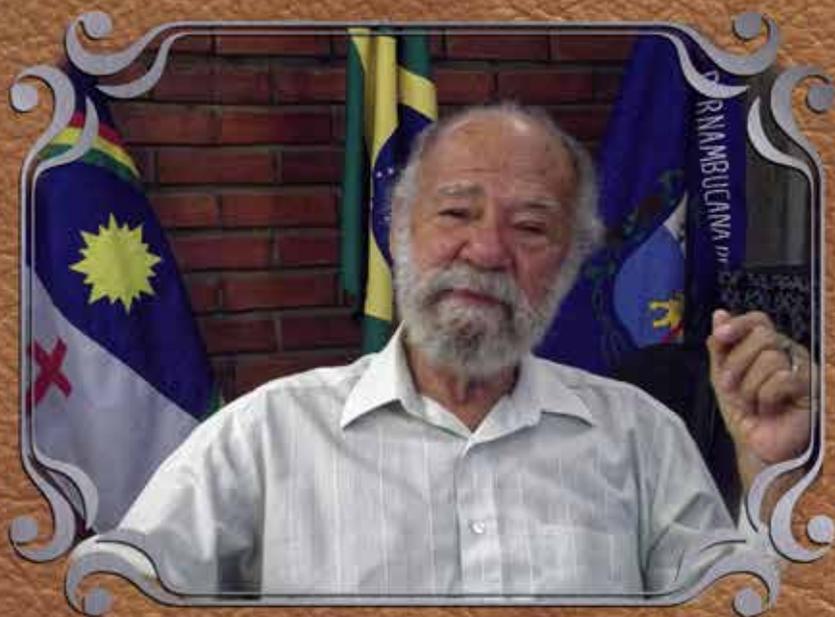
Passei quarenta dias numa região de difícil acesso e só foi possível realizar o trabalho porque contei com um motorista morador da região chamado Pedro Italiano, proprietário de um Ford Corcel que trabalhou comigo, seguindo as estradas e caminhos de terra batida, conversando e entrevistando o pequeno, médio e grande proprietário e cada um deles que respondia me mostrava as coisas. Meu temperamento aventureiro ajudou bastante, fiz muitas amizades. Foi uma aventura e tanto, tinha lugares de difícil acesso, dentro dos matos. Às vezes, o terreno tinha um solo que promovia o atolamento do carro, e Pedro Italiano dizia: “vou levar o carro até onde der, quando atolar a gente vai desatolando e vê até aonde vai”.

Lembro que, nesse trabalho, algumas vezes, dormi no mato e, algumas vezes, na casa de algum caboclo, porque o carro não tinha como ultrapassar o rio. Aquela era uma região onde tinha muita gente mordida de cobra. Certa vez, como não foi possível retornar para o carro, dormi na casa de um caboclo, cuja casa não tinha portas, apesar das onças suçuaranas e pintadas. Dias depois, estando em outra casa, encontrei uma onça pintada que tinha sido criada pelo dono da casa, e ela era bem mansinha.

Quando terminou o trabalho, fiquei muito satisfeito, e um dos resultados da pesquisa foi a constatação de que o grande problema da pecuária naquela região era o ataque das onças. Aquela foi uma pesquisa que me deixou muito feliz, e ainda hoje tenho muito carinho pelo Piauí. Em Florianópolis, as pessoas eram muito atenciosas, e lembro bem de um rapaz que me procurou para me convidar para ir jantar com sua família, porque eu estava sozinho. Foi um trabalho maravilhoso, lá, em Florianópolis!

Essas são minhas memórias dos meus primeiros anos na UFRPE. A partir de agora, há uma infinidade de encaminhamentos impactantes e profundos que aconteceram, eu não saí da minha forma de ver, tocar e tanger o mundo, de uma forma que não tem medida, mas de comum acordo com o grande plano universal de Deus. Cada um de nós possui o seu valor, e não tem grandeza maior nem menor e, agora, essa Roda da Memória está me dando essa oportunidade vital e vitalizante, excepcional e agradável de estar rememorando e registrando essas lembranças da Extensão Rural que intuí e vivenciei fora e dentro da UFRPE. Relembrei memórias do tempo de técnico. A partir de agora, vamos trazer as lembranças docentes.

## Baú da memória II



Figuras 8 e 9 – Paulo de Moraes Marques durante a Roda da Memória, realizada em 19 de junho de 2013, na Biblioteca Central da UFRPE.  
Fonte: Acervo Fotográfico do Projeto Roda da Memória.



## FORMAÇÃO ACADÊMICA E CONCURSOS PARA DOCENTE

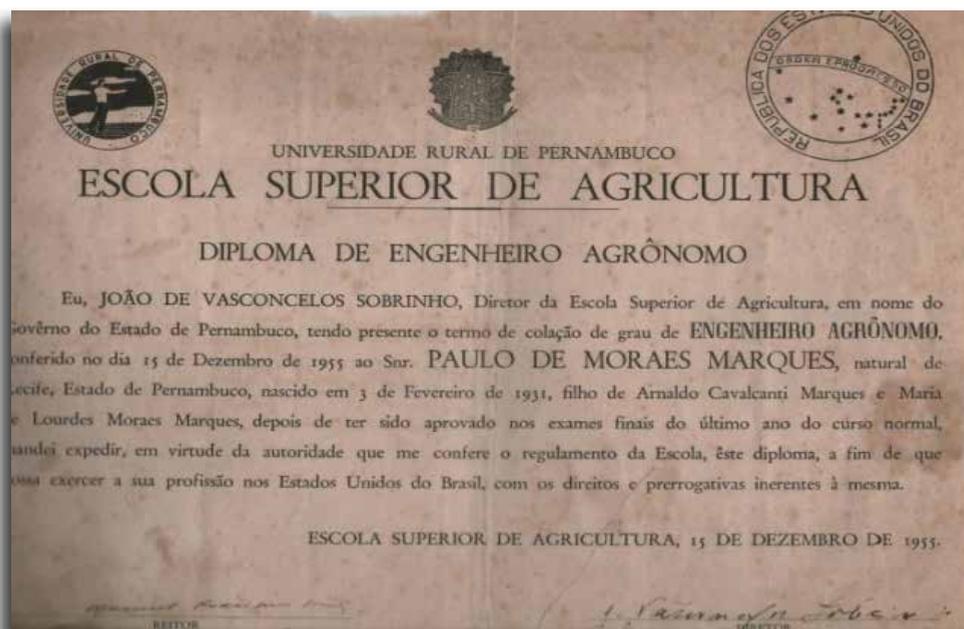


Figura 10 - Diploma de Engenheiro Agrônomo emitido pela Escola Superior de Agricultura da Universidade Rural de Pernambuco em 15 de dezembro de 1955.

Fonte: Acervo particular de Paulo de Moraes Marques.

**D**eixo registrado nessas memórias que possuo mais de um Curso de Graduação. O primeiro deles, Engenharia Agrônômica, concluído em 1955, na Universidade Rural de Pernambuco (URP), atual UFRPE. Sempre considerei que a Agronomia técnica não era meu foco, mas a Agronomia no lado humano era a grande dádiva divina. E, diante do contexto profissional e da vida, foi a Agronomia humanista que me proporcionou os contatos que a Extensão Rural me possibilitou ao conviver com pessoas diversas e nas mais variadas realidades. A Agronomia puxou a Extensão Rural, a Extensão Rural puxou o Humanismo na Agronomia -, e essa parte humanista da Agronomia me veio logo que entrei na Universidade Rural.



Quando estávamos nos idos de 1970, tomei conhecimento e participei de um Curso de Extensão em Psicologia da Educação com o Prof. Merval Rosa<sup>34</sup>. Inscrevi-me e, logo na primeira aula, fiquei como um menino extasiado, e pensei: “Meu Deus, o que é isso? O caminho para novas perspectivas de ações afins com meus afloramentos diante da vida”. Fiquei assim tão encantado que, quando terminou a aula, fui ao Prof. Merval e lhe falei que precisava do seu conselho para o encaminhamento da minha vida profissional – ser útil à vida do homem do campo – juntar o útil ao agradável. Ele disse: “Paulo, que coisa boa. Siga em frente com a sua vocação”. Ficou deslumbrado com o meu interesse pelo assunto, e me deu de presente um livro sobre a História da Psicologia, livro que, ao longo do tempo, perdi, mas que está dentro da minh’alma. Anos depois, em 1970, trabalhando com Manoel Correia de Andrade, falei a ele que necessitava cursar Psicologia para complementar meus conhecimentos e ele disse: “Não. Se você quer comunicação, basta fazer Relações Públicas”<sup>35</sup>.

A Agronomia me levou, então, a estudar Relações Públicas<sup>36</sup>. No ano de 1972, procurei a Universidade Católica (UNICAP) para tentar me inscrever no Curso de Psicologia como portador de Diploma, fui informado que eram cinquenta candidatos para cada vaga, dirigi-me então à Escola Superior de Relações Públicas de Pernambuco e ali concluí o Curso em 1974.

Porém, meu interesse pela Psicologia continuava e, no ano de 1977, voltei à UNICAP para, mais uma vez, tentar me inscrever como portador de Diploma e mais uma vez, fui informado que continuava cinquenta candidatos para cada vaga, decidi então prestar o vestibular para o Curso de Psicologia, fui aprovado e, certamente, as aulas de Relações Públicas muito me ajudaram na Psicologia. Obtive minha formação de Psicólogo em 1980. Concomitante-

---

340 Prof. Merval de Souza Rosa nasceu em Altos, Piauí, em 03 de agosto de 1926. Em 13 de dezembro de 1948, vindo do interior do Piauí, com 22 anos de idade, matriculou-se no Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil, no Recife. Nos anos seguintes, bacharelou-se em Teologia. Com o passar do tempo e já como Professor do Seminário do Norte, viajou para os Estados Unidos, onde fez Mestrado e Doutorado em Teologia e Psicologia Educacional. Fez o curso de Bacharel e Licenciatura em Filosofia Pura, bem como o Bacharel em Psicologia. Como Ministro Evangélico, foi pastor de diferentes igrejas em Pernambuco. Em 2004, aos 78 anos de idade, esteve Reitor do Seminário Teológico Batista do Norte do Brasil. Escritor, Conferencista, Administrador, Ensaísta, Pesquisador, Memorialista, Intelectual, Ficcionalista, Pensador, Ativista, Educador e Orador. Autor de uma vasta bibliografia, é mencionado em dezenas de livros. Faleceu no Recife, Pernambuco, em 14 de maio de 2014.

35 A Escola de Relações Públicas de Pernambuco (ESURP) foi criada pelo pernambucano Francisco Hígino Barbosa Lima, natural de Goiana, nascido em 18 de julho de 1924, Engenheiro Agrônomo, Professor, Advogado, Administrador e Relacionista. Primeira Escola de Relações Públicas da América Latina, a ESURP foi criada em 22 de dezembro de 1967. Berço de uma geração de relacionistas e profissionais de alta competência que contribuíram para os conhecimentos no campo da comunicação organizacional e das atividades de Relações Públicas no Nordeste brasileiro. Fonte: MARTINS, Conceição. **Academia Pernambucana de Ciência Agrônômica, Patronos e Acadêmicos**: 1983-2012. Edição Comemorativa. Recife: Comunigraf, 2012. 175 p.

36 A Declaração da conclusão do Curso de Relações Públicas, emitido pela Escola de Relações Públicas de Pernambuco em 25 de março de 1974, integra o Acervo Particular de Paulo de Moraes Marques.

mente, cursei a Licenciatura em Psicologia, obtendo o título de Licenciado em Psicologia no ano de 1982, com especialização em Psicologia Rogeriana<sup>37</sup>.

Apresentada a minha formação acadêmica, posso agora recapitular algumas datas importantes da minha história docente na UFRPE. Meu primeiro Concurso para Docente foi para Auxiliar de Ensino no ano de 1971, no qual constaram apenas prova de títulos e prova didática. Aqui, é importante relembrar que cheguei na Rural no final de 1970, alguns meses depois, em



Figura 11 - Diploma de Psicólogo, emitido pela Universidade Católica de Pernambuco, em 09 de outubro de 1980. Fonte: Acervo particular de Paulo de Moraes Marques.



Figura 12 - Diploma da Licenciatura em Psicologia, emitido pela Universidade Católica de Pernambuco, em 31 de março de 1982. Fonte: Acervo particular de Paulo de Moraes Marques.

37 A psicologia preconizada pelo Psicólogo americano Karl Rogers é centrada no cliente e em terapia de vivências passadas.

1971, houve a abertura do Concurso para Auxiliar de Ensino para a disciplina de Extensão Rural.

Nesse Concurso, nos inscrevemos eu, Marcos Diniz, Isaac Pereira e Ana Asfora, todos diretores dos Núcleos de Integração e Desenvolvimento (NID'S-UFRPE), éramos, portanto, 04 candidatos. Estudamos juntos, ajudamos uns aos outros como competidores, mas solidários. Marcos tirou o 1º lugar, eu o 2º, mas só tinha uma vaga, e Marcos foi nomeado de imediato Professor de Extensão Rural, tomou posse e começou a dar aulas.

O tempo foi passando, e eu fiquei aguardando. Apesar de aprovado no Concurso para Auxiliar de Ensino da disciplina Extensão Rural em 1971, minha nomeação demorou a acontecer – apenas em 1974<sup>38</sup>. Apenas para esclarecer, registro que a disciplina Extensão Rural já existia na Universidade e havia três professores que a lecionavam. O primeiro deles foi o professor Luiz Góes Vieira, seguido dos professores Pedro Paulo de Araújo e Marcos Cavalcanti Diniz. Fui o quarto professor, oriundo do concurso realizado no ano de 1971.

É bom esclarecer, também, que, na época, existia a disciplina, mas ainda não existia a Pró-Reitoria de Extensão, que teve origem na Coordenação de Atividades de Extensão (COATE), criada pelo Reitor Adierson, e tendo como primeiro coordenador o colega Marcos Cavalcanti Diniz. A COATE originou a Pró-Reitoria de Atividades de Extensão<sup>39</sup>. Fui adiante com a elaboração da tese, me inscrevi e me preparei para a defesa.

Ao tomar conhecimento do concurso, manifestei meu interesse, mas, percebendo certa preocupação por parte dos colegas, passei a não comentar meu interesse e comecei a me preparar em silêncio. Fiz como que tivesse acatado com muito respeito às opiniões e advertências oportunas de colegas que, preocupados com minha pessoa, pelo fato do pouco tempo de nomeado para Auxiliar de Ensino, já me propunha a fazer esse grande concurso.

Comecei a escrever e acho que passei cerca de dois meses e meio a três meses escrevendo a tese. Estudando e pesquisando muito, buscando embasamento teórico e revendo todo o trabalho que havia feito e descobrindo cada ponto importante, cada dificuldade e possibilidades. Concluindo que a Extensão tem que ser um trabalho de grande apoio embasado por uma estrutura de uma Organização Popular, sob os ensinamentos de Paulo Freire.

---

38 A nomeação ocorreu de acordo com a Certidão emitida pelo Instituto de Ciências Humanas da UFRPE em 20 de março de 1974. Documento que integra o acervo particular de Paulo de Moraes Marques.

39 A Pró-Reitoria de Atividades de Extensão (PRAE-UFRPE) foi criada em 1976, durante o reitorado do Professor Humberto Carneiro que esteve reitor no período de 1974 a 1978. Tem origem na Coordenação de Atividades de Extensão (COATE), tendo sido seu primeiro Pró-Reitor o Professor Espedito Meira Couceiro que esteve à frente das suas ações no período de 1976 a 1987.

Na época em que me preparei para o Concurso de Livre Docência, estava estudando Psicologia e foi essa área que me ajudou muito na escrita da tese.

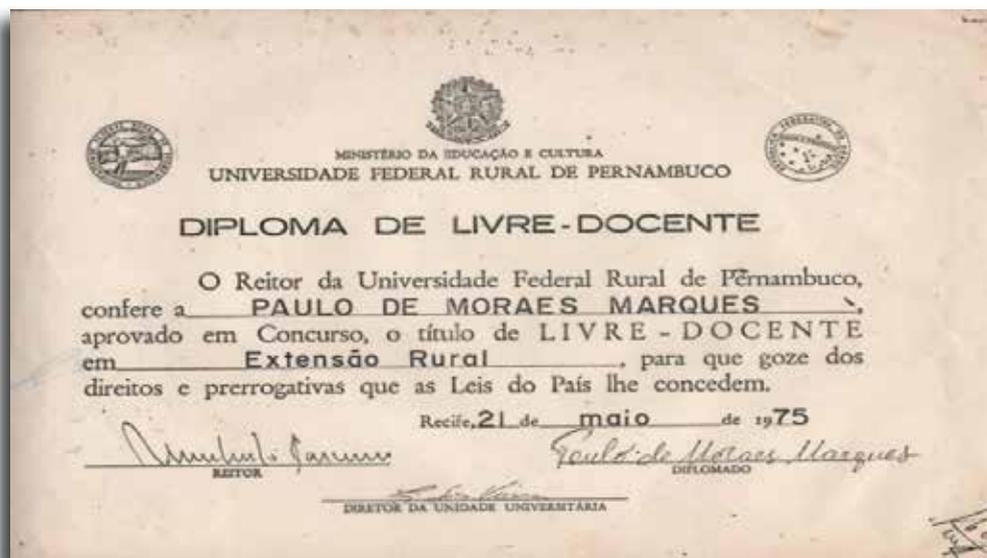


Figura 13 - Diploma de Docente Livre, emitido em 21 de maio de 1975.

Fonte: Acervo particular de Paulo de Moraes Marques.

Depois, mostrei o documento para Manoel Correia de Andrade, solicitando sua revisão, ele ficou admirado diante da quantidade e qualidade de obras que compunham a bibliografia que estudei sobre o assunto e sobre como coloquei os teóricos em sinergia com minhas experiências e com as minhas metas de ação para o desenvolvimento do homem do campo. O texto foi revisado, também, por outra pessoa de alta qualificação, a colega Selma Rodrigues, aqui da Rural. Não tive orientador, eu mesmo fui meu orientador. Foi muito bom porque me deu muita força, estrutura, autonomia e oportunidade de estabelecer a sistematização das minhas ideias.

Na época já percebia e utilizava o viés do não levar o conhecimento pronto, mas aproveitar o conhecimento, a realidade e a cultura do homem do campo, e foi essa metodologia que utilizei em minha Tese. Comecei a organizar os passos já realizados na prática. A monografia é um trabalho maravilhoso, porque é um trabalho mental em que vão aparecendo as dúvidas, os *insights* e, através deles, você organiza e direciona sua mente para uma ordem que retrata seu objetivo e sua meta. E digo com muita tranquilidade que um estudo e uma pesquisa dessa natureza necessitam de um amadurecimento. E isso eu possuía. A Universidade fez a chamada do concurso no jornal, discriminando os candidatos inscritos e as quatro disciplinas às quais concorriam<sup>40</sup>.

400 Edital do Concurso de Docente Livre, publicado no Jornal Diário de Pernambuco de 4 de dezembro de 1974, integra o acervo particular de Paulo de Moraes Marques.

Conforme pode ser observado no edital do dia 03 de dezembro de 1974<sup>41</sup>, estavam sendo oferecidas vagas para quatro disciplinas, eu concorri à vaga para a disciplina de Extensão Rural. A defesa aconteceu no Instituto de Ciências Humanas (ICH), atual Departamento de Educação, coordenada pelo Professor Luiz de Góes Vieira, na época, diretor do Instituto. Havia 04 candidatos, todos do ICH, cada um concorrendo para uma área diferente. Participaram da banca<sup>42</sup> o professor da UFPE, Pessoa de Moraes, grande filósofo e historiador, homem de profundo conhecimento; a professora de Sociologia da UFRPE, Selma Rodrigues, grande amiga; o professor Lauro Bezerra, também da UFRPE; o professor Faustino Albuquerque Sobrinho, Vice-Reitor da Universidade Federal do Ceará (UFC) e o professor da UFRPE, Merval de Souza Rosa, como presidente da banca.

Na folha de rosto da tese, fiz um destaque de parte do discurso do presidente Ernesto Geisel, por ocasião da primeira reunião ministerial, em 19 de março de 1974, no qual estabelecia “As diretrizes do novo governo”<sup>43</sup>, incluindo a Extensão Rural. Fico emocionado ao lembrar a escrita da minha tese, na qual enfoquei a extensão rural e o cooperativismo no ajustamento do desenvolvimento dos pequenos e médios agricultores de Pernambuco. Lembro como aconteceu o concurso. Primeiro, houve a prova escrita, ocasião em que a banca encaminhou as perguntas por escrito para cada candidato que respondeu e devolveu sua resposta, não houve debate entre cada candidato e os membros da banca. A seguir, veio a fase da prova didática com a aula, ocasião em que solicitei a banca a oportunidade de dar minha aula para meus alunos para que a banca assistisse. Minha solicitação foi aceita, então, organizei uma aula para meus alunos, na qual fiz minha defesa da tese.

Transformei minha defesa de tese em uma aula para meus alunos e para os alunos da Universidade que se interessavam pela temática da Extensão Rural. Organizei a aula de forma dinâmica para meus alunos e convidei os colegas professores de Extensão Rural daquele mesmo horário para, juntamente com suas turmas, assistirem a defesa, considerando o tema da minha aula como sendo do seu programa de Extensão Rural. Convidei, inclusive,

---

41 O Edital do dia 03 de dezembro de 1974, publicado no Jornal Diário de Pernambuco de 4 de dezembro de 1974, tornava público os candidatos inscritos no ICH para o Concurso de Livre Docente assim discriminados: Disciplina Recursos Plurissensoriais, Raymundo D’All Agnod; Disciplina Extensão Rural, Paulo de Moraes Marques; Disciplina Filosofia e Cultura Religiosa, Áureo Bispo dos Santos e na Disciplina Ciência Política, Roberto Emerson Câmara Benjamim. Este documento integra o acervo particular de Paulo de Moraes Marques.

42 A UFRPE enviou uma comissão à Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) para convidar o Sociólogo Gilberto Freyre, mas ele falou que já não estava mais fazendo parte de bancas, agradeceu e indicou seu Assistente, o Professor Pessoa de Moraes, também da UFPE. (Informação verbal do Prof. Paulo Marques).

43 Pronunciamento feito na primeira reunião ministerial, em 19 de março de 1974. Disponível em: <http://www.biblioteca.presidencia.gov.br/ex-presidentes/ernesto-geisel/discursos-1/1974/03.pdf/download>. Acesso 04 de maio de 2014.

vários colegas da Extensão Rural de Pernambuco, os quais, interessados, estiveram atentos do início ao fim. Convidei minha família – meu pai, meus filhos, minha esposa e meu tio Rui Marques, grande cientista. Assim, minha sala ficou repleta e a banca apreciou a aula. Minha defesa de tese foi uma aula para os alunos e para os colegas da Extensão e, como não poderia deixar de ser, aconteceu na sala de aula.

Aquele concurso aconteceu no primeiro semestre de 1974. Apesar do sucesso da minha aula, através da qual fui aprovado e recebi o título de Professor Livre Docente em Extensão Rural que trouxe em seu bojo o grau de Doutor, demorou bastante, pois, realizado em 1974, só veio a ser oficializado em maio de 1975<sup>44</sup>, quando recebi o Diploma de Livre Docente. Minha nomeação também demorou a acontecer<sup>45</sup>. Fui nomeado em 1975 pelo Reitor Humberto Carneiro<sup>46</sup>.

Antes da concretização do processo de reclassificação de cargos, ocorrida em 1976, eu já havia sido elevado ao nível de Professor Adjunto. No entanto, devido à lentidão da máquina burocrática do serviço público, voltei ao cargo de Professor Auxiliar de Ensino, isso após exercer durante oito meses o cargo de Professor Adjunto, promoção que obtive, como foi visto anteriormente, face minha aprovação no Concurso de Livre Docente, realizado em 1974, cuja promoção veio a ser oficializada em maio de 1975, de acordo com os documentos já apresentados nesta lembrança.

Era 1977, havia-se passado três anos desde o Concurso de livre Docência. Trabalhos haviam sido realizados. A problemática da Extensão Rural em nosso Estado, no Nordeste e em nosso país, além de estar sendo discutida e estudada, estava-se em busca de soluções. Diante desses exercícios de vida, foi-me cobrada a realização de mais um Concurso – Concurso para Assistente de Extensão Rural -, como Livre Docente. Dessa feita, estava com uma bagagem bem maior, aliada à experiência docente, seguindo os passos de Carl Rogers - tema da minha conclusão do Curso de Psicologia - a quem estudei e admiro muito até hoje, que vê a psicologia centrada no cliente, enquanto

44 A Matéria com o resultado do Concurso de Docente Livre, publicado no Jornal Diário de Pernambuco de 3 de dezembro de 1975, o Ofício nº 84/75 do dia 08 de maio de 1975, comunicando o resultado do Concurso de Docente Livre e relacionando os candidatos aprovados e a Portaria nº 107 de 21 de maio de 1975 integram a pasta de documentos pessoais de Paulo de Moraes Marques.

45 Através da Portaria nº 01/78-GR, de 02 de janeiro de 1978, o Reitor Humberto Carneiro o admitiu no emprego de Professor Assistente, Código LT-M-401.4, da Tabela Permanente da UFRPE, a partir de 1º de janeiro de 1978, publicado no DOU de 27 de fevereiro e 1978. Informação constante do documento das anotações que integra a pasta funcional de Paulo de Moraes Marques, disponível na Divisão de Registro Funcional da Superintendência de Gestão e Desenvolvimento de Pessoas, SUGEP-UFRPE.

46 Engenheiro Agrônomo formado na turma de 1945, pela Escola Superior de Agricultura de Pernambuco – ESAP. Foi Diretor da Escola Superior de Agricultura no período de 1971 a 1974, assumindo a Reitoria no período de 19 de setembro de 1974 a 18 de setembro de 1978. É Professor Emérito da UFRPE. Em 1978, recebeu como homenagem dos Servidores o título de “Reitor Magnânimo”.

eu fazia a Extensão Rural centrada na organização dos trabalhadores. Centrada na ordem histórica, nos enfrentamentos, na cultura, na mestiçagem, em todo o contexto histórico do povo, então foi através do viés da Extensão no contexto nacional que direcionei a escrita da minha Tese defendida em agosto de 1977.

A aprovação nesse concurso, a partir da defesa desta tese, na qual fiz um apelo para que se trabalhasse para uma Extensão Brasileira, possibilitou-me a obtenção do grau de Doutor em Extensão Rural e o título de Livre Docente.



Figura 14 - Diploma de Doutor em Extensão Rural e Título de Livre Docente da UFRPE, emitido em 29 de maio de 1979.

Fonte: Acervo particular de Paulo de Moraes Marques.



## A SALA DE AULA E A MAGIA DO ENCONTRO COM OS ALUNOS E DO REENCONTRO COM O HOMEM DO CAMPO



**E**is que é chegado um momento de muita emoção, lembrar e falar sobre minha vida na docência. A emoção me leva às lágrimas e, para minha sorte, está tudo registrado aqui nesse volume 4 dos Anais da Academia Pernambucana de Ciência Agronômica (APCA)<sup>47</sup>, pois, atendendo ao convite do Professor Romero Marinho de Moura, presidente da Comissão Editorial dessa prestigiosa Academia, utilizei-me dos seus Anais para, com muita honra, deixar o testemunho das minhas ações extensionistas desenvolvidas no Estado de Pernambuco e, particularmente, na UFRPE. Cito, ao final, publicações resultantes dos meus esforços, com as valiosas participações de estudantes e agricultores. Nesse registro, falo sobre meus primeiros passos como professor.

Pois bem, após atuar por cerca de quatro anos como técnico em Extensão Universitária, fui nomeado em 1974 para Auxiliar de Ensino na disciplina Extensão Rural, no Departamento de Educação da Universidade Federal Rural de Pernambuco<sup>48</sup>. Como falei antes, nela já havia três professores. Fui o quarto integrante. Quando ingressei na UFRPE, no final de 1970, já vinha de uma longa jornada extensionista. Atuei, também, em outras entidades e programas, sempre voltados para assistência aos pequenos agricultores. Não pude ser um professor tradicional. Não apenas pelo hábito das ações e desafios dos trabalhos relacionados em comunicação livre com os grupos e as comunidades rurais, mas, também, pelo meu temperamento, sempre atraído pelo diálogo.

Emocionado, resgato minha primeira turma e trago a angústia que senti quando, ao assumir minha segunda turma formada com mais de quarenta alunos, comecei a repetir as ilustrações e os mesmos exemplos do meu trabalho como Extensionista que havia dado para a turma passada, e me senti

47 Para maiores informações, consultar a Crônica “Atuação Extensionista na Universidade Federal Rural de Pernambuco do Professor Paulo de Moraes Marques, Doutor e Livre Docente em Extensão Rural”, de autoria do Prof. Dr. Paulo de Moraes Marques. Anais da Academia Pernambucana de Ciência Agronômica, Recife, 4, p. 89 - 94. 2007. Disponível em: <http://www.journals.UFRPE.br/index.php/apca/article/view/88/83> Acesso em: 16 maio 2013.

48 Através da Portaria nº 069/82-GR, foi lotado no Departamento de Educação, conforme informação constante do documento das anotações que integra a pasta funcional de Paulo de Moraes Marques, disponível na Divisão de Registro Funcional da Superintendência de Gestão e Desenvolvimento de Pessoas, SUGEP-UFRPE.

assediado pela rotina, fato que nunca me agradou. Então, parei a aula e lhes falei: “Não estou me sentindo bem porque estou me repetindo. Quem de vocês conhece alguma propriedade rural, alguma fazenda, aonde poderemos fazer uma excursão? Uma ida ao campo para ver a natureza?” Havia um aluno cujo pai possuía uma grande propriedade e aí organizei a nossa ida até lá.

O resultado foi uma excelente visita a essa grande fazenda no município pernambucano de Bezerros, com direito a montar a cavalo, andar pelo mato, entrar nos currais, curar umbigo de bezerro, identificar plantas forrageiras e lavouras diversas. Os alunos do interior, levando seus colegas citadinos a conhecer detalhes das coisas do campo. Terminou-se levando o vaqueiro a almoçar conosco no restaurante da cidade. No trajeto, alunos, vaqueiro e motorista foram cantando toadas de vaquejada. Para pagar o almoço, foi feita uma cota geral, na qual alguns colegas que não tinham dinheiro foram dignamente dispensados. O sentido humano, o espírito de solidariedade e de fraternidade foram vividos intensamente. Essa viagem descortinou larga porta para minha atuação como professor no grande clima da Extensão Rural, clima que foi crescendo e construindo dentro da sala de aula posicionamentos semelhantes entre técnicos e agricultores nas atividades de Extensão. O processo pedagógico foi se aprimorando de ano para ano, das viagens, passamos para os estágios voluntários nas cooperativas dos pequenos agricultores.

Certa vez, estava dando uma aula sobre composição da diretoria de uma cooperativa quando comecei a falar - não usava quadro negro, fazia roda de discussão com os alunos - comecei a relacionar os cargos de uma diretoria e como sempre fui muito intuitivo, me veio uma intuição, pois fazia com meus alunos o que achava que eles deveriam fazer depois em sua vida profissional, em suas posturas e formas de integração com a comunidade -, então perguntei: “Alguém aí conhece alguma cooperativa?” E um aluno respondeu: “Eu conheço”. Perguntei: “Conhece como?” E ele respondeu: “Sou diretor de uma cooperativa”. Vejam como são as coisas de Deus! Então parei a aula, fiquei em silêncio um momento e disse à turma que queria fazer uma colocação e que não estava brincando, pois ia fazer a coisa mais sensata a fazer naquele momento, sair da frente da turma, me sentar em uma cadeira ao lado dos alunos e convidar esse aluno a ir para a frente assumir a aula porque ele era diretor de uma coisa que eu só conhecia teoricamente, enquanto ele vivia a situação real. E ele meio sem jeito falou: “Paulo, você deve continuar”. Então fui até ele e o levei para a frente da turma, depois sentei em seu lugar e foi um show de aula!

Diante da turma, ficava à vontade com os alunos, mas quando um aluno assume o papel de professor, você observa a identificação e o nivelamento

entre eles. Foi ótimo e, ao final, perguntei se a gente poderia ir até àquela cooperativa onde ele era diretor em São Vicente Férrer, e ele disse que sim, então falei que a turma continuasse com o assunto, pois eu iria verificar a possibilidade do ônibus da Universidade nos levar naquela visita.

Fui até a Diretoria do Departamento de Educação e consegui o ônibus. Marcamos o dia e a hora e, poucos dias depois, levei a turma quase toda, os alunos que frequentavam as aulas, pois, como não fazia chamada, aqueles que não gostavam das aulas não se interessaram em participar. Mas lembro que participaram da visita entre 17 a 20 alunos, e o condutor de todo o processo da visita e das informações foi aquele aluno, eu fiquei como participante e foi excelente, uma atividade belíssima. No final, na hora do almoço, quando lhe pedi para nos indicar um restaurante ou um bar para a gente almoçar, ele disse: “Não, o almoço é lá em casa”. Onde estava preparado um almoço com o pai e a mãe dele para todos nós... Fico emocionado com essas lembranças... Foi muito bonito, o pai e a mãe dele no almoço com os alunos, colegas e professor lado a lado.

A essa altura, já formado também em Psicologia, ampliei a dimensão pedagógica das aulas, integrando a Agronomia Humanista com a Psicologia centrada nos alunos e nas comunidades. O processo pedagógico foi se aprimorando de ano para ano. Das viagens, passamos para os estágios voluntários nas cooperativas dos pequenos agricultores durante os períodos das férias. Depois, esses estágios passaram a ser realizados nos fins de semana durante o período de aulas, para não atrapalhar a frequência dos alunos nas aulas das demais disciplinas. As aulas passaram a ter como base as experiências dos alunos durante os fins de semana nas cooperativas.

Com o tempo, passei a receber efetivo apoio do Pró-Reitor de Extensão, professor Espedito Meira Couceiro<sup>49</sup>. No período de 1976 a 1986, Espedito passou a dar pleno apoio com percepção do sentido de extensão universitária que o trabalho apresentava. Passou ele a me levar pelo Brasil afora, para contar essa experiência da UFRPE nos encontros de Pró-Reitores de Extensão das universidades brasileiras. Passei a apresentar trabalhos em congressos regionais e nacionais. O clima universitário permitia livre processo de construção de conhecimentos, ao contrário do que quando atuávamos no serviço de Extensão Rural, no qual tudo era imposto de cima para baixo, sem

---

<sup>49</sup>Engenheiro Agrônomo e Professor, primeiro Pró-Reitor da Pró-Reitoria de Atividades de Extensão da UFRPE. Homem de vanguarda e visão de futuro, desde o início apoiou os projetos e trabalhos desenvolvidos pelo Professor Paulo Marques. Em 05 de dezembro de 1986, o Pró-Reitor Espedito Couceiro encaminhou à OCEPE o Memo. nº150/86, relatório do profícuo trabalho extensionista realizado pela equipe liderada pelo Professor Paulo Marques na comunidade de pequenos agricultores em Surubum. Documento que integra o Acervo Particular de Paulo de Moraes Marques.

levar em conta o retorno alimentador das nossas vivências com os agricultores, fundamento de um efetivo processo de comunicação rural. Daí foi um passo para os convênios com a Federação das Cooperativas Mistas dos Trabalhadores Rurais de Pernambuco (FETAPE), com entidades de desenvolvimento rural e um amplo projeto com a Pró-Reitoria para assuntos comunitários da UFPE para atuação nas cooperativas com os alunos de vários cursos integrados com seus colegas das ciências agrárias da UFRPE. Era a Extensão Rural sendo vivida em sua infinitude humanizante, levando as pessoas a se dignificarem. Eram alunos e professores, agricultores dos sindicatos rurais e das cooperativas em plena integração.

Uma dessas oportunidades e demonstração de confiança e altruísmo do Pró-Reitor Espedito Couceiro aconteceu durante o Seminário Comemorativo do aniversário da Fundação de Desenvolvimento Municipal do Interior de Pernambuco (FIAM)<sup>50</sup>, naquela ocasião, meu aluno Paulo César de Castro fazia parte da FIAM e intermediou o convite à UFRPE para participação nesse Seminário comemorativo.

Pois bem, no painel “Desenvolvimento Rural e as Pequenas Comunidades”, após a palestra do Dr. João Ribeiro de Oliveira Souza, representando a Fundação Projeto Piauí, o Dr. Paulo Roberto de Barros e Silva, Diretor Geral da FIAM, que coordenava o mencionado painel, passou a palavra para o Prof. Espedito Couceiro, convidado para debatedor, e foram essas as suas palavras: “A Pró-Reitoria de Extensão Rural aceitou este honroso convite e eu queria fazer desde logo, uma retificação. Eu sou Pró-Reitor de Atividades de Extensão Universitária e não de Extensão Rural. Não sou especialista em Extensão Rural. Mas, aceitando o convite, trouxe comigo o meu Coordenador de Extensão Rural, meu dileto colega Dr. Paulo Marques, Livre Docente em Extensão Rural e um apaixonado da problemática de baixa renda, e tanto é assim que sua tese de Doutorado, a sua tese de Livre Docência versou exatamente sobre organização de comunidades de baixa renda. E, nesta oportunidade, querendo contribuir para o brilhantismo desta festa, eu pediria licença a este dileto auditório, para transferir a delegação que me foi feita, para debater este assunto momentoso, ao Professor Paulo Marques”.

Ainda conservo na memória aquele momento inesquecível e emocionante<sup>51</sup>, e guardo com carinho a publicação que me foi presenteada pelo Paulo César, o qual escreveu essa feliz dedicatória<sup>52</sup>. A UFRPE, com essa nossa linha

50Nesse evento, a Fundação de Desenvolvimento Municipal do Interior de Pernambuco (FIAM) comemorava seu 10º aniversário e foi realizado em 28 de novembro de 1978, na sede da própria Instituição promovido pelo Governo do Estado e Secretaria de Planejamento de Pernambuco.

51 Para leitura do discurso do Professor Paulo Marques, consultar: Fundação de Desenvolvimento Municipal do Interior de Pernambuco. **Seminário Comemorativo do 10º aniversário da Fiam 1967-1977**. Recife: CEPE, 1978. p. 81-82. Acervo particular de Paulo de Moraes Marques.

52Dedicatória da publicação, acima mencionada: “Paulo, a você que vive semeando o bem, induzindo os jovens e todos aqueles que direta ou indiretamente lhe conhece, a descobrir novos horizontes em suas vidas. Este trabalho de equipe ao longo de uma década e que você também participou, retrata um pouco do que se pode fazer em favor do que existe de mais importante no mundo, O Homem. Um abraço do amigo, ex-aluno e grande

de trabalho, esteve construindo verdadeiras posições para o apoio extensionista ao nosso desenvolvimento rural, a começar pela organização dos agricultores, para sobre ela exercer assistências efetivas e participativas, não só agrícolas, mas de outras ordens. Acredito ter ficado na UFRPE a essência dessas experiências, de vez que alguns professores que me acompanharam nesses trabalhos ainda continuam atuando na disciplina.

No ano de 1978, o Projeto Rondon subvencionou uma viagem de estudos à Cooperativa Mista dos Agricultores do Treze Ltda<sup>53</sup>, e considero importante destacar os integrantes da comitiva:

**Professores da UFRPE:** Paulo de Moraes Marques e Pedro Paulo de Araújo;

**Técnico da FECOMIPE:** Djalma Augusto de Melo Filho;

**Coordenador da viagem:** Universitário Luiz Carlos Cavalcanti de Albuquerque, da Diretoria Executiva de Pernambuco da Fundação Projeto Rondon;

**Alunos da UFRPE:** 07 alunos dos Cursos de Medicina Veterinária, Zootecnia e Licenciatura em Matemática, estagiários nas cooperativas em julho de 1978, desenvolvendo Projeto de Extensão;

**Alunos da UFRPE:** 15 alunos dos Cursos de Agronomia, Economia Doméstica, Medicina Veterinária, Zootecnia, Ciências Biológicas e Monitor em Extensão Rural em preparo para estágio e cursando a disciplina Extensão Rural;

**Alunas da UFPE:** 02 alunas em atuação em Cooperativismo pela Fundação Projeto Rondon em Pernambuco;

**Agricultores:** 02 representando a Cooperativa do Município de São Caetano; 03 representando a Cooperativa e o Sindicato Rural do Município de Lajedo; 03 representando a Cooperativa do Município de Jupi; 03 representando a Cooperativa e Sindicato Rural do Município de Calçados; e 01 representando a Cooperativa do Município de João Alfredo.

---

admirador. Paulo César de Castro, Recife, 08/01/1979". Acervo particular de Paulo de Moraes Marques.

53 No período de 25 a 27 de setembro de 1978, a Fundação Projeto Rondon, através da sua Diretoria Executiva do Estado de Pernambuco, patrocinou a viagem de estudos à Cooperativa Mista dos Agricultores do Treze Ltda., localizada no Município de Lagarto, Estado de Sergipe, SE. Participaram professores de Extensão Rural da UFRPE, alunos de diversos cursos da UFRPE e alunas da UFPE, agricultores vinculados a estudos e trabalhos cooperativistas e vinculados aos Sindicatos Rurais. Maiores informações, consultar: Marques, Paulo de Moraes. Relatório de viagem de estudos à Cooperativa Mista dos Agricultores do Treze Ltda., Recife, novembro, 1978. 18 f. Acervo particular de Paulo de Moraes Marques.

Como conclusão, essa viagem ratificou a excelente atuação do Projeto iniciado nesse ano de 1978, recebendo estímulos substanciais e conhecimentos elevados e retroalimentação para sua continuidade. Treze dias após a viagem, realizamos uma série de seis seminários com os alunos das seis turmas da disciplina de Extensão Rural a fim de debater o contexto observado, as linhas fundamentais, os detalhamentos do processo Cooperativista Treze e, em especial, a necessidade de se estabelecer um esquema educacional amplo, visando a preservar o sistema autônomo e participativo dos agricultores no processo de modernização daquela Cooperativa.

Foram, também, realizados seminários com os agricultores das seis cooperativas que tiveram seus representantes na viagem à Cooperativa do Treze, visando à reflexão do que foi observado a fim de facilitar a tomada de posições autônomas pelas lideranças das cooperativas trabalhadas no Projeto de Extensão, facilitando a integração dos agricultores com as Organizações e Programas Oficiais.

Também naquele mesmo ano de 1978, o Pró-Reitor para Assuntos Comunitários da UFPE, Professor Paulo Barbosa, me convidou para ser Coordenador de um Programa de Campo, integrando UFPE /UFRPE a partir de um amplo projeto da sua Pró-Reitoria para atuação nas cooperativas com alunos do 3º período dos cursos de Administração, Ciências Sociais, Direito, Serviço Social e Economia integrados com seus colegas das Ciências Agrárias da UFRPE<sup>54</sup>. Repito, era a Extensão Rural, sendo vivida em sua infinitude humanizante, levando as pessoas a se dignificarem. Eram alunos e professores, agricultores dos sindicatos rurais e das cooperativas em plena integração. As ramificações desse trabalho foram se tornando cada vez mais visíveis à sociedade e, a cada dia, outras Instituições, a exemplo da UFPE, queriam se espelhar em nosso trabalho para também desenvolver ações parecidas no campo, levando seus alunos para atividades de campo, e começaram a citar que havia um professor na Rural que estava desenvolvendo um trabalho nesse sentido.

A repercussão dos resultados dessas ações de ensino e de Extensão Rural, como já falei, era amplamente valorizada pelo Professor Espedito Couceiro, da Pró-Reitoria de Extensão, o qual, com sua perspicácia, observou que o pioneirismo e ineditismo desse trabalho colocava a UFRPE em uma posição

---

54 Esta ação se tornou efetiva a partir do “Projeto de Treinamento para Atuação nas Cooperativas de Jupi e Lajedo”, elaborado em 1978, conjuntamente, pela Pró-Reitoria para Assuntos Comunitários da UFPE e pelo Departamento de Assuntos Estudantis da UFRPE. Este Projeto tinha por objetivo treinar alunos da UFPE para atuarem em Cooperativismo e esta ação, em 1979, possibilitou a articulação das duas Universidades (UFRPE/UFPE), estruturando o Projeto Cooperativas Interuniversitário. O documento integra o acervo particular de Paulo de Moraes Marques.

de destaque na Extensão local e nacional, além de transmitir a ilustração viva do que era a Extensão Universitária Popular. Foi com essa percepção que conseguiu o apoio do Reitor Waldecy Pinto<sup>55</sup>, homem de vanguarda que abraçava as causas inovadoras. Contando com o apoio da Reitoria, como já falei, passei a acompanhar o Professor Espedito nos eventos realizados nos vários Estados brasileiros para que eu fizesse a apresentação do trabalho da UFRPE. Foi dessa forma que contribuímos para tornar visíveis as ações de Extensão Rural da UFRPE, e meu trabalho passou a ser acatado e reconhecido na Universidade através da Pró-Reitoria de Atividades de Extensão, na pessoa do Professor Espedito Couceiro.

Porém, no âmbito da tradição, do academicismo, não foi bem assimilado, e talvez esse paradigma ainda não possa assimilar em virtude da história cultural academicista do Brasil, não tem nada de menosprezo, de diferenciação, não houve isso. O fato é que toda Universidade é elitista. Após esses anos, melhorou, mas, assim mesmo, o elitismo ainda continua impregnando sua forma de ser e de funcionar.

Observei esse fato durante o “Seminário O Rural e a Formação Universitária na UFRPE: 100 anos depois”<sup>56</sup>. Foi uma ótima oportunidade para observar as discussões em torno do currículo do Engenheiro Agrônomo e deixou claro que continua sem haver uma Extensão Rural voltada para a lavoura de subsistência. Toda a discussão do academicismo universitário foi voltada para o tema da lavoura de exportação, como era chamada antes, o agora - agronegócio -, todo esse discurso é bonito, moderno, mas, não tem o cheiro da terra, o cheiro do homem trabalhando na enxada. O abraço do técnico, do professor e do aluno no povo do campo. Ser hospedado nas casas simples, saborear a mesma comida, viver as mesmas circunstâncias da oralidade, enfim, enxergar além. Enquanto eu trabalhava com lavoura de subsistência, trabalhava com o pobre, com o homem rural, o homem do campo, naquilo que a história do Brasil e do Nordeste separou, quer dizer, a herança do escravo que plantava sua própria comida para sua subsistência familiar, o ex-escravo, o homem que ficou livre e pobre, sem terra ou com pouca terra. Fui ao encontro desse povo porque, no Brasil, essa situação é muito triste. É cultural.

Enquanto isso, nos Estados Unidos, a Extensão Rural<sup>57</sup> surgiu após a guerra

---

55 Arquiteto formado na turma de 1954 pela Universidade Federal de Pernambuco. Professor, Waldecy Fernandes Pinto esteve à frente da Reitoria no período de 10 de fevereiro de 1983 a 10 de fevereiro de 1987. É Professor Emérito da UFRPE.

56 O Seminário “O Rural e a Formação Universitária na UFRPE: 100 anos depois” aconteceu de 19 a 21 de março de 2013, no Salão Nobre da UFRPE.

57 Tema tratado anteriormente na Crônica “Atuação Extensionista na Universidade Federal Rural de Pernambuco do Professor Paulo de Moraes Marques, Doutor e Livre Docente em Extensão Rural”, de autoria do Prof. Dr. Paulo de Moraes Marques. Vide a nota 50.

civil (1860–1865) como atividade voltada ao desenvolvimento da produção agrícola e do bem-estar social, em função da abundante oferta de terras e às exigências de modernização a partir da industrialização intensa no norte do país. Várias leis foram estabelecidas para essa ampla ação do desenvolvimento rural. Numerosas organizações de agricultores, clubes de mulheres do campo, de jovens etc iniciaram grande fluxo de solicitações técnicas às escolas rurais e universidades. Essa dinâmica de integração estabeleceu integrado processo de articulação entre o ensino, pesquisa e extensão por meio da assistência técnica aos agricultores. Duzentos anos depois da guerra civil americana, Abraham Lincoln, essa figura humana iluminada, através da Lei Merrill de 1862, determinava a doação de terras federais aos Estados, de modo a permitir a estruturação de instituições de ensino agrícola superior, que seriam mantidas pelos governos estaduais e essas Instituições teriam a missão de capacitar a população rural dando assistência técnica, teriam todo o apoio do governo, aí surgiu a Extensão Rural.

A partir dessas propriedades, chamadas as “granjas” - grand college - Lincoln foi facilitando o acesso às terras e possibilitando a capacitação dos seus proprietários. Pode-se ver que nos Estados Unidos houve uma formação endógena - primeiro, a alimentação para seu povo, depois a exportação -, uma formação natural do País e do povo americano. Enquanto que no Brasil, foi diferente<sup>58</sup>, os primeiros portugueses que aqui chegaram vieram para “pegar as riquezas e ir embora”, foi uma colonização de exploração. Tirando o nosso grande Duarte Coelho e a sua esposa Dona Brites de Albuquerque, que aqui chegaram com o intuito de desenvolver a terra. Esse retorno no tempo é imprescindível porque temos que resgatar aqueles que viveram há muito tempo e escreveram a História do nosso País.

Retomando minha didática, no que se refere à metodologia, utilizava dois formatos: na sala de aula durante as aulas teóricas, minha aula era pautada em conversar, refletir, entender para alimentar teoricamente os grupos de alunos que integravam as equipes dos projetos de campo. E esses grupos de campo alimentavam a percepção do que era ser um Extensionista na sala de aula para os demais alunos que não participavam dessas equipes e não iam ao campo. Ninguém lia uma bibliografia específica, ninguém lia nenhum texto, não se lia nada, não havia trabalho a ser realizado em casa, nada. Éramos grupos de discussão, rodas de memória - veja que interessante, sem querer e sem prever o futuro, montávamos a Roda da Memória -, em todas as minhas aulas “reorganizávamos”, vamos dizer assim, as cadeiras para formar a grande roda de discussão, eu era um integrante da roda, não

---

58 Maiores informações, ver o livro: MOOG, Viana. **Bandeirantes e Pioneiros: paralelos entre duas culturas.** São Paulo: Civilização Brasileira, 1983. 448 p.

usava *bureau*, nem quadro negro -, e, ao final de cada aula, de cada roda, nem sempre deixávamos a sala com a sua organização tradicional, e isso algumas vezes me trouxe a reclamação de alguns colegas professores que encontravam a sala “desorganizada”.

A roda começava com a fala dos alunos do campo, que conversavam com os demais colegas sobre as atividades que estavam desenvolvendo, e os colegas que não integravam as equipes de campo perguntavam, trocavam ideias, apresentavam sugestões. Assim, a turma saía da aula mais fortificada, mais teorizada e mais consciente – havia uma inter-alimentação. E eu lhes dizia: “você são comunicadores!” Inspirava-me nas palavras de Paulo Freire, pois, segundo ele, não era Extensão, era Comunicação. E afirmo que fazíamos uma Extensão Universitária Comunicativa, seguindo os passos e a dinâmica de Paulo Freire, que pregou essa Extensão e Comunicação, motivo pelo qual, infelizmente, foi preso durante a ditadura militar. Eu, pelo meu lado, ao chegar a uma comunidade onde iria desenvolver o projeto de Extensão, buscava o Coronel Comandante da Unidade Militar, para informar o motivo e o objetivo do trabalho que a Universidade pretendia desenvolver na região.

Relembrando meu primeiro momento em sala de aula, digo com plena certeza que foi inusitado. Diante da experiência que trazia em trabalhos com cooperativas, jamais poderia ser um professor tradicional. Não apenas pelo hábito das ações e desafios dos trabalhos relacionados em comunicação livre com os grupos e as comunidades rurais, mas, também, pelo meu temperamento sempre atraído pelo diálogo. Trouxe para a sala de aula elementos concretos para discussão, exemplificando e levando os alunos a refletirem sobre a Extensão Rural. Nem todos os alunos que frequentavam minha turma participavam das atividades de campo, porque o grupo era como um time de futebol, eu não desmanchava um grupo para formar outro. Quando uma turma terminava a disciplina, alguns alunos pediam para continuar mesmo não estando mais na minha disciplina, e novos alunos apareciam interessados para substituir aqueles que saíam. O grupo era uma célula viva.

Tratava-se de um trabalho inovador e diferenciado para o ensino da Extensão Rural aqui, na Universidade. Em minha opinião, até então a Extensão Rural não só para a UFRPE, como para todas as universidades brasileiras que abraçaram essa disciplina, era praticamente um apoio ao serviço de Extensão Rural que desenvolvido durante anos pela ANCAR<sup>59</sup> através de Instituições tipo a EMATER, sendo totalmente separado do

59 A ANCAR, como vimos anteriormente, preparava Agrônomos e Veterinários e também Economistas Domésticas, Sociólogos e Professoras que pretendiam se dedicar à Extensão Rural. Esse treinamento preparatório era realizado nos isolados Núcleos da ANCAR para Preparação de Extensionistas. Informação verbal de Paulo de Moraes Marques.

contexto das universidades. As universidades nada mais fizeram do que pegar os problemas que a Extensão Rural “discutia em busca de soluções” nos treinamentos em seus Núcleos e passaram a repetir em sala de aula a metodologia da extensão – o que era a extensão rural, sua origem, histórico, como começou nos Estados Unidos, como se trabalha, como preparar as pessoas para fazer palestras e levar as ideias do programa, etc. Enfim, trouxe a metodologia da ANCAR, a ideologia americana e adaptou a ideia americanizada, montando o programa da disciplina baseado nesse treinamento. Era isso que se fazia. Era dessa forma que se ensinava Extensão Rural até aquela época. Fui um revolucionário. Dei uma reviravolta nessa situação e discuti com os colegas, dizendo que nós, professores, precisávamos modificar aquela situação naquela realidade histórica, e em nosso momento evolutivo e dinâmico, em direção da economia brasileira naquilo que ela se formou.

Trouxe o olhar de Paulo Freire<sup>60</sup>, o grande educador brasileiro. Trouxe, também, o olhar do grande psicólogo americano Carl Rogers<sup>61</sup>, porque Carl Rogers descobriu, estabeleceu e consolidou a psicologia centrada no cliente. Segundo ele, devemos trabalhar com nosso cliente apreciando toda a montagem biográfica, observando-o como um todo e fazendo a reconstrução histórica dele a partir dele próprio. Segui a linha de Carl Rogers, Paulo Freire e do meu grande e saudosos amigo, paraguaio-brasileiro e grande irmão Juan Diaz Bordenave<sup>62</sup>.

Ao conhecer o seu magnífico trabalho, passei a acompanhar suas obras e conferências. Felizmente, no final de 1976, com o apoio do Professor Espedito Couceiro, então Pró-Reitor de Extensão, que reconhecia e respeitava a consciência e o valor de Bordenave para a Extensão e a Comunicação, tive a

---

60 Paulo Reglus Neves Freire, recifense, nasceu em 19 de setembro de 1921 e faleceu em São Paulo em 2 de maio de 1997. Educador e filósofo é considerado o Patrono da Educação brasileira. Destacou-se por seu trabalho na área da educação popular, voltada tanto para a escolarização como para a formação da consciência política. Dentre suas inúmeras obras publicadas, destaca-se “Pedagogia do Oprimido”, livro que propõe um método de alfabetização dialético. Paulo Freire se diferenciou do vanguardismo dos intelectuais de esquerda tradicionais e sempre defendeu o diálogo com as pessoas simples, não só como método, mas como um modo de ser realmente democrático.

61 Carl Ransom Rogers, nascido em Oak Park, Illinois, Estados Unidos, em 8 de janeiro de 1902, faleceu em 4 de fevereiro de 1987, em La Jolla, Califórnia, Estados Unidos. Psicólogo de formação, esse norte-americano foi o primeiro a gravar sessões psicoterapêuticas, com as devidas permissões, tornando possível o estudo objetivo de um processo eminente subjetivo. Seus métodos científicos estão descritos em livros traduzidos no Brasil como “A Pessoa como Centro” e “Um jeito de ser”. Relatou em uma de suas últimas e melhores obras, “Sobre o Poder Pessoal” – livro em que traça, por exemplo, um paralelo entre suas descobertas e as de Paulo Freire e sua Pedagogia do Oprimido.

62 Juan Diaz Bordenave, paraguaio, nascido em 1926 e falecido em 2012. Considerado um dos papas do pensamento latino-americano de Comunicação. Defendia a pedagogia problematizadora em que se valoriza o processo de transformação do aluno. Dentre suas obras publicadas, destacam-se “O que é Comunicação”, “Estratégias de Ensino-Aprendizagem” e organizou o livro “Educação Rural no Terceiro Mundo: Experiências e Novas Alternativas”.

honra e a oportunidade de trazê-lo à UFRPE, onde, com muita honra, coordenei a Conferência “Extensão Universitária e Desenvolvimento”, realizada no Salão Nobre. Evento de grande repercussão, especialmente, quando trouxe o paralelo entre a Extensão realizada nos Estados Unidos e a Extensão brasileira<sup>63</sup>, fato que despertou nos alunos a importância e a vontade de “fazer extensão”, e Bordenave, sempre gentil e humilde, se dispôs a continuar colaborando com nosso trabalho na Universidade. Na minha tese, faço um agradecimento a ele.

É importante ser dito que Instituições como a FUNAI, Projeto Rondon, Prefeituras e Instituições de Ensino como a UFPE e a FAFIRE tomaram conhecimento dessa minha metodologia de trabalho e das ações de extensão que realizávamos no campo. Certo dia, recebi o convite da Professora Tereza Dubeux da disciplina de Psicologia Social da FAFIRE para conversar e, a partir dali, agregou-se em nossa equipe, e passamos a realizar projetos conjuntos. Elaborou um documento muito bom sobre Ação Social que passou a ser base forte da metodologia explicativa da sistemática do trabalho e a base do trabalho participante e instrumento para as discussões com os alunos. Com o ingresso de Tereza, transformamos duas equipes em uma, a minha aqui da Rural e a equipe dela da FAFIRE. Afirmando, tranquilamente, que, a partir da união do meu olhar de Agrônomo-Humanista-Psicólogo com o olhar da Psicóloga Social, aprimorei minha metodologia.

Agora, estou lembrando uma coisa interessante. Enquanto o trabalho em Quatis avançava, nossas aulas aconteciam sem seguir teoria escrita, discutia a cada semana com os alunos o que estava acontecendo paralelamente no campo – porque Quatis era um trabalho paralelo à sala de aula. A cada semana, os alunos que frequentavam as aulas faziam a conexão com o campo através do encontro com aqueles alunos que integravam o projeto e, na sala de aula, discutia-se como estavam acontecendo os eventos e superando os encaminhamentos de campo, e como era e como acontecia a extensão. A aula era assim, baseada na experiência de campo, e ficou muito intenso o fato de se discutir ao vivo e na cidade o que acontecia no campo. E o mais interessante é que os alunos do projeto explicavam aos colegas que não participavam do projeto, não viajavam e não tinham a experiência prática,

---

63Recomendamos para leitura: BORDENAVE, Juan Diaz. O Ensino da Disciplina “Extensão Rural” nos Currículos das Ciências Agrárias. IICA, 1977. (Trabalho apresentado na Reunião Técnica de Professores de Extensão Rural). Belo Horizonte, MG, 11 a 14 de abril de 1977. 14 p. Disponível em: [https://books.google.com.br/books?id=1hkoAQAAIAAJ&pg=PP3&lpg=PP3&dq=juan+diaz+bordenave+%2B+o+ensino+da+disciplina+extens%C3%A3o+rural&source=bl&ots=DttWF\\_9pWh&sig=KvlhSGDWF0njmuRbjZLUJ9lg4cl&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKewiMntOdip3LAhXGJlAKHfAxDMMQ6AEIKJAC#v=onepage&q=juan%20diaz%20bordenave%20%20o%20ensino%20da%20disciplina%20extens%C3%A3o%20rural&f=false](https://books.google.com.br/books?id=1hkoAQAAIAAJ&pg=PP3&lpg=PP3&dq=juan+diaz+bordenave+%2B+o+ensino+da+disciplina+extens%C3%A3o+rural&source=bl&ots=DttWF_9pWh&sig=KvlhSGDWF0njmuRbjZLUJ9lg4cl&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKewiMntOdip3LAhXGJlAKHfAxDMMQ6AEIKJAC#v=onepage&q=juan%20diaz%20bordenave%20%20o%20ensino%20da%20disciplina%20extens%C3%A3o%20rural&f=false)  
Acesso em: 15. jan. 2015.

esclareciam os detalhes que esses colegas não percebiam, porque os alunos que faziam parte da equipe do projeto eram testemunhas vivas do processo. Mas só hoje tenho essa percepção. Naquela época, eu não tinha essa percepção, usava aquela didática porque em minha essência eu era assim, porque tudo que fiz profissionalmente fiz como era minha vida. Quebrei muito a cara, mas também consegui realizar experiências emocionantes como essa.

E por eu ser uma pessoa sem confronto, frequentavam minhas aulas vários alunos de esquerda, comunistas e do PT (naquela época em formação), do PC do B, enfim, os partidos de esquerda e, entre eles, tinha um aluno que não participava da equipe de campo, e passou a fazer uma série de perguntas que não se encaixavam no contexto, então lhe falei: “olha, companheiro, eu não tenho mais como lhe responder, você está convidado para ir na próxima viagem a Quatis com a turma para ficar lá e ver como é o trabalho, assim você vai ver como acontece. É melhor do que eu ficar explicando aqui na sala de aula”. Então, percebi que ele estava curioso porque aqui, na Universidade, o pessoal de direita me considerava um comunista e de esquerda, enquanto que, pelos esquerdistas, era considerado como espião do 4º Exército. Essas eram classificações correntes na Universidade. Ele acompanhou a equipe do projeto e ficou perplexo, observando o tempo todo, sem falar uma palavra. Na aula seguinte, o encontrei no corredor da Universidade, e ele estava com outra fisionomia e falou: “Olha, professor, o seu trabalho precisa ser divulgado na Universidade toda porque o Senhor está fazendo uma coisa seríssima e incrivelmente inacreditável”.

A história desse aluno é muito interessante porque, no início, eu poderia ter lhe dito que se retirasse porque estava atrapalhando a aula, mas o convidei para conhecer o trabalho de campo e lhe dei essa abertura. Ele acompanhou a equipe do projeto de Quatis no dia da eleição para a diretoria da Cooperativa. Dali por diante, ele passou a fazer um movimento de divulgação e minha equipe, minha aula passou a ser frequentada em sua maioria pelos estudantes de esquerda, todos pedindo para participar de um legítimo processo de mobilização popular. Então falei para eles: “aqui não se fala em política, fora da sala de aula, vocês podem brigar entre si falando em suas lideranças e seus partidos, mas, aqui na aula e na equipe, não permito. Aqui, a política é social”. E assim aconteceu, estudavam, discutiam e passaram a frequentar mais as aulas. Foi engraçadíssimo porque, dali por diante, passamos a conviver numa harmonia e num entendimento maravilhoso com aquele pessoal de esquerda.

Sem nenhuma pretensão e colocando a modéstia de lado, posso afirmar que minha aula era aquela na qual se discutia experiências de forma lúdica

e prazerosa. Nela, eu pretendia que meus alunos adquirissem conhecimento através dos contatos e das discussões, e não apenas com a teoria, naturalmente, por isso, tinham prazer em participar. Durante todos esses anos de trabalho no campo, nunca tive nenhum problema com os latifundiários e nem com os líderes contrários às ideias do projeto e a favor dos latifundiários, sempre convivemos em clima de respeito. Quando me encontravam, me abraçavam e sorriam comigo.

Anos depois de aposentado, cheguei a receber cartas de alunos que estavam em áreas distantes. Muitos alunos passaram, e não nos reencontramos mais. Mas alguns, como é o caso de Belgrano Cavalcante, na época, aluno de Medicina Veterinária, e Tirso Rivas, do Curso de Zootecnia, se tornaram grandes amigos e, quando nos reencontramos, é sempre uma festa! Outra aluna é Suerleide, a Sussu, que integrou a equipe do Projeto Cooperativa, e o tempo fez com que viesse a se tornar minha segunda esposa, com todo respeito ao meu primeiro casamento, seguindo a evolução natural das coisas, sem julgamentos.



# EXPERIÊNCIAS EMBLEMÁTICAS COM ALUNOS DA DISCIPLINA DE EXTENSÃO RURAL



## PROJETO COOPERATIVA: SEMENTES PARA A COOPERATIVA DE QUATIS

O Projeto Cooperativa<sup>64</sup> foi o primeiro projeto de Extensão Rural que coordenei junto com alunos da UFRPE. Até então, esse projeto, apesar de aprovado pelo Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFRPE, em 1978, havia sido desenvolvido através da ação conjunta UFRPE/UFPE. A parceria com a UFPE com trabalhos desenvolvidos em alguns municípios contou com o apoio financeiro do POLONORDESTE<sup>65</sup>, e teve como objetivo apoiar o processo de organização cooperativista dos agricultores de baixa-renda nos Municípios do Agreste Meridional de Pernambuco. A partir do Projeto de Cooperativismo, integrado com a UFPE, fui formando um referencial de campo com um grupo permanente de alunos, que tomaram posição na frente de trabalho e realizaram uma ação, que culminou em sua magnífica formação de Agrônomos Extensionistas para uma Extensão Brasileira.

Nossa pretensão, a partir de então, era dar continuidade exclusivamente através da UFRPE. O ano de 1979 ficou marcado como o ano em que abrimos as grandes picadas para as ações de campo. De início, a ação extensionista universitária do projeto destinou-se à polarização da absorção por parte dos pequenos agricultores da Região Meridional do Estado de Pernambuco, especificamente, do Sindicato Rural, situado em terras do município de Lajedo, que congregava os pequenos agricultores daquela localidade. Na sequência, através do Projeto Cooperativa, iniciamos atuação em mais 05 municípios da Mata Norte de Pernambuco: Carpina, Nazaré, Vicência, Timbaúba e São

---

64 Projeto denominado Ação Universitária de Apoio Permanente à Organização Sócio-Econômica de Agricultores de Baixa-Renda em Bases Cooperativistas: "Projeto Cooperativa" foi aprovado pela Resolução nº 01/78 do Conselho de Ensino, Pesquisa e Extensão da UFRPE, em reunião realizada no dia 13 de janeiro de 1978. Teve duração de 1979 a 1983.

65 O Programa de Desenvolvimento de Áreas Integradas do Nordeste (POLONORDESTE) foi criado no governo Ernesto Geisel através do Decreto nº 74.794 de 30 de outubro de 1974, com o objetivo de promover o desenvolvimento e a modernização das atividades agropecuárias de áreas prioritárias do Nordeste, com o sentido de polos agrícolas e agropecuários. Tinha como pretensão aumentar a produtividade e a renda da população rural da região através de projetos integrados em microrregiões selecionadas, ou áreas prioritárias com acentuados problemas de pobreza ou com acentuada possibilidade de desenvolvimento imediato.



Lourenço da Mata, demonstrando que a metodologia participativa para desenvolvimento de pequenos agricultores, através do cooperativismo desenvolvido pela UFRPE, era altamente eficiente e eficaz.

Em 1981, o Projeto nos levou a tomar parte em ações no Município de Pesqueira, junto a interesses da Cooperativa Agropecuária local. Também, por solicitação da SUDENE, em articulação com a Organização das Cooperativas do Estado de Pernambuco (OCEPE), passamos a atuar, também, nos Municípios de Angelim e Lajedo. Em Angelim, orientamos o grupo representativo de pequenos agricultores no estabelecimento de um Posto de Cooperativa Mista dos Trabalhadores Rurais de Calçado. Em Lajedo, atuamos junto ao Sindicato de Trabalhadores Rurais, colaborando com a programação de divulgação cooperativista daquela Entidade de Classe, naquele Sindicato, tomamos conhecimento de que havia uma cooperativa de trabalhadores ligada a uma Federação de Cooperativista que lidava com trabalhadores rurais lá em Lajedo no mesmo nível que nossa equipe trabalhava. Porém, não havia nenhum trabalho integrado com a comunidade de Quatis<sup>66</sup>, pois o objetivo daquele grupo era formar uma Cooperativa de Avicultores em Lajedo, ou seja, o que estava acontecendo de fato era que essa cooperativa de trabalhadores rurais estava lutando pelos interesses dos grandes avicultores.

A partir de então, concentramos nossa atenção em atender ao Núcleo de Colonização de Quatis. Iniciamos as ações em Quatis, retomando os contatos e a amizade com o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Lajedo que, por se tratar de um órgão político, tornou mais fácil nossa comunicação com os líderes de Quatis. Dessa forma, voltamos a pôr em prática em Quatis<sup>67</sup> a essência do Projeto Cooperativa com o qual havíamos trabalhado em parceria com a UFPE. Nas primeiras reuniões com as lideranças locais, ficou clara a existência de uma intrincada problemática no Núcleo Colonial de Quatis. Foram informadas as infrutíferas tentativas

---

66 Quatis, situada em terras do município de Lajedo, Pernambuco, é também parte do município de Ibirajuba, uma das seis áreas escolhidas, inicialmente, para atuação do Projeto Cooperativa aprovado pela Comissão Estadual de Cooperativismo de Pernambuco (CECOPE) e vinculado à atuação do Programa Nacional de Cooperativismo em Pernambuco (PRONACOOP).

67 A Ação Universitária de Apoio à Recuperação da Cooperativa Agrícola Mista de Quatis Ltda se baseou no Projeto Cooperativista em parceria entre a UFRPE e a UFPE, elaborado conjuntamente em 1978 pela Pró-Reitoria para Assuntos Comunitários/Departamento de Assuntos Estudantis da UFPE e pela Pró-Reitoria de Extensão da UFRPE. Através desse Projeto, alunos da UFPE e da UFRPE atuaram em Cooperativismo e esta ação levou em 1979 a articulação da UFRPE/UFPE, estruturando o Projeto Interuniversitário denominado Cooperativas. Findo o período desse Projeto, a UFRPE, através da Pró-Reitora de Extensão, a partir da proposta do Professor Paulo Marques, aceita pelo Pró-Reitor de Extensão, Professor Espedito Couceiro, levou adiante as ações de extensão universitária em Quatis, Município de Lajedo. Ações apresentadas no "Relatório de Atividades na Área de Quatis - 1979/1980", redigido por Paulo de Moraes Marques, em outubro de 1980. Documento que integra o acervo particular de Paulo de Moraes Marques.

no sentido de levar os parceiros<sup>68</sup> a se engajarem e a se interessarem no processo de estruturação e dinamização da Cooperativa. Apesar de todas as razões e advertências apresentadas pelo INCRA<sup>69</sup> e pela EMATER-PE, a coordenação do Projeto Cooperativa, estimulada pelo interesse dos alunos, decidiu enfrentar o desafio: manter o Núcleo Colonial de Quatis como uma área onde iria se tentar o soerguimento cooperativista.

A própria dificuldade da questão apresentava-se para o Projeto como substancial aspecto para aprendizagem concreta, tendo em vista ser de alta relevância para o momento do desenvolvimento brasileiro em suas conotações rurais, ou seja: estabelecer estratégias e táticas culturalmente próprias capazes de superar os obstáculos conjunturais para a organização socioeconômica dos contingentes de baixa-renda, atendendo, desta forma, as amplas metas dos Ministérios do Interior e da Agricultura, quais sejam, a fixação do homem ao solo, desativando o êxodo rural, a organização socioeconômica desses agricultores e o aumento da produção e produtividade agrícola desse extrato da população<sup>70</sup>. Tempos depois, esse projeto terminou.

Diante desse contexto, decidimos expor a situação e perguntar aos alunos se eles se interessavam em participar e levar o Projeto adiante. Imediatamente, recebi resposta positiva. Com essa manifestação dos alunos, me encaminhei ao Pró-Reitor Espedito, que havia apoiado o projeto em parceria com a UFPE, e lhe falei da necessidade de darmos continuidade a uma ação de campo, onde existia um enraizamento que havia ficado do Projeto Cooperativa e continuava forte e vivo. Disse-lhe, ainda, que a gente poderia assumir o desafio de apoio universitário a um projeto popular em Quatis, no Município de Lajedo. Ele perguntou se seria interessante, e lhe expliquei com entusiasmo que em Quatis tinha havido uma luta e uma invasão de terra antes da ditadura e, quando Castelo Branco assumiu o poder, desapropriou Quatis, dividiu em lotes e fez uma espécie de reforma agrária<sup>71</sup>. Quatis era diferente.

---

68 Aqueles que detêm uma parcela de terra.

69 Criado pelo Decreto nº 1.110 de 9 de julho de 1970, atualmente o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA), implantado em todo o território nacional por meio de 30 superintendências regionais. É uma autarquia federal cuja missão prioritária é executar a reforma agrária e realizar o ordenamento fundiário nacional.

70 Segundo o Relatório de Atividades na Área de Quatis 1979-1980. Documento que integra o acervo particular de Paulo de Moraes Marques.

71 O General Humberto de Alencar Castelo Branco, primeiro presidente do regime militar no Brasil ao assumir o País após o golpe de 31 de março de 1964, colocou em prática algumas ações de reforma agrária a partir da promulgação da Lei nº 4.504 de 30 de novembro de 1964, conhecida como “Estatuto da Terra”. Nesse sentido, desapropriou algumas terras, dividiu em lotes e fez uma espécie de reforma agrária nos Estados de Ceará, Distrito Federal, Goiás, Pernambuco, Minas Gerais, Paraíba, Rio Grande do Sul e Rio de Janeiro. Aqui em Pernambuco, foram beneficiados três Projetos: Caxangá para atender vários Municípios, tendo como órgão iniciador o IBRA objetivando atender 696 famílias; Tiriri para atender o Município do Cabo, tendo como órgão iniciador a SUDENE objetivando atender 493 famílias; e Quatis para atender o Município de Lajedo, tendo como órgão iniciador o IBRA objetivando atender 70 famílias. Fonte: Reforma Agrária. Boletim da Associação

Falei que, em Quatis, ainda tinha alguns líderes da época da luta pela terra, naquele momento, menos agitados, mas que lá permaneciam, enquanto outros se foram para diversos lugares. Disse-lhe que seria interessante a UFRPE sair do *campus* e ir até aqueles agricultores reencontrar os resíduos das legítimas lideranças da luta. Expliquei que, enquanto a Cooperativa de Quatis estava decadente e parada, com as máquinas e os tratores enferrujando, os prédios abandonados e os agricultores em seus lotes decadentes, apesar desses agricultores já terem se dirigido ao INCRA para pedir a área física e o acervo da Cooperativa, os grandes avicultores de Lajedo estavam se organizando para formar uma Cooperativa de Avicultores. Os grandes avicultores pretendiam, portanto, subtrair o local, a estrutura e o acervo da Cooperativa de Quatis para montarem a Cooperativa de Avicultores, e já tinham ido ao INCRA e estavam convictos de que ficariam com a Cooperativa de Quatis e iriam tomar posse de Quatis. Diante dessa exposição e dessa justificativa, esse professor, que aqui está rememorando, com seus alunos, recebeu o aval da Pró-Reitoria de Extensão para continuar o Projeto da Cooperativa em Quatis.

A equipe do projeto foi formada por professores e 10 alunos selecionados para estagiários do Projeto, assumido oficialmente pela Pró-Reitoria de Extensão. Esse grupo de alunos tinha a seguinte formação: 05 alunos de Agronomia, 04 alunos de Zootecnia, 01 aluno de Medicina Veterinária e havia, ainda, os alunos visitantes de Engenharia de Pesca e Economia Doméstica. Integravam o grupo alunas do Curso de Serviço Social da UFPE e de Psicologia da FAFIRE. Foram criados, então, 02 grupos de referência: alunos estagiários e alunos visitantes. Como coordenador desse trabalho, aprendi muito, as alunas do Serviço Social, da Economia Doméstica e da Psicologia trouxeram uma visão sistematizada e contribuíram bastante para o trabalho que estávamos desenvolvendo - uma ação social -, na realidade, foi um trabalho social, e eu concluí que a Extensão Rural é, essencialmente, um trabalho de Ação Social de apoio ao desenvolvimento rural. Foi muito interessante acompanhar o interesse dos alunos que, além das atividades de campo, passaram, também, a buscar informações para consolidação de suas atividades profissionalizantes, pesquisando em Institutos de Pesquisa, passando a tomar conhecimento de que alguns dos seus professores eram técnicos daquelas Instituições, e isso os levava a sentir maiores facilidades para atingirem seus objetivos.

A primeira coisa que fizemos na nossa chegada a Quatis foi localizar as antigas e as novas lideranças, reuni-las, ouvi-las e combinar em conjunto

---

Brasileira de Reforma Agrária (ABRA). Ano 1, n. 12, dez., 1971, p. 3. Disponível em: <http://www.docvirt.com/WI/hotpages/hotpage.aspx?bib=HEMEROLT&pagfis=7232&pesq=&url=http://docvirt.com/docreader.net>. Acesso em 09 de maio, 2014.

quais os caminhos a serem seguidos, participação nas reuniões com a Secretaria de Agricultura, através do Departamento de Assistência às Cooperativas (DAC), órgão que anteriormente tinha me apoiado no soerguimento da Cooperativa de Cafeicultores de Garanhuns, e esse contato foi fundamental a favor de Quatis, além, é claro, das permanentes reuniões com os agricultores em grandes rodas para ouvir suas necessidades. Essa era a prática rotineira: nós, professores e alunos integrados com os agricultores aonde quer que se fosse, independente do projeto.

Quatis foi um projeto de colonização e, ali, havia cerca de 80 a 90 famílias, que ganharam um lote de terra para ter sua casa, seus animais e suas culturas. Todas as vezes que nossa equipe chegava a Quatis nos fins de semana, a equipe do projeto fazia reuniões com parceiros para discutir o andamento do processo, verificar o que havia acontecido na semana anterior, o que havia evoluído para se avaliar todo o trabalho. O grupo local que estava a favor do trabalho da Universidade participava das reuniões. Enquanto isso, o pessoal que era contrário à cooperativa e estava ao lado dos latifundiários não participava dessas reuniões. As reuniões da equipe do projeto contavam, também, com a participação de membros da cooperativa e do presidente do Sindicato de Trabalhadores Rurais. E, assim, o trabalho se iniciou e continuou. A equipe do projeto se deslocava do Recife para Quatis todos os finais de semana, ia na sexta-feira e voltava no domingo. No início, muitas vezes era utilizado o ônibus normal da linha. Era uma convivência fraterna e comunitária. Depois, a Pró-Reitoria cedeu a Kombi que ficou à disposição do Projeto.

Havia uma rotatividade e um dinamismo muito grande na equipe, saía um aluno e entrava outro, feito um time de futebol, era a mesma coisa. No início, foi um grupo permanente, dormiam numa casa cedida pela comunidade, que passou a conviver muito bem com todos nós. A equipe ganhou a confiança da comunidade e passou a viver uma integração humanizante. Aqueles camponeses se sentiam gratos em saber que existia aquele serviço público a seu favor. Com a chegada da equipe da Universidade, o pessoal do Sindicato, ao ouvir nossa proposta, se “bandeou” todo para nossa equipe. Certo dia, um dos líderes falou: “Paulo, com vocês a gente pode se abrir”. Perguntei: “Mas por que isso?” E ele falou: “É porque vocês são diferentes. São gente da gente”. A equipe percebeu que havia ganhado a confiança daquela gente.

Chegando a Lajedo da forma mais natural e lógica, solicitei uma audiência com o Coronel, Comandante do Exército da Região, não lembro o nome dele porque cerca de dois ou três meses depois foi transferido. Após

me ouvir falar sobre a importância do Projeto, ele arregalou os olhos e perguntou: “O que o Senhor deseja, Professor? Qual o apoio que deseja?” “Alimentação?” E respondi que não. Perguntou: “Transporte? Hospedagem?” Repeti que não. Perguntou então: “O que o Senhor deseja? O que veio buscar aqui?” Respondi: “Vim informar o trabalho que vou fazer com meus alunos para evitar complicações futuras”. Ele disse: “Que história é essa?” Respondi: “Vou trabalhar com duas áreas quentíssimas, Coronel, Estudante Universitário e Camponês. Acho que a Universidade tem que conhecer a realidade rural para que possa formar Agrônomos, Médicos Veterinários e outras categorias profissionais da área agrícola que precisam conhecer a nossa realidade e a realidade camponesa. A Universidade de um lado, com seus professores e alunos, e do outro, os camponeses, na Cooperativa, é a situação ideal para nosso País para promover o desenvolvimento rural popular”. Após ouvir minha exposição, o Coronel disse: “Professor, o Senhor sabe o que está fazendo?” Respondi que não. Ele falou: “Isso é Segurança Nacional legítima, é a ordem estrutural para o País. Professor, conte comigo. Vá para o seu trabalho, não se preocupe com nada. Vá, e entre em ação com seus alunos.”

Minha audiência foi para informar o objetivo do trabalho que a UFRPE pretendia e estaria desenvolvendo com os camponeses de Quatis, e a reação do Coronel que me deu apoio militar – importante naquela época -, foi o estímulo que faltava para a equipe se lançar de corpo e alma ao objetivo. Esse apoio era imprescindível porque o trabalho da equipe de extensão no campo junto aos camponeses acontecia apenas nos finais de semana, pois, durante a semana, havia as aulas e eu nem sempre acompanhava a equipe nas viagens para o trabalho com os camponeses, os acompanhava a cada quinze dias para que os mesmos adquirissem autonomia e confiança na prática extensionista, então, era extremamente necessário que o trabalho fosse compreendido e respeitado pelas autoridades locais.

No primeiro momento do encontro com os agricultores, começamos a procurar criar laços de simpatia e amizade a fim de vencer a “desconfiança” natural que sentiam pela equipe da Universidade. Vencido o impasse, percorremos juntos o espaço e as instalações existentes para conhecer a infraestrutura ali instalada. Nas reuniões com os agricultores, começaram a aparecer as dificuldades, e uma delas foi a atualização contábil. E aí começou todo um movimento, toda uma articulação em função de resolver essa questão até conseguirem resultado. Em seguida, constatou-se que outra necessidade imediata era a recuperação do trator, então, começou-se o trabalho com o grupo que se mostrou interessado em consertar esse trator. Eles informaram que tinham ido a Garanhuns procurar um técnico da EMATER para o con-

serto desse trator, mas tomaram conhecimento de que o conserto só poderia ser feito através da cooperativa e, na época, a cooperativa não existia mais. Então, passaram a se articular em função de soerguer a cooperativa. Depois, continuaram a se mobilizar para limpar o açude, passaram a se interessar em cuidar do que era deles e a apresentar outras demandas, como a questão do conserto do silo para a guarda das sementes. A partir das demandas, a equipe passou a ofertar palestras, cursos e treinamentos. Nessa linha, as alunas do Serviço Social e de Economia Doméstica interagiram o máximo possível com as mulheres dos parceiros, ministrando palestras e cursos de culinária e noções de higiene.

Os alunos levaram uma visão sistematizada e contribuíram bastante para a educação, a conscientização, a cidadania e o desenvolvimento rural porque estávamos desenvolvendo uma ação social - foi um trabalho social -, e eu concluí que a Extensão Rural é um trabalho de Ação Social de apoio ao desenvolvimento rural. Inclusive, as alunas de Serviço Social da UFPE que integravam a equipe escreveram a monografia do final do curso relatando essa experiência. A Extensão é um trabalho maravilhoso. Enquanto trabalhávamos, os avicultores de Lajedo estavam certos de que a Cooperativa de Quatis seria deles e estavam exultantes. Diante daquela certeza, os agricultores de Quatis, com toda razão e toda lógica, apesar das orientações da nossa equipe, estavam receosos. Passamos, então, a desenvolver, independentemente uma ação extensionista altamente eficaz. Foi muito interessante, porque as ações com as quais tínhamos trabalhado anteriormente foram, vamos assim dizer, um trabalho de acompanhamento e observação, me atrevo a afirmar, que se constituíram numa primeira etapa sem argamassa estrutural, que seria aprimorada em Quatis.

Nesse grupo de agricultores, uma parcela deles achava que a cooperativa devia ser repassada para os grandes agricultores, numa demonstração de que, sem a devida consciência, o povo estava reverenciando os poderosos. Consideravam que o povo não tinha direito a nada porque não sabia como administrar um empreendimento de tal porte e, por isso, não tinha condições de levar seu objetivo adiante. Com esse pensamento, consideravam que os grandes agricultores é que tinham todo o poder para isso. Eis uma questão cultural do nosso povo. Mas ainda bem que conseguimos identificar um “foguinho de monturo” no restante daquele grupo e, juntamente, com meus alunos, trabalhamos com eles vários meses, conscientizando-os do seu papel e da sua força para modificar a realidade até chegar ao ponto de estarem preparados e em condições para se preparar a eleição para a diretoria da cooperativa.

Com a confiança dos agricultores, o trabalho para criação da cooperativa seguiu seu curso natural, até que, num determinado momento, incentivamos

a realização da eleição para sua diretoria, o que de fato aconteceu, apesar do grupo que torcia pelos latifundiários. A eleição foi tranquila, com a participação das mulheres no local da votação e, ao final, foram computados treze votos. O resultado foi anunciado pelo presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais, que assim falou: “Ganhou e a Cooperativa agora é dos agricultores. Está retomada e não tem mais o que fazer. Agora é a diretoria assumir e tocar adiante”.

Daí por diante, a gente passou dois ou três anos indo até lá cada vez mais aprimorando o trabalho. A cooperativa cresceu, passou a comprar ração, vender produtos, funcionar no balcão. Foi um processo bonito. Consideramos, então, que aquele processo de abertura e de crescimento deveria ultrapassar aquele grupo dos parceiros da Cooperativa primitiva de Castelo Branco. E sugerimos que se deveria abrir para a participação de outros municípios - para dar o sentido não só de colônia de algumas famílias localizadas em Quatis -, mas para que a cooperativa passasse a agregar os demais agricultores e esses se associassem a ela e, em conjunto, dessem continuidade às atividades para aumentar o poder econômico e social, trazendo benefícios para o povo e, para isso, deveria promover campanhas de associamento democrático. A ideia era promover uma campanha para a criação de uma Associação de Agricultores da Região, uma vez que a Cooperativa era abrangente e poderia atuar em várias áreas. No entanto, o presidente do sindicato, que também era presidente da cooperativa, não simpatizou com a proposta. A partir de então, o pessoal do Sindicato mudou de comportamento com relação à equipe da Universidade. Entenderam que nossa proposta iria trazer gente de fora e, certamente, surgiriam novas lideranças.

Dias depois, retornando a Quatis na Kombi, acompanhado pela equipe, antes de chegarmos ao pátio da cooperativa, recebi a informação de que o presidente da cooperativa estava insatisfeito com a questão da abertura para outros municípios porque queria o poder para ele. Ouvi atentamente e, agradecendo, combinei com os alunos que todos deveriam ficar quietos, a gente ia entrar para participar naturalmente da reunião. E assim o fizemos. A equipe foi muito bem recebida, acompanhamos a pauta e, depois, pedi a palavra para dizer: “Olha, companheiros, eu quero dizer uma coisa a vocês, a Universidade não é um órgão de desenvolvimento rural, não, é um órgão de formação de profissionais, e aqui nós fizemos com vocês uma ação muito interessante e muito boa para que os futuros profissionais aprendessem o que é Extensão Rural, o que é trabalhar com o povo. Ficamos aqui orientando e acompanhando vocês há cinco anos. Mas esse grupo não pode a essa altura continuar aqui, porque quem vem agora apoiar vocês no processo da cooperativa são os Órgãos de Desenvolvimento: Os órgãos de Cooperativa, O POLONORDESTE, a SUDENE.

Então nós já cumprimos nosso papel e, a partir de agora, vocês têm que tomar conta do que é vocês, pois, nossa equipe precisa sair daqui para outras entradas. Há outras entradas e já estamos atuando em Surubim, outra área invadida, então, hoje, encerramos a nossa vinda aqui a Quatis.” O presidente levantou-se, alegando que ali nós ainda tínhamos muito a fazer junto a eles. Respondi que nosso trabalho em Quatis, tinha chegado ao fim. E estávamos participando da reunião para informar que era a última vez que estávamos ali, agradecendo por tudo, toda a equipe se retirou.

Quatis foi tão especial que, em 1982, o Médico e Professor Arnaldo Marques, ao tomar conhecimento desse trabalho, solicitou para acompanhar a equipe como visitante. Na volta, escreveu o artigo “Uma Cooperativa Escola”, publicado no Jornal do Commercio, onde destacou: “Aquilo que vem sendo realizado na ‘Cooperativa Agrícola de Quatis’, neste Estado, sob o patrocínio da Universidade Federal Rural de Pernambuco, é algo de muito novo e promissor... Foi-nos dado testemunhar algo de muito relevante, isto é, a tarefa rude e meio apostólica de estudantes e professores universitários junto a turmas de camponeses, todos animados das melhores perspectivas...”<sup>72</sup>

Haviam se passado 05 anos trabalhando com a Cooperativa de Quatis. Ali, aconteceu uma história que emociona ao recordar, que surpreende pelo ineditismo. Infelizmente, tempos depois, ficamos sabendo que a cooperativa foi retomada pelos grandes latifundiários e, hoje, nem sei se ainda existe. Não houve uma força histórica que desse continuidade.

Naquela época, não tinha consciência da importância daquele trabalho. Hoje, percebo que o Ser Maior me levou a orientar os jovens e a trabalhar com as pessoas do campo levando novas ideias e promovendo a interação da Universidade com a realidade campesina, ultrapassando os muros da Universidade e não ficar fechado em uma sala de aula diante dos alunos passando conhecimento. Optei por adotar uma metodologia diferente. Hoje, anos depois, emocionado, percebo que escolhi o caminho certo.

## PROJETO COOPERATIVA DE TABU

Falar das experiências vividas no processo do desenvolvimento rural no contexto popular, visando à preservação dos valores e fatores culturais ultra indispensáveis a uma ordem social e a um progresso autêntico e legítimo daquele povo – o povo de Quatis e, logo em seguida, o povo de Tabu –,

72 O mencionado artigo publicado no Jornal do Commercio na edição de 30 de julho de 1982 integra o acervo particular de Paulo de Moraes Marques.

extremamente tolhidos da construção de sua pátria e marginalizados social e economicamente, me traz lágrimas aos olhos. Fico, mais uma vez, emocionado e a voz me falha. Mas sou imensamente grato em poder lembrar.

É importante ratificar o registro de que, durante todo o ano de 1982 e parte de 1983, integrou-se à equipe extensionista da UFRPE uma equipe de Psicologia da Faculdade de Filosofia do Recife (FAFIRE), constituída pela Professora Tereza Dubeux e oito alunas/estagiárias daquela Faculdade. Nessa articulação conjunta das duas Instituições de Ensino Superior, as equipes atuaram nas comunidades de Quatis e Tabu e, durante esse processo, a equipe da UFRPE recebeu, com essa parceria, elevados benefícios para a evolução de seu desempenho.

Registro, também, que, no início do quarto ano do trabalho da equipe em Quatis, a Coordenadoria do INCRA, em função do trabalho desenvolvido em Quatis, solicitou que nossa equipe assumisse uma ação comunitária/cooperativista na área de Tabu<sup>73</sup> no município de Surubim. Aceito o convite do INCRA, coordenei a equipe da UFRPE na missão de ajudar o povo de Tabu, que necessitava da nossa cooperação naquele seu momento histórico para criar a sua forma de associativismo. Em Surubim, na área de Tabu, o processo de desapropriação exigia, para a titulação da terra aos posseiros, a instalação de uma Cooperativa de Trabalhadores Rurais. Nessa nova oportunidade, passou-se a viver mais um importante passo para o alcance do objetivo, ou seja, uma fecunda articulação com o Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Surubim, entidade que, desde o início, vinha apoiando a luta dos posseiros de Tabu pela posse da terra.

Em 1983, novos membros agregaram-se à nossa equipe. O Professor Paulo Carvalho<sup>74</sup> do Departamento de Ciências Doméstica da UFRPE, foi acompanhado por um grupo de alunas que passaram a trabalhar com atividades específicas na área de Saúde, Higiene e Produção de Alimentos. Nessa época, a equipe passou, também, a contar com a participação da Professora Rita Luzia Ochiuze dos Santos Zandoval, também do Departamento de Ciências Domésticas, do aluno Felipe Tenório de Alfim, do Curso de Medicina Veterinária e do Sociólogo Fábio Henrique Martins da Silva, que trabalhava

---

73 Fazenda Tabu com 275 hectares de extensão localizada no Município de Surubim, Pernambuco, a 153 Km do Recife. Segundo antigos moradores, havia sido a sede de um quilombo. Tabu foi constante palco de luta e reivindicações desde os anos 1912 até 1980, quando o INCRA, atendendo à justa reivindicação dos posseiros e arrendatários, adquiriu a Fazenda por meio de compra, garantindo a permanência de todos como proprietários, através de título único de posse. No entanto, era preciso que se criasse uma forma de associação a fim de possibilitar a formalização da posse desse título único e foi nesse momento que se deu a origem da ação da UFRPE no processo de Tabu.

74 Paulo Fernandes Fragoso de Carvalho, Médico com especialidade em Clínica Médica e Infectologia, Professor da disciplina Higiene e Saúde Pública no Departamento de Economia Doméstica da UFRPE.

voluntariamente com a questão social na alfabetização ligado à “Causa Comum”<sup>75</sup>. Em seguida, a equipe passou a ser constituída, também, por outros membros da UFRPE, Maria Teodora de Barros de Oliveira, Maria de Lourdes de Figueiredo, alunas de Ciências Domésticas e pelo Professor Ângelo Brás Callou do Departamento de Educação na área de orientação metodológica.

Ao chegar a Tabu, mais uma vez, utilizamos a forma de nos achegar à comunidade - “comadrear” -, ou seja, ouvir o povo. Chegamos, convidamos os companheiros para sentar no chão mesmo em círculo e dissemos que estávamos ali para ouvir suas necessidades. De início, percebemos os agricultores com o pé atrás, desconfiavam dessa gente que vinha de fora, que vinha da Universidade. Um grupo de professores e alunos e, segundo eles mesmos nos falaram depois, tinham receio porque antes já haviam passado por ali outros grupos também de professores com pranchetas, canetas e papéis, falando em projetos que depois sumiram sem dar retorno. Ao ouvi-los falar assim, compreendemos o porquê de tanta desconfiança e tantos questionamentos. Mas, aos poucos, conversando e esclarecendo os objetivos do projeto para os líderes e para o presidente do Sindicato de Trabalhadores Rurais de Surubim, Israel Crispim, grande amigo até os dias atuais, fomos enfim entendidos e aceitos pelo grupo local. Passamos a contar, também, com o apoio do jovem líder Evandro Cavalcanti<sup>76</sup>, que era muito respeitado entre os agricultores e, ganhando sua confiança, ganhamos a confiança daqueles homens e mulheres.

Revivendo todas essas lembranças, lembro que o pessoal de Tabu cada vez mais ia ficando companheiro da nossa equipe, todo mundo virando companheiro, de brincar, de sair juntos, de confiar e nos hospedar em suas casas num clima difícil de acreditar que aconteceu daquela forma. E Evandro era um líder respeitado e querido na comunidade, além de Advogado do Sindicato. Acreditava em nosso trabalho, participava das nossas reuniões e, de tal forma, confiava em nosso projeto que colocou a sua casa da cidade e a casa do seu sítio à disposição da equipe da Universidade. Era tão ligado àquela terra e àquela gente que escreveu um texto, contando a história de Tabu, que é muito interessante<sup>77</sup>.

Foram cinco anos, aproximadamente, em Quatis e cinco anos em Tabu. Sendo que houve um momento de paralelismo, não aconteceram ao mesmo tempo durante todo o período. Foi o final de Quatis e o início de Tabu. Ain-

---

75 Organização de ação social solidária à qual o mesmo pertencia.

76 Advogado dos trabalhadores rurais e político progressista, assassinado em 21 de fevereiro de 1987, cuja memória foi reverenciada pelas lideranças sindicais e trabalhadores rurais em diversos movimentos.

77 O texto “Breves Notícias sobre Tabu”, escrito por Evandro Cavalcanti em dezembro de 1981, integra o acervo particular de Paulo de Moraes Marques.

da aconteceram algumas viagens a Quatis quando estávamos iniciando os trabalhos em Tabu. Ali, foi democracia absoluta do povo rural no comando da sua história e da busca da sua evolução. Lembro que Israel Crispim tinha uma visão aberta, um excelente dirigente sindical, um líder atuante, buscando o bem do povo, enquanto que o líder de Quatis fez o contrário, assumiu o poder como um “coronel”. Mas, a experiência de Quatis valeu, e muito, pois essas são realidades da cultura do povo brasileiro nas suas posições de enfrentamento e na dinâmica de contradições.

Em Tabu, a equipe desenvolveu diversas ações, entre elas, o trabalho conjunto das alunas de Economia Doméstica, a orientação para as mulheres passarem a aproveitar e produzir passas e doces de caju. Além desse trabalho, o que ficou de mais marcante foi mesmo a questão da passa de caju, porque foi, talvez, a ação que mais rendeu porque propiciou que aquelas famílias pudessem melhorar sua qualidade de vida do ponto de vista da higiene e da saúde. A passa do caju nos aproximou e permitiu que a gente começasse depois a conversar sobre os problemas e necessidades para poder orientar, já numa fase em que a equipe passou a fazer parte daquela comunidade. Estávamos com eles.

Lembro, também, de outra ação, dessa vez, voltada para o Projeto Cabras, que os alunos de Medicina Veterinária conseguiram implantar, um projeto muito antigo, onde cada família passou a ter uma cabra para fornecer leite para as crianças. Essa lembrança da cabra me faz recordar que fizemos duas rifas, e o prêmio era bode e cabra para ajudar a Cooperativa Mista dos Trabalhadores Rurais de Surubim. Do sertão, trouxemos alevinos de peixes tilápias, fizemos o peixamento em cinco ou seis açudes, numa forma de orientar aquela comunidade outra forma de prover seu alimento.

Lembrar é um exercício mental interessante, uma coisa vai puxando a outra, é assim a memória. Lembro que o Sociólogo Fábio Henrique Martins da Silva nos acompanhou algumas vezes, atendendo nosso convite porque trabalhava com a questão social e, ali, desenvolveu um processo de alfabetização pelo Método Paulo Freire, instalado em várias comunidades de Surubim, ação muito importante para aquelas pessoas; além dele, contávamos também com Mário, o Apicultor, e nossa intenção era incentivar aqueles agricultores a manipularem as abelhas, colherem o mel, venderem o excedente, mas, sobretudo, tomarem uma colher de mel juntamente com suas crianças e, se conseguíssemos isso, estaríamos obtendo êxito em nosso trabalho de extensão. Diversas ações sócio-recreativas e comemorativas foram acionadas, inclusive uma feirinha comunitária de roupas e objetos usados com a participação direta da comunidade de Tabu. Foram essas pequenas

ações que permeavam a ação maior que era a passa de caju, conforme relatos nos Relatórios finais apresentados às autoridades<sup>78</sup>.

Em Tabu, o povo foi ouvido, queria uma cooperativa que, durante o trabalho da equipe, foi instalada, elegendo e empossando sua primeira diretoria e, depois, continuou a evoluir de forma satisfatória. Ali, as alunas de Economia Doméstica deixaram sua marca, até hoje - o ato de ensinar as mulheres a fazer o doce, a polpa e as passas de caju -, uma das atividades promissoras de aumento de renda para a comunidade e para a cooperativa é proveniente da ação dessas primeiras alunas que ali estagiaram. Assim aconteceu, até chegar o momento em que percebemos o amadurecimento do grupo e saímos para que aquelas pessoas assumissem seu papel. Hoje, décadas depois, a cooperativa continua viva, rentável e próspera!

Ali foi democracia absoluta do povo rural no comando da sua história e da busca da sua evolução, pois essas são realidades da cultura do povo brasileiro nas suas posições de enfrentamento e na dinâmica de contradições.

## CAMPUS AVANÇADO DO ALTO RIO NEGRO, AMAZONAS

Relembro, também, a experiência que acumulou um acervo de vivências e conhecimentos vividos e apreendidos em nossa passagem pelo Programa *Campus Avançado do Projeto Rondon*<sup>79</sup>, na Cidade de São Gabriel<sup>80</sup>, Alto Rio Negro, na Amazônia, do qual a UFRPE participou em conjunto com a UFPE e a UFAM. Essa ação aconteceu entre os anos de 1983 e 1984 na mesma época em que estávamos realizando outras atividades de extensão. Este Programa tinha como proposta desenvolver atividades referentes à formação socio-profissional dos estudantes universitários, vinculada às necessidades das comunidades interioranas e à participação mais efetiva da universidade no desenvolvimento nacional. Seus objetivos mais amplos mantinham identifica-

---

78 Consultar: MARQUES, Paulo de Moraes Marques. Relatório sobre as razões do término das atividades extensionistas em Surubim. Recife, setembro, 1986. 6 p.; MARQUES, Paulo de Moraes Marques. Relatório do Convênio UFRPE/INCRA, objetivando proporcionar aos estudantes universitários oportunidade de exercício profissional em regime de bolsas: Relatório Final. Recife, 30 de março de 1984. 8 p.; MARQUES, Paulo de Moraes Marques. Relatório das atividades de extensão desenvolvidas pelo Professor Paulo Marques do Departamento de Educação, durante o segundo semestre de 1985. Recife, 1985. 5 p. Documentos que integram o acervo particular de Paulo de Moraes Marques

79 O Programa *Campus Avançado* surgiu em 1969, como fruto de uma evolução institucional do Projeto Rondon. Dentre as linhas de ação do Projeto Rondon, havia uma direcionada aos *campi* avançados através do envio de grupos acadêmicos com o objetivo de prestar assistência a populações de regiões recônditas na selva amazônica. Daí surgiram os *campi* avançados de universidades federais, estaduais e particulares.

80 São Gabriel da Cachoeira, ainda que situada nas proximidades de uma fronteira política tríplice (Brasil-Colômbia-Venezuela), ficou à margem da disputa em torno das pressões sobre a abertura da navegação do rio Amazonas, embora o rio Negro sempre tenha exercido o papel de eixo de comunicação, principalmente com a Colômbia.

ção com os propósitos dos programas de extensão das universidades. O *Campus* Avançado de São Gabriel no Alto Rio Negro, na Amazônia, era gerenciado por essas três universidades, que mantinham esse *campus* que se propunha a prestar serviços, tais como: levantamentos estatísticos, estudos de desenvolvimento, assistência médico-social, odontológica, oftalmológica, preventiva, vacinação, etc. Promoveu, também, a troca de culturas, hábitos, religião e saberes dos ribeirinhos e dos grupos das Universidades que ali se faziam presentes.

Pois bem, durante uma reunião realizada na UFRPE, coordenada pelo grupo gestor do mencionado Programa, fui convidado para integrar seu Grupo Tarefa<sup>81</sup>, a fim de estabelecer a metodologia que daria continuidade aos trabalhos já iniciados, tendo em vista alcançar o objetivo daquela ação. Houve toda uma linha de preparação e de conscientização dos alunos e professores que faziam parte do Projeto e passamos parte do tempo aqui na Universidade preparando as equipes da UFRPE e da UFPE que estariam envolvidas no *Campus* da Amazônia com a mesma metodologia que já utilizávamos em nossas atividades de campo e na sala de aula. Nesse sentido, mudamos o sistema de preparo dos estudantes, destacando a conscientização do trabalho que se estaria realizando, incluindo comportamentos e atitudes; as formas de abordagem da população local, mais especificamente, a importância do primeiro contato com os indígenas, respeitando sua cultura e costumes; a relevância do saber ouvir e entender suas necessidades; e acima de tudo, a importância de trazer o resultado de tudo isso para a discussão na roda da equipe como *feedback*. A metodologia previa que a equipe passaria uma semana na cidade fazendo reuniões e planejando as atividades que seriam desenvolvidas e, na semana seguinte, iria para a aldeia conviver com os índios e, nessas ocasiões, eu e o colega Professor Paulo Carvalho também participávamos acompanhando os alunos. Foi uma experiência inesquecível!

Participamos em equipes de professores e alunos, nas diversas áreas do conhecimento em convênio entre essas Universidades, e o Projeto Rondon, que assumiu a logística da operação, transportando alunos e professores em aviões do Exército e da FAB. Mas o Rondon não tinha uma participação direta, eram as três universidades que assumiam as atividades, embora, quando o *Campus* encerrou as atividades, houve uma reunião para uma espécie de avaliação e prestação de contas ao Rondon. Nessa reunião, falamos sobre as reais necessidades do povo indígena e fizemos questão de deixar claro que as mesmas não estavam sendo satisfeitas. Não lembro com detalhes, mas falei que o mais im-

81 A Portaria nº 149/84-GR, de 12 de junho de 1984, designa o Professor Paulo Marques a integrar o Grupo Tarefa do “*Campus*” Avançado do Alto Rio Negro, representando o Departamento de Educação da UFRPE, integra a pasta funcional de Paulo de Moraes Marques, disponível na Divisão de Registro Funcional da Superintendência de Gestão e Desenvolvimento de Pessoas, SUGEP-UFRPE.

portante para o povo indígena seria se discutir a questão da terra e preservação da cultura – sua terra, sua cultura –, principalmente. E esse era um assunto que nem sempre interessava a algumas pessoas que estavam presentes.

Foi um projeto inédito na evolução cultural daquele momento para aquele povo e para nós. Aquele convívio com os indígenas, com sua cultura, ouvindo suas necessidades e promovendo algo em seu favor, ficou gravado na minha memória para a posteridade.

## PROJETO PITANGA

Outra ação da extensão que mexeu muito comigo foi quando, um pouco antes de assumir a Pró-Reitoria de Extensão, aconteceu a invasão das terras do Engenho Pitanga<sup>82</sup>, com a ocupação da Praça da República defronte ao Palácio do Governo do Estado, cujo governador, na época, era Gustavo Krause. No caso do Engenho Pitanga, a primeira desapropriação para a reforma agrária em Pernambuco, como ficou conhecido na mídia, os sem-terra ficaram acampados em resistência na Praça da República.

Lembro que, ao tomar conhecimento do que estava acontecendo, me dirigi até lá com os alunos para visitar e nos entrosar com aqueles companheiros embarracados. Chegando lá, nos apresentamos como sendo da UFRPE, e ficamos assim, desse jeito, ao lado dos sem-terra. A partir dali, os Professores Salett Tauk e Ângelo Brás, ambos do Departamento de Educação, pegaram o mote e continuaram aquela ação extensionista. Na época, outros professores também se interessaram, não quero citar nomes porque não vou lembrar de todos e a unidade é tão pulsante, tão viva e forma um encaminhamento único que a gente começa a ver o todo. Cada um formando esse todo, mas faço com que, nesse momento, as pessoas que tomarem conhecimento desse trabalho entendam que não discriminei ninguém. Lembro que convidei professores e alunos de vários Departamentos para fazer uma visita e passar um dia no acampamento de Pitanga. Era isso que acontecia – nós e os agricultores, juntos, buscando a solução, a gente apoiava o momento do aqui e agora. A Universidade estava procurando dar apoio, num processo legítimo e autônomo, não dizia como era, mostrava como era.

---

82 Tudo começou quando quase 100 famílias de sem-terra invadiram a propriedade do Engenho Pitanga pertencente ao Grupo Lundgren, situada a 30 Km do Recife exigindo a posse da terra. Expulsos pelos proprietários, invadiram a sede do INCRA, ali permanecendo durante certo tempo sem resultado positivo. Decidiram então acampar na Praça da República, defronte ao Palácio do Governo do Estado de Pernambuco, permanecendo em uma situação de penúria onde aquelas pessoas, sem a mínima condição de existência digna, exigiam a posse da terra, até que, no dia 28 de novembro de 1986, as 82 famílias acampadas em frente ao Palácio foram transportadas para a terra conquistada.

As coisas iam acontecendo, e a gente chegou à área do caso de Pitanga, sem proposta, sem levar sugestões, e procuramos nos familiarizar e desenvolver o clima amoroso. A partir daí as coisas foram aflorando. À medida que as necessidades e os encaminhamentos do processo iam tomando velocidade, a gente foi vendo onde a Universidade pulsava para dar sentido àquilo com sua contribuição científica, essa era a grande metodologia. Era isso que eu fazia, e o trabalho corria solto, numa ordem universalista e integrada. Depois, quando o INCRA deu a posse da terra, a equipe da UFRPE, após uma conversa, acabou acompanhando aquelas pessoas da Praça da República até o Engenho Pitanga, quando ali ainda existia uma mata, então, foi elaborado um projeto que envolveu professores de outros Departamentos. Era a Universidade entrando no contexto popular e no contexto conflituoso do “Primeiro Assentamento de Reforma Agrária da Nova República”, era esse o slogan deles. E, aí, aprendemos muito com aquela experiência.

Depois, quando foram assentados, os sem-terra começaram a sua produção agrícola no assentamento de Pitanga, se conseguiu que seus produtos fossem transportados no caminhão da prefeitura para serem vendidos na feira, registro de que aqueles agricultores estavam começando a se organizar em cooperativismo. E o cooperativismo foi a base do meu trabalho na Extensão aqui na UFRPE - a organização dos agricultores como base para seu desenvolvimento -, ratificando o que eu havia apresentado na minha tese defendida em 1977.

Ao assumir a Pró-Reitoria de Extensão, determinei para que a Kombi da Pró-Reitoria, juntamente com o motorista Luiz “Buraco”, ficassem à disposição para que os professores e alunos do projeto, coordenado pelos Professores Salett Tauk e Ângelo Brás, pudessem viajar constantemente a Pitanga.

Foi uma experiência enriquecedora e inesquecível!



## A PRÓ-REITORIA DE EXTENSÃO: NOVAS IDEIAS E AÇÕES EMPREENDEDORAS



**É** importante registrar que a preocupação em redefinir a prática de extensão nas universidades públicas brasileiras não é nova. Há muito vem se buscando encontrar caminhos que levem efetivamente a uma adequação do ensino e da pesquisa à realidade social brasileira<sup>83</sup>. Esse tema foi discutido em 1987, durante o I Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas do Nordeste que, de maneira concreta, procurou definir e se posicionar face à nova política de extensão universitária para as universidades. Alguns teóricos afirmam que essa aproximação deverá se estabelecer pelo trabalho de assessoramento, no qual a universidade coloque o seu saber específico a serviço das comunidades em seus processos de organização. Dessa maneira, o trabalho junto à comunidade realimentará o conhecimento da realidade de que a universidade precisa para nortear a sua prática de ensino e pesquisa.

É muito bom lembrar o período em que estive Pró-Reitor de Extensão, e trazer esse período da minha história com a Rural me possibilita fechar o ciclo das minhas memórias. Pois bem, em 1987, durante a campanha para reitor, Baptista<sup>84</sup> solicitou meu apoio. Vencedor na consulta à comunidade da Rural e tendo seu nome aprovado pelo MEC, me convidou para assumir a Pró-Reitoria de Extensão<sup>85</sup> na qual tomei posse em 11 de junho daquele ano ao lado de 02 colegas professores, que assumiam outras Pró-Reitorias<sup>86</sup>.

83 Para maiores informações consultar: UFCE. I Fórum de Pró-Reitores de Extensão do Nordeste. Fortaleza, 1987; CALLOU, Ângelo Brás Fernandes, SANTOS, Maria Salett Tauk, MARQUES, Paulo de Moraes. Extensão rural como extensão universitária: uma proposta de planejamento. In: SANTOS, Maria Salett Tauk; CALLOU, Ângelo Brás Fernandes. **Extensão universitária e participação popular**. Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco, 1988. p. 21-28 (Cadernos de Extensão Rural, n. 2); DEMO, Pedro. Extensão universitária: algumas ideias preliminares. Fortaleza: UFCE, 1980.

84 João Baptista Oliveira dos Santos, Engenheiro Agrônomo e Professor da UFRPE. Assumiu a reitoria de 20 de fevereiro de 1987 a 20 de fevereiro de 1991.

85 A Portaria nº 230/87-GR, de 03 de junho de 1987, que nomeou o Professor Paulo Marques para a função comissionada de Pró-Reitor de Atividades de Extensão da UFRPE, integra a pasta de documentos pessoais de Paulo de Moraes Marques e sua pasta funcional disponível na Divisão de Registro Funcional da Superintendência de Gestão e Desenvolvimento de Pessoas, SUGEP-UFRPE.

86 Na mesma ocasião, tomaram posse o Prof. Romero Marinho de Moura para a Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação e o Professor Murilo César Amorim Silva na Pró-Reitoria de Ensino de Graduação.



Pois bem, ao assumir a Pró-Reitoria de Extensão, levei essas preocupações na bagagem. Procurei desde o início me desvencilhar de papéis, processos, reuniões e formalidades, que em nada têm a ver com o fundamental da extensão como fator de mudança na qualidade do ensino. Na Universidade, tudo deve ser feito visando ao processo de ensino. A pesquisa deve ser tratada fundamentalmente como forma de ensino. A extensão deve ser a extensão do ensino, onde ajuste este às atividades no contexto social, retroalimentando currículos, programas e estabelecendo novas atitudes da universidade em sua comunicação com o social.

Para esta extensão ter uma abertura social, nos níveis populares, a grande saída, para mim, está localizada no desejo e na percepção de parcela significativa dos nossos estudantes, professores e servidores, no sentido de que trabalhar em contextos populares, estruturando-se profissionalmente para atuar no futuro, em órgãos e programas voltados para a promoção das amplas camadas da nossa população é algo fundamental, urgente, solidário e patriótico. Com a consciência dessas dificuldades incomensuráveis, no período em que fiquei à frente da Pró-Reitoria, procurei desenvolver as atividades através de uma soma de esforços, permitindo aos jovens colocarem em prática suas ideias a fim de fazermos, todos juntos, uma verdadeira Extensão Universitária e uma Extensão Rural salutar.

Para isso, formamos uma equipe interdisciplinar para analisar as possibilidades de uma prática que revertesse o processo até então estabelecido através de um plano de trabalho experimental de extensão. Como ponto de partida, buscou-se conhecer a realidade das bases físicas da universidade em diversas regiões do Estado de Pernambuco – Sertão, Agreste e Zona da Mata – que representavam uma potencialidade para integrar o ensino e a pesquisa através da sua extensão. Ou seja, de um lado, não seria necessário construir estruturas físicas para integrar a Rural à sociedade. De outro lado, havia um anseio no contexto acadêmico da UFRPE, no sentido de modificar a prática da extensão universitária até então desenvolvida, que se limitava a concebê-la como promotora de cursos de pequena duração ou “ações comunitárias” itinerantes, bem como promoção de atividades cívicas e artísticas isoladas sem que houvesse um compromisso sistemático de integrar ensino e pesquisa com o contexto social.

Tais anseios foram claramente evidenciados através dos estudos promovidos pela Pró-Reitoria de Atividades de Extensão da Rural (PRAE), com base no debate sobre o assunto nos plenos dos Departamentos, que culminou na realização do “I Seminário Geral de Extensão Universitária

da UFRPE”<sup>87</sup>, atendendo solicitação do MEC, que sugeria às Universidades autárquicas dados sobre o assunto.

A partir desse referencial, a equipe da PRAE planejou e organizou a “I Jornada de Estudo para Ação Extensionista nas Bases e Áreas de Atuação nas Regiões Agreste e Sertão”, a fim de conhecer o potencial existente nessas bases para o deslocamento de ações extensionistas e, a partir delas, montar o plano de ação da PRAE segundo a nova ordem que se estabelecia quanto ao conceito da extensão universitária. Durante esse evento, foram estabelecidos critérios, tais como: observar as instalações físicas das bases quanto à capacidade de alojamento e alimentação para alunos e professores da UFRPE; observar o nível de articulação das bases com as instituições públicas, privadas e populações circunvizinhas e verificar a possibilidade de realização de aulas práticas, além de verificar as práticas de extensão já existente no local.

O relatório da equipe concluiu que todas as bases visitadas tinham condições de absorver e desenvolver trabalhos efetivos de extensão universitária. Verificou-se que as Bases de Afogados da Ingazeira, Parnamirim e Garanhuns, por já demonstrarem articulação junto à comunidade rural local, foram consideradas pela equipe como aptas a desenvolverem um trabalho imediato. As Bases de Ibimirim e Serra Talhada, embora possuíssem grande potencial para trabalhos de extensão em virtude da diversidade de atividades agropecuárias que desenvolviam na época – pesquisa e produção –, não possuíam a articulação com a população circunvizinha, aspecto fundamental para a atividade extensionista. A Base de Piscicultura e Perímetro Irrigado do DNOCS, em Ibimirim, também apresentou estruturas efetivas para aulas práticas, pesquisas e estágios supervisionados.

Entretanto, a equipe constatou que a Fazenda Piau, em Serra Talhada, por ser uma experiência global de uma pequena propriedade no Sertão, apresentava-se como verdadeiro laboratório para aulas práticas, pesquisas e estágios supervisionados para os diversos Cursos da UFRPE.

A partir da análise desses resultados, a equipe da PRAE montou um plano de trabalho – um modelo concebido para a extensão rural – flexível, como todo plano deve ser – aberto para adaptações que se fizessem necessárias. Numa tentativa de romper com o tradicionalismo, hierárquico, autoritário e reprodutor dos interesses das classes dominantes, buscou o caminho da produção do conhecimento, a produção do saber e a formação de profissionais, na relação direta com a população, o que configura exatamente a

---

87 UFRPE. A extensão universitária na UFRPE: visão dos professores e alunos. I Seminário Geral de Extensão Universitária. Pró-Reitoria de Atividades de Extensão. Recife, 1986. Este Documento integra o acervo particular de Paulo de Moraes Marques.

posição da Extensão Universitária. No artigo “Aspectos Extensionistas da Universidade Federal Rural de Pernambuco Hoje”, publicado no Caderno de Extensão<sup>88</sup>, tracei como iria conduzir a Pró-Reitoria de Extensão. Fizemos uma viagem fantástica e inesquecível, levando dos Departamentos alunos e professores com seus conteúdos curriculares para aplicabilidade nos *Campi* avançados da Universidade.

E foi assim, durante os anos de 1987 até maio de 1990. Nesse período, várias atividades e projetos de extensão foram desenvolvidos. Dentre eles, destaco a criação do novo Núcleo de Projetos de Extensão em Distância: - Quatis para o soerguimento da Cooperativa dos Trabalhadores Rurais; - Tabu com a criação da Cooperativa e a confecção de doces e passas de caju; e Pitanga, através da participação da Rural no processo de reforma agrária para os posseiros do Engenho Pitanga. Uma atividade cultural muito interessante aconteceu quando promovemos na Pró-Reitoria um Encontro sobre “A Mulher no Cangaço”, com a participação de Sila, uma cangaceira de Lampião, que, na ocasião lançou um livro. A organização desse evento, além de todo o pessoal da Pró-Reitoria, contou essencialmente com outras pessoas, como o Professor Paulo Carvalho e Joselito Sobreira. Proporcionamos, também, a famosos cantadores do sertão, como Jó Patriota, o apoio da Universidade na publicação do livro de sua autoria, intitulado “Senda do Lirismo” com fotos de Paulo Carvalho. Nesse livro, o autor faz um agradecimento conjunto a mim e a Paulo.

Não cheguei a concluir o mandato, fui exonerado em 28 de maio de 1990 em virtude de um voto no Conselho Universitário contra a estrutura a qual pertencia na Administração Superior, foi uma questão política. Apoiei o Diretório Central dos Estudantes, a Associação dos Professores e a Associação dos Funcionários e fiquei ao lado deles contra a Reitoria. Naquele momento, pouco estava me interessando se era de direita, de esquerda, de lado, de cima de baixo, nunca me incomodei com isso. No dia seguinte, li minha demissão do cargo de Pró-Reitor no jornal<sup>89</sup>. Entendi o ato da exoneração como resposta ao meu posicionamento contrário ao plano da reitoria. O que não entendi foi a atitude da exoneração sem um comunicado pessoal, antes de ser divulgado pela mídia. Foi, de certa forma, uma situação constrangedora. Porém, como

88 Consultar: Paulo de Moraes Marques. Aspectos Extensionistas da Universidade Federal Rural de Pernambuco Hoje. In: CALLOU, Ângelo Brás Fernandes, SANTOS, Maria Salett Tauk. **Extensão universitária e participação popular**. Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco, 1988. p. 15 – 20. (Cadernos de Extensão Rural, n. 2). Documento que integra o acervo particular de Paulo de Moraes Marques.

89 Pode-se consultar as notícias publicadas sobre o assunto, no Jornal do Commercio ,12 de junho de 1987 e no Diário de Pernambuco, 30 de maio de 1990, disponíveis no Livro dos Recortes das Notícias do Reitorado João Baptista Oliveira dos Santos (1987-1991). Acervo documental do Núcleo do Conhecimento e da Memória, Biblioteca Central UFRPE.

é do meu feitio, continuamos amigos – eu e Baptista -, pois, éramos amigos e colegas de turma desde o Curso de Agronomia aqui, na Rural.

Depois, recebi o comunicado oficial do gabinete do reitor Baptista e, em seguida, comuniquei meu afastamento da função de Pró-Reitor<sup>90</sup>. O fato da exoneração em virtude do voto contrário à Reitoria me levou a receber o apoio da Associação dos Professores (ADUFERPE) através de ofício da Diretoria. Encerrei esse ciclo através de Ofício, agradecendo o apoio da ADUFERPE.

A Extensão Rural me levou à reflexão e me levou a proferir conferências e palestras em encontros nacionais, regionais e estaduais, em universidades e outras entidades ligadas ao tema. Me levou também a produzir alguns trabalhos que apresentei em eventos locais e nacionais e outros publicados. Dessa produção, destaco alguns que aparecem discriminados a seguir:

Marques, Paulo de Moraes. Uma experiência de extensão universitária na promoção de pequenos agricultores. **Oikos – Revista Brasileira de Economia Doméstica**. Viçosa: Universidade Federal de Viçosa, 1987, v. V, n. 1. p. 60-65.

----- . **Pobreza e riqueza da extensão na UFRPE**. 1986. 3 f.

----- . Tentativas de contribuição ao encontro de posições dos engenheiros agrônomos diante de algumas exigências do desenvolvimento rural brasileiro. In: **Congresso Brasileiro de Agronomia**, 11., 1979, Curitiba, PR. Anais...: Curitiba: FAEAB:AEAPR, 1979. 2 v.

----- . Aspectos Extensionistas da Universidade Federal Rural de Pernambuco Hoje. In: CALLOU, Ângelo Brás Fernandes, SANTOS, Maria Salett Tauk. **Extensão universitária e participação popular**. Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco, 1988. p. 15 – 20. (Cadernos de Extensão Rural, n. 2)

----- . A experiência de extensão na Universidade Federal Rural de Pernambuco. In: Seminário Nacional de Extensão Universitária e Dinamização Cultural de Comunidades 1., 1984, João Pessoa: UFPB,

---

900 Comunicado oficial do Reitor João Baptista Oliveira dos Santos de 29 de maio de 1990; O Ofício Circular – PRAE, s/nº, 01 de junho de 1990, emitido pelo Professor Paulo Marques comunicando seu afastamento da função de Pró-Reitor de Atividades de Extensão da UFRPE; O Ofício nº 013/90 de 31 de maio de 1990, emitido pela Diretoria da Associação dos Docentes da Universidade Federal Rural de Pernambuco – Secção Sindical; E o Ofício s/nº, 07 de junho de 1990, ao Prof. Hélio Cabral de Lima, Diretor da ADUFERPE, em resposta ao apoio recebido, integram o acervo particular de Paulo de Moraes Marques.

**Anais...** João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 1984. p. 181-200.

----- . Preocupações universitárias: as contradições de nossa sociedade marcam o ensino superior. **Jornal do comércio**, Opiniões. Recife 18 jun., 1991. p. 2.

----- . Atuação extensionista na Universidade Federal Rural de Pernambuco do Professor Paulo de Moraes Marques, doutor e livre Docente em extensão rural. **Anais da Academia Pernambucana de Ciência Agrônômica**. Recife: v. 4, p. 89-94, 2007. Disponível em: <http://www.journals.UFRPE.br/index.php/apca/article/view/88/83> Acesso em: 16 maio 2013.

Não poderia deixar de registrar que, nas décadas de 70 a 90, a Extensão Universitária e a Extensão Rural me levaram a conhecer e desenvolver ações nos Estados da Paraíba, Ceará, Piauí, Alagoas, Sergipe, Rio Grande do Norte, Bahia, Minas Gerais e Amazônia. Em Pernambuco, para implantar e desenvolver as Jornadas Universitárias e os Projetos, desloquei-me do Recife para diversos Municípios, entre eles: Garanhuns, Surubim, Salgueiro, Belém do São Francisco, Floresta, Orobó, Cabrobó, Santa Maria da Boa Vista, São José do Egito, Parnamirim, Sirinhaém, Pesqueira, Petrolina, Afogados da Ingazeira, Serra Talhada, Tuparetama, Belo Jardim, Lajedo, Ibimirim, Ribeirão, Angelim, Ibirajuba, Carpina, Nazaré da Mata, Vicência, Timbaúba e São Lourenço da Mata.

Aposentei em 1993<sup>91</sup>, com a consciência do dever cumprido. Acima de tudo, a Extensão abriu espaço para meu crescimento pessoal e para formar uma inusitada rede de amigos, com alguns dos quais ainda hoje mantenho contatos. Lembrar toda essa jornada de vida e de trabalho me emocionou e me trouxe lágrimas, mas era preciso, e há muito tinha vontade e necessidade de deixar registrado. Agora, de minha parte, está concluído, resta aguardar a participação dos meus convidados especiais, colegas professores, alunos e servidores da UFRPE que, comigo, se aventuraram na fascinante magia da Extensão Rural.

---

91 A Portaria nº 118/93-GR, de 09 de março de 1993, concedeu aposentadoria ao Professor Paulo de Moraes Marques, ocupante do cargo de Professor Adjunto, nível 4, com Dedicção Exclusiva, de acordo com o artigo 40, III, "a" da Constituição Federal vigente, c/c o artigo 186, III, "a" da Lei nº 8.112/90 e com as vantagens do artigo 2º, da Lei nº 6.732, c/c o Parecer nº 196/92-SAF, dou de 14/05/92. Este documento integra o acervo particular e a pasta funcional de Paulo de Moraes Marques, disponível na Divisão de Registro Funcional da Superintendência de Gestão e Desenvolvimento de Pessoas, SUGEP-UFRPE.

***"Venham, amigos, e tragam seus  
testemunhos para a Roda da Memória!"***

***Paulo Marques***

## Baú da memória III



**Figuras 15 e 16 – Paulo de Moraes Marques e Josefa Martins da Conceição, durante as Rodas da Memória, realizadas em 15 de abril de 2014 e 14 de maio de 2015, na Biblioteca Central da UFRPE.**

**Fonte: Acervo Fotográfico do Projeto Roda da Memória**



# MEMÓRIAS COLETIVAS SEDIMENTAM A A MEMÓRIA INDIVIDUAL

## 1ª RODA COLETIVA<sup>92</sup>

ÂNGELO BRÁS FERNANDES CALLOU



Figura 17 - Ângelo Brás Fernandes Callou.

Fonte: Acervo Fotográfico do Projeto Roda da Memória

**V**ou começar porque conheço Paulo há mais tempo do que Salett, embora Salett tenha feito um trabalho mais próximo a Paulo, uma vez que participou de uma Coordenação de Educação e Cultura na Pró-Reitoria de Extensão desta Universidade. Conheço Paulo desde menino, acho que tinha uns quatorze anos. Eu já morava num prédio na Boa Vista, e Paulo veio morar logo em seguida. Cheguei ao Recife com doze anos. Éramos vizinhos num prédio pequeno, de 06 apartamentos, e as portas naquela época eram todas abertas, a gente entrava e saía na casa do vizinho. Lembro-me muito da gentileza dele. Formamos um grupo e ficamos muito amigos, sobretudo, os mais velhos. Nossa vizinha,

---

<sup>92</sup>A 1ª Roda Coletiva contou com a participação dos Professores Maria Salett Tauk Santos e Ângelo Brás Fernandes Callou, ambos do Departamento de Educação da UFRPE, realizada em 13 de julho de 2015, no Núcleo do Conhecimento Prof. João Baptista Oliveira dos Santos, Biblioteca Central da UFRPE.



Ana Lourdes, fez o vestibular no mesmo ano que eu, ela fez Medicina e eu, Engenharia de Pesca.

Eu morava no térreo e Paulo no segundo andar, o prédio ficava no fundo do terreno, e havia uma espécie de corredor, um beco estreito, onde os moradores estacionavam seus carros. Naquele espaço, entrava apenas um carro - tipo Fusca - e Paulo tinha um Fusca naquela época - naquele tempo, todo mundo tinha um Fusca. Meu pai tinha um também. E lembro que seja velho, moço ou garoto como eu, Paulo, quando entrava na rua encostava o carro, quase que batendo no muro para criar um espaço para o transeunte. Eu era um garoto, e achava aquilo uma gentileza diferenciada. Ele sempre foi assim. Essa é minha primeira memória de Paulo - uma pessoa extremamente generosa e, também, de fácil acesso. Muito fácil acesso.

Passou o tempo. Depois, Paulo se mudou dali. Nós nos mudamos também, e vim revê-lo na Universidade, eu, aluno do Curso de Engenharia de Pesca. Naquela época, não havia a disciplina Extensão Rural em nosso currículo. Anos depois, surgiu a Extensão Pesqueira, criada por mim nos anos 1980.

No último ano de faculdade, em 1979, me inscrevi na disciplina de Paulo e fiz Extensão Rural I, naquela época, tinha Extensão Rural I e II. Infelizmente, tiraram a II. Depois, já formado, fiz a disciplina Extensão Rural II com ele também, e eram aulas maravilhosas. Eram aulas diferenciadas. Quem estudou Engenharia sabe que você praticamente não lê textos, você lê números, as provas praticamente são compostas por um ou dois parágrafos e não se tinha uma roda de discussão, absolutamente sobre nada, tanto é que, na Universidade, a gente só podia se pronunciar nas aulas de Paulo.

No programa de Extensão Rural, lecionado por Paulo, não se tinha um texto a priori. Havia temas e esses eram discutidos numa visão de Paulo Freire - naquela época, 1979, eu já tinha lido Paulo Freire, e aquela experiência foi uma coisa impressionante. Nesse âmbito, as aulas de Paulo vinham ao encontro exatamente dessa perspectiva teórica, eu já tinha me formado e estava me preparando para o mestrado. Lembro que vinha aqui, à biblioteca, para estudar.

Preparei-me para o mestrado em seis meses. A seleção seria em dezembro, e fiquei estudando na biblioteca. Hoje, a gente tem uma biblioteca em casa e na internet. Existia o hábito que, de certa forma, ainda ocorre, de não se dar informação estratégica, muitos professores se negavam a dar o material, com receio de que o aluno ficasse superior a ele, e lembro que encontrei com Paulo e lhe pedi uma literatura porque, naquela época, era difícil encontrar literatura contemporânea seguindo a mesma ideologia de Paulo Freire e Paulo, apesar de ser daquela geração, cedeu o material com

uma gentileza só dele, mais uma vez, demonstrou sua grandeza ao ceder o material. Tenho esse material até hoje.

Além disso, era um pouco estranho discutir sobre temas como a pequena agricultura e o homem do campo naquela época de ditadura. Passado um tempo, voltei do mestrado, e a Rural abriu concurso para Professor de Extensão Rural. Eu, jovem, ainda com 29 anos, lembro bem que o número de candidatos era bastante significativo. Existia gente que trazia uma rica experiência. Certo dia, falando com Paulo, ele, preocupado, me disse: “não se frustre, não, se você não passar”. Respondi: “Paulo, estou fazendo esse concurso para ganhar! ”. Talvez Paulo não se lembre disso, mas eu lembro bem. Paulo fez parte da banca do concurso, ao lado de Pedro Paulo e Roberto Benjamim. Sei que passamos, Salett passou em 1º lugar, eu fiquei em 2º, ela entrou primeiro, porque era uma vaga só, mas aí abriu uma segunda vaga, e entrei também. E, aí, Paulo passou a ser colega nosso, um grande colega, até porque, por ser uma área tradicional, os professores estudavam nos Estados Unidos, era tudo muito vertical entre o campo e a extensão.

De cara, eu e Salett ficamos parceiros de trabalho. Começamos nossa parceria e, ao abrirmos o programa de aula – o mesmo para o qual havíamos feito o concurso –, observamos que era extremamente defasado em relação ao que Paulo já trabalhava. Por essa razão, a gente idealizou a pretensão de trabalhar com nova perspectiva teórica. Salett e eu apresentamos um documento com a proposta de mudar o nome da disciplina de Extensão Rural para Comunicação Rural, que é ainda hoje o nome mais adequado ao ponto teórico da extensão rural na perspectiva horizontal e dialógica. Lembro que a coordenação de área precisava assinar o texto para que pudéssemos levar para o Congresso Nacional, esse documento seria levado como a proposta da área para o Comunitec/87 mas só quem assinou foi Paulo. Era um texto de duas laudas, um texto curto, muito bem pontuado. Isso foi em 1987. Levamos o documento, mas, na UFRPE, não se mudou o programa da disciplina; decidimos, eu e Salett: então, como o programa não muda, a gente muda os conteúdos em aula. O professor, graças a Deus, tem autonomia na sala de aula para trabalhar os conteúdos, e assim foi. A gente conseguiu mudar os conteúdos 15 anos depois. Todos os antigos colegas haviam se aposentado, e a gente conseguiu finalmente atualizar o programa para os concursos a partir de então.

Depois, teve uma experiência interessante, Salett pode falar sobre isso em detalhes, que foi o Projeto Pitanga<sup>93</sup>, e nós três fomos à Praça da Repú-

93 A ideia do Projeto surgiu quando professores e alunos de Extensão Rural fizeram uma visita aos posseiros do Engenho Pitanga, naquela ocasião, acampados na Praça da República, defronte ao Palácio do Governo do Estado de Pernambuco. O quadro lá encontrado sensibilizou a todos, não apenas pela situação de penúria que se encontravam aquelas pessoas, sem a mínima condição de existência digna, como também pela cons-

blica. Está registrado nos documentos e está aí no livro “Extensão Rural – Extensão Pesqueira: estratégia de ensino e pesquisa”, que eu e Salett acabamos de lançar<sup>94</sup>. Os camponeses estavam todos acampados; tivemos uma conversa e acabamos acompanhando aquelas pessoas até Pitanga (na época, o acampamento ainda tinha uma mata e não havia absolutamente ninguém) e fizemos um projeto que envolveu professores de outros Departamentos. Está tudo registrado nos documentos<sup>95</sup>, e está no livro também.

Paulo estava na Pró-Reitoria, eu não tinha cargo nenhum lá, mas Salett tinha e eu vivia na Pró-Reitoria, eu tinha um cargo “honorário”, vamos dizer assim. Eu também assumi, não tinha nenhum cargo na Pró-Reitoria de Extensão, mas vivia lá porque queria trabalhar, não estava preocupado com cargo. Paulo, enquanto Pró-Reitor, facilitou tudo para nossas ações, e foi assim que organizamos uma exposição fotográfica sobre Pitanga<sup>96</sup>. A gente

---

tatação de que a Universidade dispunha de um enorme potencial para assessorar aquela população nos seus processos de luta e organização social. Tudo começou um ano antes quando quase 100 famílias de sem-terra invadiram a propriedade do Engenho Pitanga pertencente ao Grupo Lundgren, situada a 30 Km do Recife. O proprietário reagiu e conseguiu expulsá-los, à força, da terra. Sem ter para onde ir, os posseiros acamparam num terreno próximo ao local. Sofrendo misérias, sem ter o que comer, algumas dessas famílias, apoiadas por organizações como a Igreja, a Federação dos Trabalhadores na Agricultura de Pernambuco e alguns Sindicatos foram a Recife tentar negociar diretamente com o INCRA. Passaram alguns dias acampados no quintal do prédio onde funciona aquela Instituição, porém, não conseguiram o que pretendiam: a terra do Engenho Pitanga para produzir e viver. O passo seguinte foi uma passeata no centro da cidade do Recife reivindicando ao governador a terra. Resolveram então trazer todas as demais famílias de expulsos de Pitanga e acampar na Praça da República, em frente ao palácio do governo de Pernambuco, onde permaneceram durante um longo período. Finalmente, a notícia tão esperada: O INCRA recebera a verba para desapropriação das terras do Engenho Pitanga. No dia 28 de novembro de 1986, as 82 famílias acampadas em frente ao Palácio foram transportadas para a terra conquistada. Em Pitanga tiveram que permanecer acampados durante mais dois meses. Havia ainda algumas questões a resolver, pois a área desapropriada se constituía em reserva ecológica controlada pelo IBDF. Dos 900 hectares disponíveis, apenas 450 foram divididos com os assentados. Some-se a isso a falta de crédito e de assistência técnica. O INCRA informou que o assentamento era provisório e que pretendia tirar da área mais da metade das famílias já assentadas e com suas casas. Diante disso, o Projeto dos professores e alunos pretendia identificar estratégias que possibilitasse o apoio efetivo àquela população comprometendo a Universidade com a questão, ao mesmo tempo em que legitimava o trabalho desse grupo, até então realizado de forma voluntária. Sem recursos, sem articulação política e ainda sem apoio institucional a equipe do projeto vislumbrou a Comunicação como única estratégia possível de luta. Planejou, articulou contatos e organizou uma Exposição de Fotos e Textos resgatando a história da mobilização do povo de Pitanga. Para essa população, foi a ocasião de reforçar sua luta. Para a UFRPE, a forma de sensibilizar a sua comunidade universitária para um compromisso de ação junto àquela gente. O Evento aconteceu no salão nobre da Universidade. A participação foi regular, mas o efeito multiplicador.

94 Consultar: SANTOS, Maria Salett Tauk; CALLOU, Ângelo Brás Fernandes. *Extensão Rural – Extensão Pesqueira: estratégia de ensino e pesquisa*. Recife: FASA, 2014. 683 p. il.

95 Consultar: SANTOS, Maria Salett Tauk; CALLOU, Ângelo Brás Fernandes. Projeto Pitanga, 1988; SANTOS, Maria Salett Tauk; CALLOU, Ângelo Brás Fernandes. Alternativas de comunicação rural e participação popular: uma experiência em assentamento de reforma agrária. In: BRAGA, Geraldo Magela; KUNSCH, Margarida Krohling (Orgs). *Comunicação rural: discurso e prática*. Viçosa: UFV, 1993, p. 128-137. SANTOS, Maria Salett Tauk; CALLOU, Ângelo Brás Fernandes. *Extensão Rural – Extensão Pesqueira: estratégias de ensino e pesquisa*. Recife: FASA, 2013. p. 181-190. SANTOS, Maria Salett Tauk. Metodologias em Extensão Rural: a pesquisa-ação em debate. In: Colóquio Brasil-França de Ciências da Comunicação e Informação, 7, 2004, Porto Alegre, RS. Anais... Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004. 2 v.

96 Denominada “Reforma Agrária Viva: a luta do povo de Pitanga”, reuniu no salão nobre da UFRPE professores, estudantes, a população do Engenho Pitanga, autoridades acadêmicas e autoridades responsáveis pela Reforma Agrária do país, do presidente do INCRA ao então Ministro da Reforma Agrária, além de repórteres dos principais veículos de comunicação de Pernambuco. Como num grande painel, a Exposição denunciou a

nem pensava em memória, mas foi o registro fotográfico de todo o processo de Pitanga; há vídeos, houve cobertura de 10 minutos na TV.

Salett organizou tudo isso, e foi um evento extremamente importante no salão nobre da UFRPE, lotado de alunos e professores, reitor e pró-reitores, foi uma coisa fantástica, está publicado no livro. Paulo era Pró-Reitor, e a gente acompanhou o projeto durante dois anos. Tudo o que a gente fez foi em parceria, Salett no meio de campo e Paulo no campo teórico Paulofreiriano que nos aproximou rapidamente. Essa é a dinâmica da universidade, era assim, continua assim e será sempre assim.

Aí tem uma coisa interessante, pensando nesse momento em que a gente começa a contar e a interpretar, veja como uma única pessoa - porque era Paulo sozinho numa área avessa, numa universidade avessa a essas questões -, digamos assim, consegue, sozinho, fazer essa história. A gente vê como uma única pessoa pode mudar um contexto e vem ao encontro disso toda uma concepção de Extensão Rural, de Extensão Universitária e da própria Universidade. A área de Extensão hoje é o que é porque teve você lá atrás. Boa parte veio da semente plantada por você, Paulo, e, se você não estivesse ali anos atrás, não teria sido possível. Talvez, fizéssemos outra coisa.

Quería fazer só um adendo em relação a essa semente de que falei. Pelo menos no Departamento de Educação, a concepção da área de Extensão tem uma visão mais contemporânea com a pretensão de ser corrente, de laçar teoricamente outras áreas do conhecimento para dentro da Extensão Rural. Agora, em relação à Pró-Reitoria, ali não floresceu como deveria, claro que não é uma coisa só da Rural, porque as Pró-Reitorias de Extensão, antes da ditadura, tinham um papel importante. Depois, se transfigurou e até hoje acho que, no Brasil inteiro, salvo algumas exceções, não cumprem o seu papel na visão que a gente trabalhou e construiu o tempo inteiro.

Em 1993, Paulo aposentou, e a gente saiu para o doutorado, tanto Salett como eu saímos no mesmo ano. Aí, ficamos cinco anos ausentes da Rural, coincidindo com a aposentadoria de Paulo. E a gente se afastou muito. Mas, sempre que tem algum evento importante, a gente sempre chama Paulo, e ele sempre se dispôs e admiro muito essa sua generosidade, porque poderia dizer “não estou mais a fim”, “não quero mais participar”. Mas reforço que a presença de Paulo nesses eventos é sempre muito significativa. Ele conhece a importância desses eventos. Nós três somos apaixonados pela Extensão Rural, e Paulo nunca se negou a participar, sempre veio e espero que venha sempre.

---

situação daquela população, o que era tida como os primeiros assentados da Nova República do Brasil, recém-instalada. Para a população de Pitanga, era a ocasião de resgatar a sua história de luta. Para a comunidade acadêmica, o convite para se incorporar à luta. Para as autoridades ligadas a Reforma Agrária, a queixa pública dos desmandos e o pedido de providência. Para o público em geral, a denúncia e o convite à solidariedade.

Então, isso é um pouco do que me lembro do trabalho aqui com Paulo. Uma coisa, também, que lembro de Paulo na Universidade é que ele é uma pessoa que, se tinha problema, ele desatava, essa é uma coisa que se merece dizer sobre Paulo. Aliás, Paulo faz falta no sentido de articular melhor as coisas, promovendo uma forma mais prazerosa de trabalhar. Então, pessoas como Paulo fazem falta. Pessoas que nos levem a sentir prazer em vir trabalhar. Paulo teve um importante papel na trajetória da gente e na minha.

É interessante como as coisas vão aflorando e, mais do que aflorar, é interpretar, a gente está relatando e, ao mesmo tempo, a gente vê que a nossa história na Rural está agregada à de Paulo. Então, passo a palavra para Salett e, se me lembrar de mais alguma coisa, vou falando.

Fizemos um relato, e foi maravilhoso!

## MARIA SALETT TAUKE SANTOS



Figura 18 - Maria Salett Tauke Santos.

Fonte: Acervo Fotográfico do Projeto Roda da Memória

**P**aulo Marques faz parte da minha história, por isso escrevi na dedicatória do livro “Extensão Rural – Extensão Pesqueira: estratégias de comunicação para o desenvolvimento local”, em parceria com Brás, que ele, Paulo, estava ali dentro. Quando cheguei na UFRPE, não tinha experiência de trabalho comunitário porque, apesar de trabalhar com comunicação participativa, não era nesse âmbito da ruralidade, nem de contextos estritamente populares. Era muito mais numa linha midiática. Vinha trabalhando na UNICAP com um grupo de estudantes, e havia um grupo de trabalho de comunicação para o desenvolvimento, e aí o foco era rádio, porque minha dissertação foi sobre rádio rural. Fiz o mestrado aqui na UFRPE, mas não conhecia Paulo ainda.

A primeira vez que vi e encontrei Paulo foi na minha banca do concurso. A lembrança mais forte que tenho dele nos dias seguintes a que fui chamada para assumir as turmas foi em uma reunião de área na qual Paulo estava presente. Na época, ensinava e ocupava a Coordenação do Curso de Relações Públicas da UNICAP, trabalhava das 5h da tarde às 10h da noite, não era dedicação exclusiva, enquanto que aqui, na Rural, havia feito o concurso para 40 horas. Então, eu teria o dia inteiro à disposição da Rural e à noite iria para a UNICAP. Quero ressaltar meu primeiro encontro com Paulo Marques, encontro mesmo enquanto pessoas, não foi aquela relação de examinador/examinado do concurso, foi nesse momento da reunião quando,

na distribuição, todas as turmas noturnas foram deixadas para mim. E, apesar da minha justificativa com relação ao meu compromisso com outra Instituição onde ensinava à noite, não houve acordo. O que é que Paulo Marques fez? E aí é quando digo que o primeiro encontro foi um encontro com a generosidade e a solidariedade deste homem e deste Professor. Ele disse: “Pode trocar o meu horário com o de Saletinha”. Ainda lembro que falou assim com carinho.

Foi a partir desse gesto, Paulo, que começou uma história de grande admiração e cumplicidade com você. Cedeu o horário da disciplina dele, que era durante o dia, e ficou com meu horário noturno. Imagine, já era um professor, que tinha certa ascendência sobre a Universidade e à área e se pôs na condição de principiante de dar as minhas aulas e trocar comigo. Esse foi o primeiro gesto e, daí, começou uma história linda de cumplicidade e de trocar comigo, porque, pouco tempo depois, Paulo foi nomeado Pró-Reitor da Pró-Reitoria de Atividades de Extensão da Casa. Ele me convidou, já sabia que eu era da comunicação, me convidou para coordenar a Coordenadoria de Arte, Cultura e Comunicação e passei a trabalhar com ele, ocasião em que nos dava o passaporte para inovar. Lembro que, muitas vezes, o discurso dele era assim: “Vá em frente, Saletinha”.

Tive a honra de viver ao seu lado a história de Pitanga, uma história, vamos dizer assim, conflituosa, mas o conflito não acontecia apenas lá entre os posseiros. Ocorria, também, na Universidade porque, apesar da vontade de trabalhar, a gente dependia de transporte, de motorista e, acima de tudo, era preciso envolver professores e estudantes e, até então, a política da Pró-Reitoria de Extensão não facilitava ações de campo nesse sentido. Quem começou a flexibilizar essa questão foi Paulo. Eu quero também chamar a atenção para a influência de Paulo na minha vida. Não foi meu professor, vamos dizer assim, formalmente, mas foi o meu professor de vivências e de práticas, de manejo de vida com trabalho comunitário e, conforme eu disse, eu tinha uma vivência no rádio, o rádio popular, a comunicação participativa, mas não tinha trabalho de comunidade.

Na Pró-Reitoria de Extensão, tivemos muitas experiências. Lembro bem da época em que Paulo estava com uma ação de extensão em Tabu<sup>97</sup>, não cheguei, digamos assim, a ser militante em Tabu, mas fui várias vezes acompanhando Paulo. Observei o que estava sendo desenvolvido e terminei escrevendo artigos e textos sobre a comunidade, publicados pela Editora da UFRPE<sup>98</sup>. O Engenho Pitanga foi assim, a nossa grande escola de trabalho

97 Fazenda Tabu localizada no Município de Surubim, Pernambuco, a 153 Km do Recife.

98 Textos para consulta: SANTOS, Maria Salett Tauk; CALLOU, Ângelo Brás Fernandes. **Extensão universitária e**

comunitário, experiência essa que pode ser lida no trabalho em parceria com Brás “A Comunicação como Estratégia de Pressão Política dentro de um Processo de Reforma Agrária: O Caso do Engenho Pitanga em Pernambuco”. O texto foi originalmente produzido para o X Ciclo de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, realizado em *Campinas*, São Paulo em 1987. Foi publicado, posteriormente, na Série Cadernos de Extensão Rural n° 2: Extensão Universitária e Participação Popular, organizados por nós mesmos e publicados pela Imprensa da UFRPE, em 1988, nas páginas 29 a 40.

Ali, em Pitanga, pudemos vivenciar toda a complexidade de uma instituição como a Universidade entrar no contexto popular e no contexto conflituoso do “Primeiro Assentamento de Reforma Agrária da Nova República”, era esse o slogan deles. E, ali, aprendemos muito com aquela experiência, porque o conflito não era apenas assentados X Incra, mas assentados X Organizações Governamentais, como nós, Universidade X Igreja. A gente ia ao assentamento semanalmente, e tudo o que ali acontecia foi uma ocasião de aprendizado.

Quando Paulo assumiu a Pró-Reitoria de Extensão, era a chance de a gente colocar em prática tudo aquilo que a gente ensinava e acreditava. Então, ele foi a porta de entrada, a materialização de toda essa teoria freiriana que a gente estudava em livros de teóricos da comunicação, no mundo da teoria. Paulo Freire era um filósofo, então, ficava no campo das ideias. Com ele, senti-me assentada, foi o assentamento dessas questões. O trabalho acontecia, apesar da burocracia e das ideias de alguns membros da Universidade. Havia uma tendência a fazer uma coisa muito burocrática, então, todos esses eventos que fazíamos a gente criava uma espécie de uma assessoria de comunicação paralela para fazer as mensagens caminharem e o próprio trabalho da Universidade aparecer.

Nossa equipe contava com Roberto Benjamim, especialista em Folcomunicação, que nos ajudou na parte da cultura popular, então, montamos o Museu de Arte Popular com peças de catálogos, valiosíssimas, e Roberto Benjamim foi seu curador, pois conseguiu todas as peças, e, até hoje, não conheço ninguém mais competente do que ele nessa área da Folcomunicação.

Ancoramos o Memorial e o Museu de Arte Popular, inaugurado com a Exposição “A África está em nós”, na Agenda Cultural e no Calendário Turístico da Fundarpe, tudo isso na gestão Paulo Marques. Não sei se você, Paulo, se lembra, montamos na entrada da exposição um peji, que era o altar de

---

**participação popular.** Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco, 1988. 63 p. (Cadernos de Extensão Rural, n. 2); SANTOS, Maria Salett Tauk. A comunicação e a educação no mundo rural: uma experiência libertadora com pequenos agricultores. In: SANTOS, Maria Salett Tauk; CALLOU, Ângelo Brás Fernandes. **Extensão universitária e participação popular.** Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco, 1988. p. 21 – 28. (Cadernos de Extensão Rural – n. 2). Ambos integram o acervo particular de Paulo de Moraes Marques.

Orixás e a gente rebaixou a entrada e todo mundo que entrava tinha que prestar reverência às divindades. Depois, Paulo deixou a Pró-Reitoria e a gente, eu e Brás, fomos para o Doutorado na USP. Quando voltei do doutorado, o Memorial estava fechado e suas peças entulhadas, muitas goteiras e o Museu de Arte Popular idem, tudo jogado às traças.

É com isso que concluo minhas palavras dizendo que essa sementinha plantada a ferro e fogo por você, Paulo, a gente conservou essa semente, porque não foi fácil, esses conflitos e essas situações que a gente se viu envolvido durante esses trinta anos de trabalho, a gente trouxe essa semente e plantou uma árvore chamada POSMEX, o Programa de Pós-Graduação em Extensão Rural. Como quem diz assim: “Olha, a gente não tá aqui para brincadeira, não”. A gente trouxe o projeto desse Programa, e ele está aí já, com dezenas de dissertações defendidas, e laçando tudo que existe de mais contemporâneo, laçando tecnologia da informação e comunicação, laçando o desenvolvimento local, laçando a convergência midiática, laçando até o cinema, Brás está agora ousando laçar também para trazê-lo para o campo. É isso aí, Paulo Marques. Essa Roda da Memória é uma iniciativa fantástica. Falar de Paulo e sobre Paulo é um raro prazer!

***"Receber vocês, queridos amigos, nesta primeira roda coletiva é uma alegria imensa! Ambos deram continuidade com as ações da Extensão, criando, inclusive, o Programa de Pós-Graduação, e isso é super gratificante. Procurei uma palavra para dizer a vocês o que senti ao tê-los aqui, achei agradecimento ou muito obrigado uma coisa muito sem sentido."***

***Paulo Marques***

## Baú da Memória 1ª Roda Coletiva



Figuras 19 e 20 – Paulo de Moraes Marques, Salett Tauk e Ângelo Brás, durante a 1ª Roda Coletiva, realizada em 13 de julho de 2015, na Biblioteca Central da UFRPE.

Fonte: Acervo Fotográfico do Projeto Roda da Memória.

## 2ª RODA COLETIVA<sup>99</sup>

SUERLEIDE DE MOURA CABRAL



Figura 21 - Suerleide de Moura Cabral.

Fonte: Acervo Fotográfico do Projeto Roda da Memória

Conheci Paulo num trabalho do Projeto Rondon numa vila, praticamente, uma mini vila no distrito de Iratama<sup>100</sup>, um trabalho conjunto UFPE, UFRPE e Projeto Rondon<sup>101</sup>. Fui pela UFPE, eu era aluna, e Paulo foi pela UFRPE como professor e coordenador do projeto. Lá, desenvolvemos um trabalho de uma semana. Posteriormente, vim fazer a disciplina de extensão rural como matéria isolada, e, aí, surgiu o Projeto Cooperativa. Eu era estudante de Serviço Social do 6º período e me engajei na equipe. O trabalho acontecia nos finais de semana, e nós viajávamos com uma equipe grande, não lembro quantas pessoas na época, mas uma equipe grande. Havia diversas áreas do trabalho de extensão: Quatis, Lajedo e Bom Conselho.

Depois, quando a UFPE se engajou com a UFRPE e passou a trabalhar com um grupo de alunas, apesar de ser aluna da UFPE, já fazia parte desse

99 A 2ª Roda Coletiva contou com a participação da Assistente Social Suerleide de Moura Cabral, atual esposa do Professor Paulo de Moraes Marques, acompanhada pelo Médico Veterinário Belgrano José Cavalcante Alves, realizada em 21 de julho de 2015, no Núcleo do Conhecimento Prof. João Baptista Oliveira dos Santos, Biblioteca Central da UFRPE.

100 Pequeno município de Garanhuns, Pernambuco.

101 Como foi falado anteriormente neste livro, durante as férias de 1978, estagiários do Programa de Extensão Rural da UFRPE entrosaram-se com estagiários da UFPE que também estavam atuando em cooperativismo, desenvolvendo-se a partir de então, um salutar clima de trabalho conjunto, o que levou o Pró-Reitor de Assuntos Comunitários da UFPE a propor ao Pró-Reitor de Extensão da UFRPE a oficialização desse entrosamento. Aceita de imediato, a proposta deu lugar a um projeto financiado junto ao POLONORDESTE. Maiores informações consultar: Paulo de Moraes Marques. Uma experiência de extensão universitária na promoção de pequenos agricultores. *Oikos – Revista Brasileira de Economia Doméstica*. Viçosa: Universidade Federal de Viçosa, 1987, v.5, n.1, 1987. p. 60-65

trabalho com Paulo. Então, desenvolvemos uma ação em Quatis, e Belgrano também fez parte dessa equipe. Quatis<sup>102</sup> é uma área próxima a Garanhuns, distante cerca de 220 km de Recife, naquele lugar, havia uma problemática de terra, pois, o INCRA desapropriou e desenvolveu uma atividade, só que, quando chegamos nessa área, a cooperativa estava desestruturada.

Quatis tinha uma infraestrutura fantástica, mas a comunidade não sabia operar aquilo, não sabia operar a maquinaria existente, porque tudo foi implantado ali sem uma participação da comunidade. O INCRA começou a desarticulação com a comunidade a partir da construção das casas porque as pessoas do interior são acostumadas a uma cozinha grande, e o INCRA construiu as casas padronizadas, com a cozinha pequenininha, o banheiro dentro de casa e a comunidade sem ter água para manter a higiene, sem ter hábito de ter um banheiro dentro de casa, as pessoas utilizavam o banheiro como jarro para colocar flores, teve gente que utilizava para deitar galinha, mas o banheiro em si não tinha a sua utilidade. Tudo o que existia de estrutura estava desarticulada, já estava se perdendo e se deteriorando com o tempo.

Para mim, estudante de Serviço Social, foi uma experiência fantástica, porque, quando fomos para a área de Quatis, tínhamos como objetivo trabalhar com os agricultores a partir dos seus interesses em sua cooperativa, mas não tínhamos uma metodologia estabelecida - o que tinha que ser feito para se conseguir os resultados - o trabalho nosso era de acordo com as necessidades da comunidade. Aquele grupo, para nós, do Serviço Social, foi uma oportunidade para pôr em prática o que a gente ouvia tanto na sala de aula. No Curso de Serviço Social, falava-se muito na autodeterminação da população, na importância de ouvir o povo. Em Quatis, aconteceu assim, fomos discutir com a comunidade as suas necessidades.

No Projeto Cooperativa, a gente teve essa oportunidade. E, aí, a gente começou a conversar com os agricultores e constatou que a necessidade imediata deles era a recuperação do trator. Então, começamos nosso trabalho com o grupo, que se mostrou interessado em consertar o trator.

Nessas reuniões com os agricultores, começaram a aparecer as dificuldades, e uma dessas dificuldades foi a atualização contábil. E, aí, começou todo um movimento, toda uma articulação em função de resolver essa questão e, naquele momento, eles viram que não conseguiriam porque havia uma proposta do INCRA para juntar essa cooperativa com a cooperativa de Lajedo, uma cooperativa de grandes proprietários que, por interesse eco-

---

102 Núcleo Colonial situado no município de Lajedo, agreste meridional de Pernambuco, distante 30 Km de Garanhuns e 220 Km do Recife. Com extensão de 820 hectares, dividido em 133 parcelas rurais-urbanas e uma área destinada aos equipamentos comunitários (igreja, escola, ambulatório, cooperativa e sede social).

nômico, estavam interessados em pegar a cooperativa de Quatis por conta da infraestrutura que havia ali. Então, começamos a ir até Quatis todos os finais de semana para nos reunir com os posseiros. Perceberam a necessidade de soerguer a cooperativa para obter o que queriam, e se conseguiu um contador para organizar a documentação solicitada. A atuação do INCRA na área foi tão forte que a comunidade local se chamava IBRA<sup>103</sup>, porque o INCRA, anteriormente, era denominado de IBRA, e a comunidade passou a se chamar IBRA em função da atuação do INCRA ali dentro. A comunidade tinha tudo, foi um trabalho muito bom.

Aqueles parceiros<sup>104</sup> tinham crédito, não ficavam nem na fila para conseguir empréstimos. Eu comparo a comunidade de Quatis a um filho que tem pai rico e dá tudo a ele, e ele não sabe o quanto custa. Quando se tem tudo muito fácil, se gasta muito fácil. Era a situação de Quatis, porque eles não tinham nenhum envolvimento com aquela situação. Depois que soergueram a cooperativa, passaram a se mobilizar, a fazer cota com muita dificuldade, mas passaram a se mobilizar para limpar o açude, passaram a fazer cota para comprar farelo, passaram a cuidar do que era deles. Esse trabalho em Quatis foi um teste muito grande na vida profissional da gente. Infelizmente, ao concluir o Curso, fui trabalhar numa empresa completamente diferente do que eu vivi, mas Quatis deu muita base para o desenvolvimento dos trabalhos da gente em comunidade, nos preocupávamos muito com a questão da ética e respeito àquela população. Foi uma experiência fantástica para o alicerce e para a formação profissional.

Foi importante para o pessoal da Agronomia, da Veterinária, do Serviço Social, enfim, para qualquer área e para qualquer estudante. Muita base para fazer o trabalho comunitário, onde a gente ia ouvir a comunidade. Só trouxe benefício para manter um bom relacionamento com a comunidade para ouvir e discutir.

Certa vez, chegamos a Quatis e a comunidade estava numa festa diante de uma ponte pequeninha que passava sobre o córrego que antes estava completamente seco e, nesse dia, tinha chovido, e choveu tanto que esse riacho transbordou e a comunidade estava em festa às margens daquele riacho, agradecendo a Deus por aquela chuva e por aquele riacho estar cheio.

---

103 Instituto Brasileiro de Reforma Agrária (IBRA) foi criado no início do regime militar como primeiro passo para a realização da reforma agrária no País, a partir do Estatuto da Terra, Lei Nº 4.504 de 1964. Paralelamente, foi criado também o Instituto Nacional de Desenvolvimento Agrário (INDA). A fusão de ambos em 9 de julho de 1970, através do Decreto nº 1.110, originou a criação do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA).

104 Segundo o Artigo VII do Estatuto da Terra, “parceiro”, aquele que venha a adquirir lotes ou parcelas em área destinada à Reforma Agrária ou à colonização pública ou privada. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/Leis/L4504.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L4504.htm). Acesso em: 19 de agosto de 2015.

E aquilo foi para mim uma lição de vida fantástica! Porque você vê aquele povo precisando da água, e a água para ele é sagrada. Para aquelas pessoas, naquele momento, aquela água era vida.

Ao término do Curso de Serviço Social, precisei fazer o trabalho de conclusão de curso; escolhi Quatis, experiência muito rica porque foi vivida com muita autenticidade. Decidi, junto com as colegas, escrever a monografia “Uma Experiência no Exercício da Autodeterminação, numa Área de Colonização – Quatis”<sup>105</sup>, narrando a experiência de Quatis. Levamos a ideia à coordenação do Curso, e houve boa aceitação porque a UFPE era parceira nesse projeto e já vinha participando com um grupo de alunas, então foi muito bom porque a Universidade teve mais uma área para fazer um trabalho.

A Profa. Celina Correia Leite supervisionou a gente, enquanto a Profa. Evany Mendonça foi nossa orientadora, ambas faziam parte da equipe do projeto e nos acompanharam algumas vezes até o campo. Lembro que, durante a escrita, estávamos querendo conceituar a questão do “Paternalismo” no trabalho do INCRA e, para isso, estávamos pesquisando Paulo Freire e outros autores, quando, certo dia, durante uma reunião, Valdemar<sup>106</sup> falou: “Paternalismo é entregar a coisa pronta sem o camarada tá articulado pra que é aquilo”. Citamos essa frase em nossa monografia. Vejam que coisa fantástica! Uma pessoa tão simples conceituar dessa forma. Nossa monografia de conclusão de Curso foi apresentada à Coordenação do Curso de Serviço Social, em 1980, e possibilitou a apresentação dos resultados do projeto, trazendo uma espécie de retorno ao Curso e à Universidade.

Para finalizar meu depoimento, deixa só eu ressaltar aqui que você, Paulo, usava essa forma de ensinar maravilhosa e fazia isso sem fingimento e pensar em agradar. Fazia isso da forma mais espontânea, não usava subterfúgios. Eu não gosto de me pronunciar, porque sou muito suspeita para falar, mas tem lugares que a gente anda e, quando encontra os ex-alunos de Paulo, seus depoimentos são fascinantes. O aluno de Paulo ia para a aula por e com prazer. Tinha prazer em assistir a aula. Paulo trocava, realmente, o conhecimento com os alunos. O que é fantástico é que, quando encontramos hoje os ex-alunos dele, alguns já aposentados, fazem uma festa e relembram esses momentos e a importância daquelas aulas. Uma ex-aluna dele, Janete, contava que a aula de Paulo começava às 7h30, e ela saía de Boa Viagem para

---

105 Maiores informações consultar: SOUZA, Elena Maria de; ALENCAR, Joana Cristina Cordeiro de; PRADO, Lúcia de Souza; SOARES, Sônia Maria Pires; CABRAL, Suerleide de Moura. Uma experiência no exercício da autodeterminação, numa área de colonização – Quatis. 1980. 63 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1980. Acervo Particular de Paulo de Moraes Marques.

106 Valdemar Antonio do Carmo, camponês, na época líder sindical do Sindicato de Trabalhadores Rurais de Lajedo, PE.

chegar aqui na Rural, em Dois Irmãos no horário. Na época, o transporte era difícil, mas saía de casa cedinho para chegar na hora para assistir a aula de Paulo. Sempre que a gente a encontra, ela faz essa referência e faz uma festa enorme com Paulo.

Ah! Guardo na lembrança a casa onde a gente ficava. Uma casa da comunidade que foi colocada à nossa disposição. Aquelas pessoas eram de uma atenção fora do comum. A lembrança dessa casa me traz sempre uma grande emoção!

## BELGRANO JOSÉ CAVALCANTE ALVES



Figura 22 - Belgrano Cavalcante Alves ao lado do filho Vinícius Santos Holanda Cavalcante Alves.

Fonte: Acervo Fotográfico do Projeto Roda da Memória

**M**eu nome é Belgrano José Cavalcanti Alves, Médico Veterinário aposentado, fui aluno do Professor Paulo Marques e participei de vários programas de extensão. Meu depoimento tem outra visão, a visão para alertar a Universidade sobre a importância da Extensão no ensino universitário, mas quero, sobretudo, agradecer a oportunidade de estar participando dessa roda de entrevistas.

Já conhecia o Professor Paulo de corredor aqui, na Universidade, e ouvia comentários dos colegas dizendo que ele era o professor diferenciado de Extensão Rural. Ele andava sempre com um “bornal”<sup>107</sup> do lado, e fiquei sabendo que, para entrar para sua disciplina, tinha que ter contatos para conseguir vaga na turma, e não era fácil.

Certo dia, encontrei com ele no corredor, me aproximei e disse que precisava lhe falar. A gente sentou num banco e lhe falei: “Professor, quero assistir suas aulas e quero participar também do Projeto Cooperativa para viajar para o interior, porque sou estudante de Veterinária, sou urbano e não tenho acesso ao meio rural”. Então, ele me acolheu muito bem e, de uma forma perfeita, me aceitou. No outro dia, estava matriculado em sua disciplina, estava começando a assistir as aulas e já ia viajar na semana seguinte. Tudo resolvido sem nenhum protocolo e sem burocracia.

Em meados de 1980, participamos do projeto de extensão de Quatis, em

107 Sacola de couro com alça longa, usada a tiracolo onde se carrega provisões, ferramentas, etc.

Lajedo, acompanhando o desenvolvimento da comunidade rural da cooperativa de Quatis, conforme relatou Suely, a Sussu para mim, pois somos muito amigos. Bem, participamos do desenvolvimento rural, acompanhando as rotinas de pequenos agricultores e médios pecuaristas, mas também acompanhamos a situação de Quatis, onde os agricultores receberam de presente uma estrutura completa. Depois, essa estrutura teria que ser mantida e, até a chegada da equipe do projeto, essa comunidade rural não dispunha das condições para esse gerenciamento. Até hoje, Quatis tem uma influência muito grande no meu desenvolvimento profissional depois que terminei o Curso e saí da Universidade.

A metodologia regional que aprendi quando era aluno do Professor Paulo Marques e, depois, junto àqueles camponeses, participando também de toda aquela rotina, de todos aqueles anseios e medos - era como se de repente você pegasse um cristal e andasse com esse cristal numa trilha escura com todo cuidado - foi muito importante para a minha vida profissional. Passei, basicamente, 28 anos fora de Pernambuco atuando na área pública e privada, e a metodologia que aprendi nas aulas do Professor Paulo Marques me acompanhou durante todo esse tempo.

Com o Professor Paulo, a gente chegava à comunidade e começava com o ato do escutar, fazia amizade com os agricultores e continuava na avaliação da situação real. Em seguida, a gente fazia dinâmicas de grupo, palestras e diversas ações que se faziam necessárias, enfim, a gente acompanhava o projeto em si. Era uma metodologia realmente pautada na questão da aprendizagem básica para a busca da solução dos problemas identificados junto àquele grupo de agricultores. Foi assim em Quatis, por incrível que pareça. Anos depois, no exercício da minha profissão, eu lembrava Quatis e daquelas ações.

Tenho plena convicção de que o conhecimento que a gente aprende na universidade, no meio acadêmico, especialmente, através da extensão, pode ser utilizado em nossas ações profissionais, daí a importância do aluno participar de ações desse nível, as quais poderão vir a utilizar no futuro em suas ações. Deixa a coisa acontecer, paciência, que nós vamos alcançar os objetivos pré-determinados, basta ter um pouco de paciência, sempre observando que a sabedoria não está apenas com o acadêmico, com o doutor, pois aqueles mais humildes também têm sua sabedoria, que pode nos ajudar, e muito. Peço desculpas pela emoção.

Posso atestar, de todo coração, que a visão do Professor Paulo Marques naquele tempo estava na vanguarda do ensino superior, estava naquele presente, mas com os pés no futuro. Eu, na realidade, sou um produto desse futuro,

pois captei a mensagem daquela metodologia e trouxe comigo os conceitos da questão da democracia, do escutar as pessoas, do desenvolvimento social e do desenvolvimento da Nação de um modo geral. Reitero meu pensamento de que, na realidade, as experiências de extensão no formato desenvolvido pelo Professor Paulo Marques devem continuar a serem praticadas pelos novos professores para que os estudantes universitários da atualidade vivenciem essa oportunidade e essa experiência com o intuito de promover o desenvolvimento social e o desenvolvimento nacional.

Lembro que, enquanto estávamos participando do projeto em Quatis, marcamos uma vacinação contra a febre aftosa e passamos praticamente duas semanas nos preparando para vacinar o gado. Éramos estudantes, e nos esforçamos para fazer aquela vacinação. Lembro que chegamos a Quatis numa sexta-feira à noite para vacinar o gado na manhã seguinte bem cedo. Quando chegou o sábado, todo mundo acordou cedo e animado para vacinar o gado, mas não apareceu ninguém. Dessa situação que aconteceu, tiramos a seguinte lição: a gente tinha que fazer a nossa programação, mas tínhamos que, com antecedência, avisar à comunidade. A partir dessa experiência, em minha vida profissional, passei a conversar com minha equipe, dizendo que não adianta nenhum programa (vacinação contra aftosa, raiva, poliomielite, etc.) se você não interagir com a comunidade. Aquele erro que, enquanto estudantes, praticamos, naquele momento passado em Quatis, quando levamos a vacina, mas não avisamos à população, ou seja, a falta de interação com a comunidade, anos depois, me deu o *insight* para não repeti-lo.

A equipe do Projeto – professores e alunos –, ia para Quatis nos fins de semana, mas nós, alunos, muitas vezes íamos sozinhos, os professores passavam as tarefas e nós íamos nos fins de semana para pôr em prática. Muitas vezes, íamos no ônibus de linha. Depois, passamos a utilizar a Kombi da Pró-Reitoria, que ficava à disposição do projeto. Fizemos amizade com aqueles posseiros, e eles, num gesto de muita delicadeza e de receptividade típica do homem do campo, colocaram à nossa disposição uma casa para nossa dormida. Agora, estou pasmo e emocionado ao lembrar aquela casa humilde, mas rica da alegria, nossa alegria juvenil – o entusiasmo do jovem de vinte e poucos anos, estudante universitário cheio de entusiasmo que sonha em mudar o mundo.

Era ali que nos reuníamos para conversar, trocar ideias, preparar material, tocar violão e cantar. Era ali que sonhávamos! Que saudade!

*"Com esses depoimentos, estou vendo o que eu pensava que tinha desaparecido no ar. Estou vendo agora que o objetivo universitário foi cumprido rigorosamente, tanto em atos como no processo de formação profissional, quanto no lado econômico e social e de ética com a vida. Magistralmente, foi cumprido por todos nós e por todas as pessoas que passaram por esse processo.*

*É por isso que Paulo Freire falava que, quando há o diálogo, tudo caminha legitimamente através da história oral."*

*Paulo Marques*

## Baú da Memória 2ª Roda Coletiva



Figuras 23, 24 e 25 – Paulo de Moraes Marques, Suerleide de Moura Cabral, Belgrano Cavalcante Alves e Vinicius Santos Holanda Cavalcante, durante a 2ª Roda Coletiva, realizada em 21 de julho de 2015 na Biblioteca Central da UFRPE.  
Fonte: Acervo Fotográfico do Projeto Roda da Memória.

### 3ª RODA COLETIVA<sup>108</sup>

PAULO FERNANDES FRAGOSO DE CARVALHO



Figura 26 - Paulo Fernandes Fragoso de Carvalho  
Fonte: Acervo Fotográfico do Projeto Roda da Memória

**S**ou médico com especialidade em Clínica Médica e Infectologia, dediquei minha vida toda à Medicina e ensinava Higiene e Saúde Pública no Departamento de Economia Doméstica da UFRPE. Já conhecia Paulo Marques de fora mesmo da Universidade, e participei com Paulo de muitos projetos, inclusive do *Campus Avançado do Alto Rio Negro-Amazonas*<sup>109</sup>, mas estou aqui para trazer meu testemunho sobre Tabu<sup>110</sup>, em Surubim, cujo projeto inicial tinha como meta a formação da Cooperativa dos Trabalhadores Rurais. Para isso, Paulo montou uma equipe que contava, também, com alunas do Curso de Economia Doméstica, e foram essas meninas que, dias depois, me falaram empolgadas sobre o projeto. Logo depois, Paulo veio conversar comigo, pois achava que seria de grande utilidade se eu participasse da equipe do projeto para orientar as próprias alunas de Economia Doméstica,

108 A 3ª Roda Coletiva contou com a participação do Médico e Professor do Departamento de Economia Doméstica Paulo Fernandes Fragoso de Carvalho e do ex-Diretor da Imprensa, atual Editora Universitária, Joselito Nunes Sobreira, ambos aposentados da UFRPE. Roda realizada em 24 de julho de 2015, no Núcleo do Conhecimento Prof. João Baptista Oliveira dos Santos, Biblioteca Central da UFRPE

109 O *Campus* avançado ficava localizado na Cidade de São Gabriel e se tratava de um projeto gerenciado pela UFPE, UFRPE e UFAM, mas essa foi outra experiência que merece uma ocasião à parte porque é uma história longa que revela mais um convênio com o Projeto Rondon.

110 Tabu era o nome do engenho desapropriado pelo governo e entregue aos agricultores, comentado anteriormente neste livro.

mas, sobretudo, para ir até aquele grupo de pessoas de Tabu, onde, digamos, a qualidade de vida era muito precária em questão de saúde.

Concordei, mas fiz uma alegação para Paulo e para as meninas de que não gostaria de chegar lá como Médico, mas como um profissional da área de saúde, que chegava para trabalhar a qualidade de vida da população. O quadro diagnosticado a partir da observação das alunas apontava como ponto crucial a falta d'água que levava às precárias condições de higiene e, conseqüentemente, às doenças, e foi essa realidade que me levou, em conjunto com Paulo, a elaborar um subprojeto que tinha justamente esse nome: “Melhoria da qualidade de vida da comunidade de Tabu e Surubim”.

Na equipe do Projeto, tinha alunos de Economia Doméstica, Agronomia, Veterinária, Zootecnia, era um grupo bem diversificado. Tinha, também, alunos de Psicologia Social da FAFIRE, acompanhados pela Profa. Tereza Dubeux, a qual havia tomado conhecimento de que, na Rural, havia esse tipo de ação. Solicitou ao Pró-Reitor de Extensão a participação dela com suas alunas no projeto coordenado por Paulo Marques, e foi excelente. Pois bem, a partir dos primeiros contatos, nós, professores, que íamos coordenar os grupos de alunos, traçamos algumas linhas de ação. Uma delas, e talvez a que surtiu maior efeito, surgiu a partir da observação das alunas de Economia Doméstica, e relacionava-se ao aproveitamento do fruto que existia em maior quantidade na área de Tabu - o caju -, cuja polpa era desprezada, os agricultores tiravam a castanha, colocavam em sacos para vender para indústrias como a Maguary<sup>111</sup>, enquanto que montes de polpas de caju ficavam desprezados e jogados no chão, chegando a fazer um lamaçal.

A primeira ideia foi fazer com que as mulheres moradoras daquela área aprendessem a fazer a passa de caju. Com isso, iríamos conseguir que elas tivessem uma renda extra, melhorassem a qualidade de vida para então serem incentivadas a comprar um filtro e providenciar outros itens de primeira necessidade. Dessa forma, estaríamos conseguindo alcançar nosso objetivo. Enquanto isso, Paulo Marques já estava trabalhando no processo da Cooperativa e começou a conversar com os homens para que a castanha não fosse vendida imediatamente, pois era assim que eles faziam - só na safra, e vendiam a um preço irrisório às grandes empresas. E Paulo conseguiu conscientizá-los de que essas castanhas fossem comercializadas através da Cooperativa durante todo o ano com o preço regular, pois, assim, poderiam ganhar o valor do produto por um preço mais justo.

---

111 Lançada na década de 1950, a Maguary foi líder em sucos concentrados entre os consumidores do segmento. Inovou com o lançamento de embalagens com tampas plásticas de rosca e embalagens PET e com a introdução de vários sabores no mercado, pretendia levar o gosto natural da fruta e muito mais praticidade para a mesa do consumidor.

Ao mesmo tempo em que isso acontecia, as meninas da Economia Doméstica foram capacitando as mulheres a fazer a passa do caju – ótimas por sinal –, embaladas em sacos plásticos e no início, nós, a equipe do projeto, começamos a trazer essas passas para vender no prédio onde a gente morava, aos amigos, em alguns restaurantes, pessoas conhecidas para colaborar com o processo que se iniciava. Depois, com o mercado favorável, foi a hora de se pensar em um rótulo. Depois, Paulo Marques teve a ideia dessa passa ser comercializada, também, através da Cooperativa, da mesma forma como se fazia com as castanhas. E foi realmente esse rumo que surgiu.

Nós, da equipe – os professores e as alunas de Economia Doméstica, Serviço Social e Psicologia envolvidas no Projeto –, passamos a dar palestras sobre higiene pessoal, como a importância do banho, escovação dos dentes, limpeza do ambiente do lar, etc. Paulatinamente, fomos observando a evolução e os resultados, mas sempre é difícil colocar os resultados no papel, porque esse tipo de trabalho é muito difícil de ser mensurado. Quando você trabalha com pessoas em um trabalho dessa natureza, fica tentando ver onde melhorou, e não é fácil.

Até que, um dia, estávamos na comunidade e uma coisa nos chamou a atenção, um caso que Paulo deve lembrar bem. Numa das casas onde ficávamos hospedados, apareceu uma pessoa a mais, uma jovem, pouco mais do que adolescente, e não lembro se foi Paulo ou eu quem perguntou: “quem é essa moça?” E a dona da casa disse: “É minha filha. Ela estava trabalhando no Recife como empregada doméstica e aqui vai ter condições de estudar”. Aquilo foi um estalo para mim. Pensei: “Agora estou vendo que está funcionando!” Aquele foi o sinal de que as coisas estavam melhorando para elas, as mulheres, e também para os homens. Aquilo para mim foi o ponto, o sinal de que a gente estava no caminho certo.

Tabu era formado por cerca de 50 famílias. Na realidade, o método e a maneira muito singular de Paulo Marques trabalhar era o diferencial. A Universidade sempre esteve nessas ações, digamos assim, sempre foi ao campo, mas a maneira de trabalhar e o método empregado por Paulo é que era o diferencial. Antes, o professor chegava na comunidade com uma prancheta e um lápis fazendo perguntas àquelas pessoas dizendo que ia elaborar um projeto e depois voltaria com o resultado, alguns voltavam, e outros, não. Os que retornavam, em geral, traziam propostas que não davam certo porque não atendiam aos anseios daquelas pessoas, porque eles não haviam escutado suas necessidades, e isso levava a comunidade a ficar avessa a esse tipo de procedimento. Quando via estudantes com pranchetas nas mãos, corria todo mundo.

No entanto, quando vi Paulo chegar na comunidade com seu método pé no chão, até eu estranhei e perguntei: “Paulo, como é que vamos fazer?” E ele respondeu: “Vamos comadreando! Conversar como quem conversa com a comadre. Vamos comadrear porque essa é uma forma de você conhecer e absorver o contexto deles e ir ganhando a confiança, porque não é no primeiro nem no segundo dia que você consegue realmente identificar quais são os anseios de um grupo de pessoas como esse. Leva um tempo”. Primeiro, tem que se criar uma relação de confiança. Exatamente, a partir daí, as coisas começam a fluir bem melhor.

A ligação com o Sindicato dos Trabalhadores, por outro lado, foi a base, a grande conexão - entre Paulo, a equipe e os agricultores. O presidente do Sindicato, Israel Crispim, ficou deslumbrado com as práticas e com as ações propostas àquele povo, e ficou nosso amigo, facilitando o Projeto. Em Tabu, fizemos muitas amizades, entre elas, destacamos a figura de Evandro Cavalcanti, Advogado do Sindicato e grande líder político respeitado e querido na comunidade, que, hoje, dá nome ao Fórum de Surubim. Nós convivíamos com ele em quase todas as ações. Acreditou na proposta da Universidade e participava das nossas reuniões. Colocou a sua casa da cidade e a casa do seu sítio à disposição da equipe da Universidade. Evandro era um líder respeitado e querido na comunidade, foi um cara que apoiou a gente e conviveu com nosso trabalho. Paulo nos levou a conquistar aquelas pessoas, elas iam se tornando companheiros da equipe, todo mundo virando companheiro, de brincar, sair juntos, nos hospedar em suas casas, num clima especial que hoje parece difícil acreditar que aconteceu daquela forma.

Como principal ação, destaco que a passa do caju foi a mais importante porque aproximou nossa equipe da comunidade, e permitiu que a gente começasse a “comadrear” sobre os problemas e necessidades locais. Aos poucos, quando passou a haver confiança em nosso trabalho, passamos a fazer nosso trabalho de orientação. Assim foi feito junto às mulheres, orientando-as a aproveitarem, além da castanha, também a polpa do caju para produzir as passas e doces também. A partir desse resultado, realmente sentimos que estávamos com eles. O caju e todas suas possibilidades possibilitou que aquelas famílias pudessem melhorar sua qualidade de vida do ponto de vista econômico, da higiene e da saúde.

Outras ações menores foram implantadas, também, mas não tiveram o mesmo ímpeto que a passa do caju. As alunas e professoras tinham experiência e ofereceram treinamentos de preparação de outros alimentos como podiam, com higiene, serem mais bem preparados e aproveitados, de maneira a evitar desperdício. Lembro que trabalhamos muito a questão da higiene.

A comunidade não tinha dinheiro para nada, a equipe chegou com o olhar de cidadina, falando que as famílias deveriam comprar um filtro. No entanto, aquelas pessoas olhavam para você e respondiam: “como comprar um filtro se não tem dinheiro?” Certa vez, um dos homens falou: “eu não lavo as mãos porque aqui não tem água nem para beber, quanto mais para lavar as mãos”. A partir das nossas conversas e palestras sobre a importância da higiene e com relação ao uso da água, chegou-se até a construir um poço artesiano, e a qualidade de vida daquele povo começou a melhorar. Fizemos, também, um pequeno “memento” terapêutico com as plantas medicinais utilizadas na região, e lembro de uma reunião que coordenei com algumas mulheres mais idosas – porque quem sabe realmente tudo com relação à planta medicinal são os “velhos”, que vivem na comunidade e lidam com as plantas.

Fizemos algumas reuniões, e fui colhendo de cada pessoa – principalmente essas senhoras mais idosas –, a princípio, quais as doenças mais frequentes. Óbvio que eram as gastroenterites infantis, às vezes, as crianças desidratavam rapidamente, e ali no local não tinha como tratar. Era preciso se deslocar para Surubim ou algum outro lugar, às vezes até mais longe, então a gente começou a ver isso. A comunidade não tinha dinheiro para nada e a equipe a princípio não compreendeu e nem captou a essência da situação. Aquelas pessoas viviam uma realidade precária, onde o mais importante não era o utensílio, o objeto, o “filtro”, mas a água como fonte de vida. Para elas, a água para matar a sede era muito mais importante do que para lavar as mãos. Na minha concepção – e com Paulo aprendi muito sobre isso –, a gente tinha que tratar a base, do que estava causando o problema ou a necessidade. Só poderia pedir para alguém comprar um filtro após observar se aquela orientação para o trabalho com a passa de caju que estávamos passando para a comunidade permitiria que aquela família passasse a ter dinheiro para comprar o filtro. Aí a gente poderia falar: vamos comprar um filtro? Com ele a água vai ficar filtrada e vai melhorar a saúde.

Enquanto esse processo seguia seu curso, existiam outras alternativas. Uma delas foi quando passamos a estimular o uso do Juá na escovação dos dentes. Hoje em dia, tem laboratórios fabricantes de pasta de dentes que utilizam o juá. Para dar essa orientação, tivemos que ter certo cuidado porque, embora soubessem da eficácia do juá, queriam usar a pasta de dentes, apesar de não ter dinheiro para comprar. Orientar o uso do juá e do bagaço da cana foi uma solução emergencial excelente. Estimulamos bastante o uso do juá. Lembro que, lá na comunidade, tinha um pé de juá bem grande. Foram várias ações. Na equipe, tinha dois alunos de Engenharia de Pesca e, como na comunidade existia um açude, conseguimos os alevinos aqui na

Universidade. Depois, fomos buscar alevinos no sertão, onde tinha criação de peixes tilápias, e levávamos um saco plástico. A gente ia daqui até Surubim segurando a boca daquele saco para não rasgar e não perder os alevinos. Fizemos o peixamento em cinco ou seis açudes, e éramos orientados a chegar lá e colocar o saco dentro do açude para que a temperatura se estabilizasse para o alevino não morrer. Esses peixamentos eram, também, uma forma de oferecer alimentos.

Os alunos de Medicina Veterinária conseguiram implantar um projeto muito antigo, onde cada família passou a ter uma cabra para fornecer leite para as crianças. Ainda hoje lembro as duas rifas que organizamos para ajudar a Cooperativa Mista dos Trabalhadores Rurais de Surubim, cujo prêmio era um bode e uma cabra. Lembro também que, na equipe, tinha um rapaz que era apicultor e se dedicou a orientar os homens no trabalho com abelhas - manuseio das caixas e produção de mel -, porque, como ele dizia e a gente também acreditava nisso, eu, principalmente como médico, o mel colhido seria para vender, mas, se cada criança da comunidade comesse a tomar uma colherzinha de mel todas as manhãs, isso seria ótimo, porque o mel é um excelente antibiótico, antiinflamatório e fonte de nutrientes também. Se fizéssemos com que aquele agricultor colhesse o mel, vendesse o excedente, mas a cada dia tomasse e desse uma colher de mel para cada criança, estaríamos obtendo êxito em nosso trabalho de extensão. Uma vez fui acompanhar a colheita do mel, e levei uma surra das abelhas que jamais esqueci.

Foram essas pequenas ações que permearam a ação maior que foi a passa de caju, até que chegou o momento em que percebemos que era hora de sair de Tabu para dar autonomia àquelas pessoas, e não se criar uma dependência entre aquelas pessoas e aquela equipe que estava trabalhando com elas. O momento da partida é tão importante e tão difícil como da chegada, pois, a princípio, as pessoas entendem, mas se sentem um pouco desamparadas, como quem diz “você vão embora, e agora, como vamos ficar?” Mas acho que tudo deu certo porque a Cooperativa prosperou, o doce e as passas de caju prosperaram. Ainda teve a questão da conscientização política daquelas pessoas, pois passaram a manter uma relação com a Prefeitura, com os Órgãos do Governo, buscando seus direitos. Lembro de Israel Crispim, presidente do Sindicato de Trabalhadores Rurais de Surubim, homem de visão aberta e excelente dirigente sindical, além de líder atuante, que buscava o bem daquele povo, diferente do líder de Quatis que, como Paulo já dizia, fez o contrário, assumiu o poder como um “coronel”. Mas a experiência de Quatis valeu, e muito.

São essas as lembranças de Tabu. Aproveitando o momento, considero importantíssimo deixar registrado algumas curiosidades interessantes a

respeito de Paulo Marques. Ele tem uma ligação muito grande com árvores e mato de uma maneira geral. Joselito já viu isso, eu vi também. Quando ele queria descansar ou tirar um cochilo, refazer as forças, normalmente, subia numa árvore e ali ficava uns quinze ou vinte minutos cochilando. Depois, descia e dizia: pronto, agora sou um homem novo, podemos continuar nossa jornada. Também sempre teve um relacionamento especial com animais com episódios marcantes, como o acontecido em Manaus, quando durante nossa participação no projeto Rondon, assim como a amizade com o chimpanzé do Zoológico de Dois Irmãos, quando chega lá, o chimpanzé abre a camisa dele e se comunicam maravilhosamente. Ele sempre teve essa relação com a natureza, só tem um bicho que ele tem medo, é a cobra.

Mas Paulo tem como dom especial a imensa facilidade de comunicação, tanto com seus pares, como com o homem do campo e também com outros povos, como ocorreu durante uma solenidade em uma tribo indígena do Alto Amazonas durante uma solenidade na taba. Na ocasião, uma índia muito idosa junto do fogo começou a falar entusiasmadíssima em sua língua nativa sem o tradutor intervir. Então, Paulo foi para perto dela e começou a falar em português e a dizer: “Nós somos amigos... realmente, minha irmãzinha, porque nós estamos aqui...” E fez aquele discurso que só ele sabe fazer, e abraçou a velha, e os dois choraram. Eu, no meu canto, já com um nó na goela, querendo chorar também, vendo aquela cena maravilhosa. E Paulo voltou, enxugando as lágrimas, sentou junto de mim, e eu fiz a pior pergunta que alguém poderia fazer numa hora dessa, típica de um analfabeto total. Perguntei: “Se você não entendia a língua dela e ela não entendia a sua, que diabos aconteceu para vocês se abraçarem e ficarem chorando?” Ele, ainda fungando, respondeu: “Paulinho, você não entende, isso é a linguagem universal. Essa linguagem você não vai entender (me deu um esporro!). Eu entendi tudo o que ela disse, e tenho certeza que ela entendeu tudo o que eu disse, por isso, a gente terminou naquele abraço fraterno!”

São essas as histórias que a gente viveu com Paulo, maravilhosas!

## JOSELITO NUNES SOBREIRA



*Figura 27 - Joselito Nunes Sobreira.*

*Fonte: Acervo Fotográfico do Projeto Roda da Memória.*

**P**aulinho, o nosso velho lema continua. Tenho muito prazer em trazer meu depoimento sobre minha convivência com Paulo. É um prazer imenso, não sei se vai somar com as outras falas. É muito importante que a história de vida de Paulo e a sua história profissional, enfim, todo esse trabalho de extensão conste nos registros da Universidade, pois não pode ficar sem registro. Lembro de Paulo no palanque, liderando a comunicação com o público, e Bruno, meu filho ainda pequenino, perguntando: “papai, quem é aquele homem de barba comprida que só faz mandar em todo mundo e não faz nada?” E eu disse: “meu filho, esse homem de barba grande é um professor, e agora é o locutor da festa”. Vou colaborar até onde eu puder com o livro de memórias de Paulo e, se não puder, ainda vou tentar fazer isso.

Naquele tempo, anos 80, a gente – Espedito Couceiro, Paulo e eu -, já estávamos preocupados com a memória da Rural, e fizemos vários vídeos com depoimentos que pretendíamos fossem compor o Memorial da Universidade. Sugiro que alguém verifique no Memorial se esses depoimentos ainda existem, foi um trabalho profissional, fui pioneiro aqui em filmagem, ninguém sabia o que era isso. Quando eu chegava com uma câmera de vídeo, as pessoas olhavam com cara feia, pensando que era coisa de comunista.

Com Paulo fui até Ibimirim, mas não acompanhei sua equipe até Tabu. Mas Evandro Cavalcanti, que vocês lembraram há pouco, antes de tudo Paulo, era meu grande amigo e um excelente cantor. Ele tinha uma banda de MPB. Numa das nossas idas ao sertão, tem uma estória interessante. A gente foi para uma festa em Ouro Velho, uma cidade vizinha da gente. Fomos eu, Paulo e Jatobá e, lá pelas tantas, a gente se desgarrou, esqueci deles e alguém me levou embora. No outro dia de manhã, a primeira preocupação foi: Meu Deus do Céu, deixei meus amigos na festa em Ouro Velho, onde eles não conheciam ninguém e era longe da cidade, peguei e voltei com muita pressa. Quando cheguei, estava Paulo, sentado, na maior tranquilidade, dizendo: Joãozinho Jacaré é meu amigo de longas datas e não deixou eu ir, eu queria ir para onde você estava, mas ele não deixou e nos fez dormir na casa dele. Lembra disso, Paulo?

Acompanhei Paulo, principalmente, aqui, no *campus* da Rural, especialmente, a partir do Natal de 1985. Naquele Natal, Paulo foi o locutor, virou nosso garoto locutor e propaganda. Eu era um camarada, que olhava Paulo de cima da ponte, e minha vivência dentro do academicismo da universidade não foi grande coisa, não assimilei muita coisa aqui dentro, por isso, perdi tanta coisa aqui. Meu olhar de observador via Paulo como um sujeito que desincorporava aquele academicismo tradicional, linear e mecanicista, como chamaria Frijop Capra. Ele saía da academia, se misturava com os matutos com o mesmo linguajar dos caboclos, e eu ficava assombrado porque, na condição de matuto, estava um camarada, um acadêmico falando a linguagem que eu, na condição de matuto, tinha às vezes até vergonha de falar, porque, quando a gente vem pra cidade grande, a gente esconde um bocado de coisas debaixo do tapete.

Paulo, ao contrário, interagiu com os matutos. Sua interatividade, se é chamada assim, era natural, era bonito ver a empatia dele com a matutada. Onde Paulo chegava, os matutos encostavam do lado porque a linguagem dele era a linguagem horizontal, falava a mesma linguagem, sem academicismo, sem palavras sofisticadas. O matuto entendia e ousava perguntar, porque, em geral, o matuto fica só assim, observando, calado, o caboclo falando, e permanece calado, não abre a boca. Eu ficava assombrado com essa capacidade que Paulo tinha de chegar na matutada, cumprimentar com palmadas nas costas e se misturar com eles. Como disse há pouco, “pegar a enxada e ir trabalhar com o grupo”, essa atitude é rara, pouquíssimos acadêmicos teriam essa humildade, esse coração irmanado com o homem do campo em sua simplicidade. Acredito, inclusive que tenha sido um caso único em nosso mundo academicista.

*"Aqui, está acontecendo o reencontro de amigos.  
Um encontro aberto completamente, e as lembranças  
chegando na hora, no desenho.  
Hoje, fico admirado quando ouço esses depoimentos,  
fico pensando em como isso tudo realmente aconteceu.  
Essas recordações que vocês trouxeram eu já não lembrava de  
muitos detalhes, e ouvir tudo isso me deixa emocionado.  
Essa Roda da Memória, diante desse tear, é como o infinito,  
cada vez enriquece mais. As lembranças  
vão aflorando e se multiplicando."*

*Paulo Marques*

## Baú da Memória 3ª Roda Coletiva



Figuras 28, 29 e 30 – Paulo de Moraes Marques, Paulo Fernandes Fragoso de Carvalho e Joselito Nunes Sobreira, durante a 3ª Roda Coletiva, realizada em 24 de agosto de 2015, na Biblioteca Central da UFRPE.  
Fonte: Acervo Fotográfico do Projeto Roda da Memória.

## 4ª RODA COLETIVA<sup>112</sup>

### MARIA DE FÁTIMA NAVARRO LINS



Figura 31 - Maria de Fátima Navarro Lins.

Fonte: Acervo Fotográfico do Projeto Roda da Memória.

**M**eu nome é Maria de Fátima Navarro Lins, mais conhecida na Universidade como Fátima Navarro. Conheci Paulo no Departamento de Educação, onde ele lecionava a disciplina de Extensão Rural. Eu estava chegando da Universidade Federal do Amazonas (UFAM), para ficar à disposição da UFRPE como Técnica em Assuntos Educacionais. Tivemos longo tempo e alguns anos de convivência no Departamento de Educação e, lá, eu já via Paulo botar os alunos no carro e sempre ir para o campo para atuarem na prática, levando conhecimento para a sociedade.

Depois, estive mais perto de Paulo e mais perto da Extensão quando, a convite dele, vim trabalhar na Pró-Reitoria de Atividades de Extensão. Na época, eu não tinha conhecimento quase nenhum do que era Extensão, Paulo estava assumindo como Pró-Reitor e me convidou para ser secretária da Pró-Reitoria. Aceitei o convite e, uma semana antes de vir assumir, estive com Dr. Espedito Couceiro, o então Pró-Reitor e Dona Iracema, a secretária, para pedir ajuda: “me digam o que vou fazer, como devo proceder, como

---

112 A 4ª Roda Coletiva contou com a participação da Professora Maria de Fátima Navarro do Departamento de Educação da UFRPE, realizada em 31 de agosto de 2015, no Núcleo do Conhecimento Prof. João Baptista Oliveira dos Santos, Biblioteca Central da UFRPE.

ser a secretária da Pró-Reitoria de Extensão, porque vou ser a secretária de Paulo Marques e não sei nada de extensão”. Então eles, gentilmente, me convidaram para passar a semana, fazendo um estágio com Dona Iracema.

Marcos Diniz e o Pró-Reitor Espedito foram os idealizadores da Campanha Nacional do Pau-brasil e responsáveis pelo sucesso da divulgação da Acerola. Depois, já Pró-Reitor, Paulo convocou todo o universo acadêmico para despertar para a importância da extensão, e começou a implantar programas de extensão para interagir com o ensino, a pesquisa e a extensão. Foi quando Geraldo Arruda, que praticamente só fazia pesquisa, começou a enveredar nos projetos de extensão e se apaixonou por ela. Paulo tem esse dom de congregar e concretizar.

Na época, década de 1980, o MEC estava começando a se preocupar com a integração do ensino, pesquisa e extensão. Mas, enquanto o MEC teorizava, Paulo Marques Pró-Reitor de Extensão da UFRPE atuava na prática, e colocava toda a Universidade para fazer extensão, fazia reuniões com a participação dos alunos através dos D’AS, professores, serventes, vinha todo mundo participar e trazer sua opinião para poder se conseguir a integração da Extensão Universitária, que é muito importante. A Universidade não pode apenas ficar em sala de aula porque os alunos não aguentam mais ficar só em sala de aula.

Foi de tal maneira que eu, sua secretária, fui por ele convidada para integrar o projeto “Desafio Jovem do Recife”. Como apoio ao mesmo, foi criado um campo de estágio na UFRPE - um trabalho com homens viciados e meninos de rua -, e a Universidade começou a levar alunos e professores, entre eles, o Prof. Geraldo Arruda, para se integrarem nesse projeto. Paulo pegava a Kombi da extensão, colocava a equipe e mandava para o campo. A gente ia para o “Desafio Jovem do Recife”, chegava lá e ia trabalhar com dois grupos: ensinar criação de pequenos animais e horta e pomar para aqueles homens, que estavam se recuperando das drogas, e para os meninos de rua. Então, a gente trabalhava fazendo uma terapia ocupacional através do conhecimento e da disseminação do conhecimento gerado na Universidade. É difícil dizer, mas marcou até hoje aquele trabalho com esse Projeto. Lembro como as atividades eram bem aceitas por aquele grupo e, nele, contamos com o Pastor Joel como nosso parceiro durante 10 anos. O projeto também apoiava aqueles homens através da Divisão Médica da UFRPE, que lhes prestava assistência e orientação médica. Isso aconteceu ainda nos meados da década de 80. Veja onde é que a gente aprende e onde a história começa. Essa era a filosofia implantada na época. Hoje, essa filosofia não tem pernas.

O tempo seguia e Paulo incentivava a gente, mostrando o caminho da extensão. Digo tranquilamente: cheguei na Universidade sabendo alguma

coisa, mas tendo muito a aprender, mas, repito, aprendi a trabalhar em extensão com o Prof. Paulo Marques e com Marcos Diniz. Tudo aprendi com Paulo. O Prof. Espedito era teórico, era a época da teoria. Na sequência, Paulo teve a missão de democratizar, coisa nada fácil naquele tempo. Ambos, Paulo e Marcos Diniz, deixaram para mim a responsabilidade de ser a continuadora desse trabalho e ser digna de tamanha confiança, assumindo uma responsabilidade desse porte, responsabilidade essa que começa e se fundamenta com Paulo e com Marcos Diniz.

Na minha visão, o trabalho de Pitanga escancarou a democracia para aquele assentamento, e os assentamentos nos dias de hoje vêm todos à Universidade “cobrar” o papel que é dela, vêm cobrar seus direitos de cidadãos. E a Universidade, através da Extensão, continua o trabalho iniciado por Paulo. Em Aliança, há um trabalho onde os agricultores produzem o óleo do Nim que, misturado com água, é pulverizado nas pragas das lavouras, num processo natural. O óleo do Nim já está sendo exportado. Além do Nim, há ervas e certos capins que servem para combater algumas pragas. São essas orientações que a extensão pode levar para as comunidades.

Grande parte dos agricultores não sabem e precisam ter conhecimento e, nesse sentido, a Secretaria de Meio Ambiente do Estado está junto com a Universidade, numa parceria para disseminar esse conhecimento. Em São Vicente Férrer, em parceria com a Embrapa Solos, tem um trabalho junto à produção de uvas. Onde antes era usado veneno por ter efeito mais rápido, a Universidade chegou para acompanhar, conscientizar através de palestras, oficinas, dias de campo, e diminuiu o agrotóxico usado ali. Esse tem sido um trabalho que conta com a participação de vários departamentos com muitos professores, entre eles, a Professora Neide Shinohara, da Gastronomia, com a questão da Segurança Alimentar e outros.

Na extensão, também tive uma experiência junto à Polícia Civil de Pernambuco. A Polícia manteve essa parceria conosco durante 05 anos. Isso é Extensão! A Universidade atendeu a demanda, como Paulo nos ensinou a fazer: ouvir a comunidade e procurar atender as suas demandas. Como esses, muitos outros projetos e ações de extensão foram desenvolvidos, à luz da metodologia de Paulo Marques.

Jamais esqueci uma das reuniões na Pró-Reitora de Extensão, quando professores, alunos e servidores, todos reunidos, atendendo o chamado de Paulo, que dominava muitas dinâmicas de grupo e, ali, fez a “Dinâmica do Abraço”: “Eu queria que você abraçasse quem está do seu lado”. E todo mundo se abraçou. Achei aquela terapia muito bonita, e passei a repetir essa terapia com os alunos. Sempre pesquisava outras dinâmicas para fazer com

os alunos, seguindo o exemplo de Paulo. Paulo soube sensibilizar a equipe da Pró-Reitoria, e você, olhando para aquele tempo, vê a Coordenadora de Cultura, Salett Tauk, vê Maria do Carmo da Guarda, enfim, vê que todos amam muito a Extensão praticada e transmitida por você, Paulo.

O tempo passou, e muitos projetos foram desenvolvidos - famílias da mata sul produtoras dos sininhos de bronze receberam orientação dos alunos de Economia Doméstica para melhorar esse produto para melhorar as vendas; em Sertânia, oficinas para agricultores, visando à qualidade do leite; oficinas em Buíque, Nazaré da Mata, Caruaru; no Polo de Costura, foi dado curso de customização para as costureiras. Assim, trabalhamos com 08 Centros Vocacionais, foram reabertas e dinamizadas, através desse projeto, as antigas Escolas Agrícolas da época de Paulo. São as raízes plantadas que se espalham, e não têm limites.

Trabalhei com Paulo Marques no Departamento de Educação, mas a grande evolução e o grande aprendizado aconteceram na Pró-Reitoria de Extensão e, aqui, posso revelar quais as ações de Extensão me foram mais marcantes.

Na época de Paulo, considero que a primeira grande ação foi a questão do desenvolvimento da agricultura e as instâncias de busca da destinação para a produção dos agricultores, porque a produção deles não tinha mercado para a venda. Na época dele, tinha uma equipe que ajudava os agricultores a dar destinação nas feiras de bairros, nas feiras dos municípios, apoiar as feiras e, passados todos esses anos, tem agora o PEA e o PENAI -, uma destinação corretíssima, o agricultor vendendo seus produtos para as prefeituras que compram esses produtos para as escolas terem alimentos produzidos no local. E, se a produção é para a alimentação infantil, o cuidado é bem maior, daí o projeto agrotóxico.

A segunda grande ação foi o programa da disseminação da Árvore Nacional - O Pau-brasil. Fiz parte do projeto inicial e, depois, passei 12 anos organizando e promovendo "A Semana do Pau-brasil". A primeira semana contou com a participação de Marcos Diniz, que estava se aposentando, e continuamos até completar a 12ª Semana. Nesse período, foram distribuídas cerca de 50 mil mudas de pau-brasil. Não fiz a 13ª porque já havia saído da Extensão e estava de volta à Educação. Por conta desta greve, a Semana do Pau-brasil não aconteceu. Na época de Paulo, o foco era a disseminação da Árvore Nacional. Hoje, o foco é a recuperação de áreas degradadas com a Árvore Nacional. A extensão não fica solitária, é uma ação comunitária. Você vai fazer uma ação e é como Paulo diz, torna-se universal. Toma um volume impressionante. Paulo, na Pró-Reitoria, continuou a disseminação do pau-brasil que já acontecia. Ele sempre foi um comunicador, e continua a

ser um excelente comunicador. Além disso, Paulo é altamente sensível com as pessoas e com os animais.

A extensão rural leva muita esperança para as pessoas. Na extensão, se faz “dia de campo”, se vai para o campo e também se promove o “dia de campo na UFRPE”. É emocionante a gente sentir a emoção daquelas pessoas pela oportunidade de vir para a Universidade. Outro Programa muito importante de Paulo Pró-Reitor foi o de estimular os professores a levarem os alunos para o campo. Isso foi o máximo, e continua evoluindo até hoje. Paulo fazia muitas reuniões com os professores, buscando estimulá-los a levar seus alunos para conhecer a realidade do homem do campo. Nessas reuniões, os professores eram estimulados a falarem dos seus projetos de extensão, das suas experiências e ali se trocava ideias e orientações. Fazia, também, reuniões com os alunos e ia aos Diretórios dos Cursos conversar com os alunos. Isso tudo era maravilhoso. Tenho quase certeza de que a carga do sentimentalismo que ficou na memória de Paulo foi aquela ligada aos projetos com os agricultores e o cooperativismo. Não lembro qual a circunstância que aconteceu, mas, em uma das reuniões lideradas por Paulo, ele disse que ia falar uma frase da qual desconhecia o autor, mas que se encaixava naquele momento: “Mais vale um espírito ardente sujeito a cometer falhas do que viver limitado e extremamente prudente”. Anotei e fiz daquela frase minha filosofia de vida.

Passados tantos anos, ainda continuo a praticar as dinâmicas com vários grupos e várias comunidades. E, aí, digo que a semente que Paulo plantou virou um Baobá. E um Baobá não tem fronteiras, vai embora, vai para as nuvens.

*"Estou observando uma coisa notável aqui.  
É que a gente não está fazendo memórias de coisas passadas,  
nem contando uma história que passou, estamos recordando  
fatos e abrindo espaço para afloramento de uma continuidade  
dinâmica, evolutiva, atualizada e muito mais produtiva na  
quantidade das realizações.*

*Isso está acontecendo aqui, o passado alimentando o  
presente e garantindo o futuro. Esse mundo de lembranças é  
extremamente confortador para minha pessoa, ouvir nesses  
relatos atualizados aquilo que me propus a fazer 30 anos atrás."*

*Paulo Marques*

## Baú da Memória 4ª Roda Coletiva



Figuras 32, 33 e 34 – Paulo de Moraes Marques e Fátima Navarro Lins, durante a 4ª Roda Coletiva, realizada em 31 de agosto de 2015, na Biblioteca Central da UFRPE.

Fonte: Acervo Fotográfico do Projeto Roda da Memória.

## 5ª RODA COLETIVA<sup>113</sup>

MARTA MARIA DE BARROS MARQUES



*Figura 35 - Marta Maria de Barros Marques.*

*Fonte: Acervo Fotográfico do Projeto Roda da Memória.*

**B**om, como eu e o Professor Paulo nos encontramos? Foi na família, porque somos primos. As experiências de vida de Paulo sempre me chamaram muita atenção pela simplicidade, pela docilidade, meiguice e ternura. Estava no Serviço Social e, na época, oferecia-se apenas cursos profissionalizantes e atividades esporádicas na área de Educação Física e, embora tivesse um trabalho junto aos Centros Sociais, não havia uma real atuação de campo. Então, encontrei Paulinho - vou chamá-lo assim porque é o tratamento de família. Conversando, fiquei sabendo do trabalho que ele estava realizando, e achei que era hora do Serviço Social se integrar para desenvolver um trabalho realmente social.

Comecei a participar na equipe do projeto no município de Afogados da Ingazeira, entre 1986 e 1988. Aos poucos, percebi que, se a pessoa não possui as qualidades inatas para esse tipo de trabalho, é preciso que se prepare, pois essa disponibilidade para o outro é uma coisa muito especial e nós, do Serviço Social, sentíamos dificuldade porque não éramos preparadas para essa “doação ao outro”. Naquela época, o Serviço Social atendia aos objetivos políticos dos dirigentes dos Centros Sociais, como a distribuição de remédios no interior, por exemplo.

---

113 A 5ª Roda Coletiva contou com a participação da Assistente Social Marta Maria de Barros Marques, aposentada, e do Professor Geraldo Pereira de Arruda, aposentado do Departamento de Biologia da UFRPE, realizada em 30 de setembro de 2015, na Videoteca da Biblioteca Central da UFRPE.

Na equipe, fui, então, designada para ir ao interior. Ao tomar conhecimento disso, para ser sincera, na hora, fiquei receosa porque sou urbana, nunca tinha ido para o interior, não sabia nada da realidade do interior, enfim, apenas ouvia falar das experiências que estavam sendo realizadas pela equipe, mas se tratavam de assuntos totalmente fora da minha área. Mesmo assim, sem saber muito bem o que iria encontrar, fui, e a primeira coisa que me chamou a atenção, e isso faz alguns anos, mas vejo como se estivesse acontecendo, foi quando, ao entrar numa pequena sala onde iria acontecer uma reunião, logo depois entrou um grupo de camponeses num silêncio profundo, quase religioso e místico. Eles todos, bem arrumadinhos, entraram um após o outro e os professores universitários ao lado, como se fossem amigos e colegas, não tinha absolutamente nada de academicismo, fato que chamou minha atenção, porque eu vinha de uma área onde o professor ainda trabalhava no tablado e os alunos, lá embaixo.

Então, aqueles camponeses começaram a expor seus problemas com uma segurança realmente fora do comum, enquanto os professores da equipe ouviam com a maior seriedade, dando a maior importância e anotando todas aquelas coisas que estavam dizendo. Achei aquilo extraordinário. Hoje, posso fazer uma analogia com a linha do Papa Francisco, porque eles vivem ali, logo, sabem muito mais do que a gente. Fora essa experiência, lembro quando o Professor Geraldo Arruda foi colocar a cochonilha em um recipiente, e fez aquilo com uma humildade que parecia que estava trabalhando para eles, e fiquei tão admirada com a simplicidade e a doação daqueles professores para com aquela gente. Foi ali que me dei conta que realmente aquele momento tinha sido muito bom, tanto para a minha vida profissional, como para minha vida pessoal, mas, especialmente, sobre como é importante saber escutar, saber ouvir, porque é ouvindo que se vai tirar a essência do seu trabalho.

Foram essas duas cenas fortes que tive a oportunidade de presenciar que mais me marcaram ao participar da equipe de Extensão, coordenada por Paulinho, embora, na minha opinião, não tenha dado muito em troca. Para mim, foi uma lição de vida que me marcou imensamente, e ambas aconteceram no sertão do Pajeú, município de Afogados da Ingazeira. Lembro que minha participação no projeto tinha como pretensão ajudar Brás, Assistente Social e diretor do Centro Social de Afogados da Ingazeira, que tinha ligação com o Sindicato dos Trabalhadores Rurais. Ele levava o Serviço Social para identificar os problemas e as necessidades para depois fazer a ponte com a equipe do projeto de Extensão, que levaria a solução. Alí, Aquelas crianças recebiam educação formal nas escolas e se pretendia criar pequenos núcleos de trabalho, onde pudessem realmente desenvolver alguma atividade sustentável.

Como integrante da equipe, visitei a Universidade, onde observei as pessoas de Afogados da Ingazeira no Laboratório do Prof. Geraldo Arruda, conhecendo a pesquisa sobre cochonilha, realizada aqui pelos estudantes com a orientação do Prof. Geraldo Arruda, que, depois, era levada ao campo para acabar com a praga na cultura dos agricultores. Esse trabalho aconteceu na década de 80 e nós, do Serviço Social, queríamos uma parceria com a Universidade. Um fato que no início atrapalhou o trabalho do projeto era que, muitas vezes, a escola da comunidade ficava fechada, mas se conseguiu que passasse a ser usada como espaço para oferecer cursos diversos, inclusive para as mulheres, como confeitaria, doces, etc. Um acolhimento e uma sensibilidade extraordinária! Infelizmente, esse trabalho foi interrompido no Serviço Social devido à mudança de gestão. São lembranças, e a emoção surge como uma coisa espontânea. Não tem nenhuma artificialidade.

Outra lembrança marcante para minha realidade urbana foi participar com toda a equipe de uma visita a um projeto de cultivo de bananas, e lembro que fiquei encantada com aquele encontro da Academia com o agricultor. Ali, plantavam-se hortaliças nos espaços entre as linhas das bananeiras, algo que não imaginava que acontecia e, então, pude enxergar a essência da agricultura – a união de culturas. Achei aquilo de uma riqueza e de uma beleza sem igual.

Durante o período da minha participação no projeto, uma coisa que observei e achei muito interessante foi que a equipe se preparava para fazer um trabalho local com um determinado objetivo, mas, ao chegar no interior e encontrar o povo carente, a meta inicial muitas vezes se expandia para atender outros problemas também. Lembro, ainda, que, ao se conversar e ouvir, o povo era tão receptivo que, ao encontrar a equipe da Universidade, se sentia prestigiado e honrado. Depois, quando se sentia beneficiado, ficava imensamente agradecido a nós da equipe, quando, na realidade, a gente não estava fazendo quase nada, porque era gratificante para a gente também.

No entanto, o que mais me chamou a atenção foi o processo da comunicação, Paulinho, muito sensível, exercia o papel do Professor, do Agrônomo, mas, também, do Psicólogo, e orientava a equipe a ser humilde, esclarecendo que a linguagem dos agricultores era completamente diferente e, para eles, era difícil compreender nossa linguagem acadêmica.

Essas vivências com a equipe me possibilitaram aprender muito, pois os trabalhos realizados nos Centros Sociais eram totalmente diferentes, já estavam em desuso e não tinham mais receptividade.

## GERALDO PEREIRA DE ARRUDA



*Figura 36 - Geraldo Pereira de Arruda.*

*Fonte: Acervo Fotográfico do Projeto Roda da Memória.*

**B**em, vou começar dizendo quando conheci o meu amigo Paulo Marques. Ele trabalhava na ANCAR e eu trabalhava no IPA, na Seção de Fitossanidade, onde recebia as consultas, perguntando qual era o problema que estava acontecendo. Paulo levava os problemas que ele tinha encontrado no campo para o IPA para que a gente identificasse e dissesse o que estava acontecendo, e como deveria se proceder. Foi aí que nasceu essa nossa amizade, que, hoje, é muito antiga e muito sóbria. Tenho orgulho de dizer que este é um grande amigo que tive e tenho na vida. Paulo é um Extensionista nato, fazia questão de pegar o problema do campo, levar para identificar e depois dar o retorno do que devia ser feito, daí, então, passamos a nos conhecer a fundo. O tempo passou, e, algum tempo depois, me afastei, fui fazer pós-graduação em São Paulo e, quando voltei, entrei na Universidade e nos reencontramos. Estava Paulo Marques na Pró-Reitoria de Extensão e eu no Departamento de Biologia. Foi a partir daí que intensificamos nossa amizade.

Durante muitos anos, conduzi o projeto financiado pelo CNPq e, naquele laboratório, tinha no mínimo meia dúzia de estagiários bolsistas, fazendo pesquisa de controle biológico. O Laboratório não era meu, mas da Universidade. As pesquisas eram feitas aqui pelos estudantes com minha orientação. Foi naquele espaço que Paulo falou que eu fazia extensão. Respondi que sabia

que trazia as necessidades do campo para a Universidade, aqui realizava as pesquisas e, depois, dava o retorno para orientar o que eles do campo deveriam fazer para solucionar o problema. Foi quando Paulo publicou um artigo pela Pró-Reitoria de Extensão com o título “Pobreza e Riqueza da Extensão na UFRPE”<sup>114</sup>, enaltecendo meu trabalho. Eu achava que só fazia ensino e pesquisa, aí ele falou: “você faz ensino, pesquisa e extensão na forma mais precisa”.

Numa reunião no Salão Nobre, Carlos Alberto Tavares, que havia sido Vice-Reitor, me falou que tinha um artigo de Paulo Marques elogiando meu trabalho e procurei ler. Depois, liguei para Paulo agradecendo. Foi a propaganda da minha campanha, e deu muito certo. Aí foi quando Paulo falou que gostaria de contar com alguns estagiários do Curso de Biologia para participarem da Jornada Universitária que estava em organização, e foi quando lhe disse: “Paulo, posso mandar estagiários, mas quem quer ir com você sou eu. Dá para me levar?” E ele disse que sim.

E aí fui com os estagiários para Afogados da Ingazeira ter os primeiros contatos com o pessoal, conhecer o grupo através de reuniões que se fazia, andar no campo para identificar os predadores do campo. Mas tem uma coisa interessante, Paulo me levou numa propriedade para conhecer o problema que estava ocorrendo no campo de palmas do cidadão. Fiquei lá procurando, até que constatei que havia alguns inimigos naturais para combater a praga, orientei o cidadão – tenho quase certeza que se chamava Brás –, e foi tudo bem. Então, ele chegou e disse para mim: “Você não vai sair daqui de mão abanando, não! Tenho que lhe dar alguma coisa”. Aquela gratidão característica que o povo do campo tem, e, se a gente não receber, ele fica magoado. Aí eu disse que não se preocupasse, mas ele fez questão e deu uma melancia! Estávamos hospedados no Centro da cidade. No café da manhã, levei a melancia, e fiz questão que todo mundo provasse porque ela tinha o sabor da gratidão!

Lembro de um episódio que aconteceu na região antes de Serra Talhada. Ali, passei numa propriedade de um cidadão, e ele disse que tinha palma que estava com problemas. Disse que gostaria de ver, e aproveitei para conversar com ele. Depois de observar a situação das palmas e conversar muito, ele ficou grato, sabe o que esse cidadão disse para mim? “Foi Deus que mandou o Senhor aqui, porque não sabia o que ia fazer com isso, e o Senhor apareceu do nada para me ajudar”. Isso me emocionou tanto! E lhe disse: Não, eu vim porque é um trabalho que faço na Universidade para dar assistência

---

114 Maiores informações consultar: Marques, Paulo de Moraes. **Pobreza e riqueza da extensão na UFRPE**. Recife, 1986. 3 f. Este texto integra o acervo particular de Paulo de Moraes Marques.

aos agricultores da região, para observar os problemas e para orientar na solução. Mas, quando ele falou aquilo, me emocionei com a gratidão dele.

Pois bem, fiquei muito ligado à Pró-Reitoria de Extensão devido à amizade com Paulo Marques, e a gente continuou desenvolvendo outros trabalhos. A seu convite, fiz várias palestras para os alunos no Salão Nobre da Universidade. Lembro, também, que os alunos de Biologia queriam promover um Seminário sobre Controle Biológico, e Paulo deu todo o apoio da Pró-Reitoria, imprimiu e multiplicou a Cartilha de Orientação sobre Controle Biológico para distribuir aos participantes, e apoiou o seminário durante 03 dias no Salão Nobre da Universidade lotado. Quando chegou o terceiro e último dia, ao agradecer aos apoios recebidos com a plateia presente, parei e todo mundo ficou esperando e me aplaudiu e aí eu me emocionei! Paulo Pró-Reitor sempre apoiou os estudantes, e lembro que me pediram para fazer uma apostila resumida sobre Controle Biológico, fiz incluindo o histórico, com dados e as bases do controle biológico.

Mas, estando aqui, não posso deixar de lembrar e registrar um momento marcante para você e para mim: a concessão do Título de Doutor em virtude de havermos feito Concurso com defesa de tese para Livre Docência. Na solenidade no Salão Nobre da Universidade para receber o Título de Doutor, estava comigo Dr. Mário Bezerra, meu sogro, que era da área de Entomologia, e Dr. Arnaldo Marques acompanhado de Paulo, de quem era pai.

Nunca esqueci das Jornadas Extensionistas que Paulo Marques fazia quando estava Pró-Reitor de Extensão e programava aquelas Jornadas Extensionistas, juntamente com Marcos Diniz. Participei de outros eventos aqui no *campus* de Dois Irmãos e nas Jornadas Universitárias promovidas por Marcos Diniz; eram atividades extramuros que faziam a ligação, a ponte entre o academicismo e o campo. Em outras ocasiões, eu, viajando pelo interior fazendo outras pesquisas – a gente ficou conhecido como o pessoal da Universidade, o pessoal das dicas –, aí, passando ali perto de Venturosa, tinha um cidadão chamado Tenorinho, criador de bodes, que, quando sabia que a gente estava na área e via a caminhonete da Universidade com a marca da Rural, ia nos chamar para a casa dele para servir um lanche. Era uma coisa gratificante!

Lembro que, em um dos primeiros contatos na região de venturosa visitando um senhor que tinha uma propriedade, eu, explicando a ele como se poderia controlar a praga, ele disse: “vocês querem controlar essa praga com besouros? Doutor, besouro para acabar com isso só se for trazido de caminhão”. Eu lhe disse: “vamos fazer um acordo comigo, o Senhor não bota nada de inseticida na sua palma e me deixa trabalhar durante 01 mês

e meio a 2 meses soltando só besouros, depois, o senhor vai me dizer o que foi que aconteceu”. E ele respondeu: “Tá certo, vou fazer esse acordo com o senhor”. Voltei para cá e concentrei o trabalho de produção de joaninhas, viajava de madrugada para lá porque tinha que soltar no campo antes do sol esquentar. Dois meses depois, ele falou: ”Doutor, não é que o negócio deu certo! Olhe, eu não quero saber mais nada, só quero saber agora dos besouros!” As joaninhas comiam toda a cochonilha. Feliz, ele dizia: “aqueles ‘cascudinhos’ é uma beleza!” Veja como foi interessante essa situação que acabo de relatar agora, a princípio, ele sem dar crédito, e eu afirmando que aconteceria a solução. Ele aceitou pagar para ver e, depois, sua reação de surpresa e felicidade ao constatar o resultado, e acabou por parabenizar e confiar. Esse clima de confiança precisa ser criado porque, no princípio, eles são cerimoniosos e meio desconfiados.

São tantas lembranças boas! Fui participando desse processo de extensão. Um dia, falei: “Paulo, não sabia que fazia isso”. E Paulo disse: “Você faz, e muito bem!” Então, concluí que ensinava, fazia pesquisa e extensão. Como você mesmo falou, Paulo, circulei nos 03 espaços, gostei muito e me senti satisfeito. Paulo era um entusiasmado e me entusiasmou também. Foi gratificante, e só tenho a agradecer o convite formulado pelo meu amigo Paulo Marques.

*"Meus amigos, estou aqui, assim, abestalhado com esses depoimentos. Estou abestalhado, como dizia Raul Seixas, porque não lembro de todos esses fatos e, quando estou aqui escutando, me pergunto: danou-se, fizemos isso mesmo? Fico admirado e satisfeito de ter interagido com vocês, colegas, nesse importante trabalho, numa salutar convivência humana. Essas lembranças estão sendo uma revisão de vida extraordinária e extremamente confortadora e gratificante."*

*Paulo Marques*

## Baú da Memória 5ª Roda Coletiva



Figuras 37, 38 e 39 – Paulo de Moraes Marques, Geraldo Pereira de Arruda e Marta Maria de Barros Marques, durante a 5ª Roda Coletiva, realizada em 30 de setembro de 2015, na Biblioteca Central da UFRPE.

Fonte: Acervo Fotográfico do Projeto Roda da Memória.

## 6ª RODA COLETIVA<sup>115</sup>

ISRAEL CRISPIM RAMOS



Figura 40 – Israel Crispim Ramos.

Fonte: Acervo Fotográfico do Projeto Roda da Memória.

**P**ara mim, é uma alegria receber o convite de Paulo e estar aqui hoje. É uma alegria saber que Paulo agora está registrando seu importante trabalho, pois se preparou para o mundo da educação, da agricultura, e soube com maestria fazer a ponte entre a Universidade e o campo através de um brilhante trabalho de muita dedicação. Um professor que topava chegar no Sindicato, que topava fazer uma experiência numa área de assentamento. Paulo não era qualquer professor. Eu não conheci outros que fizessem o que você fez, Paulo. Que eu conheço, foi o único.

Às vezes, alguém passava, pesquisava, mas não ficava para fazer o trabalho com a gente. Não entrava no café. Estou aqui para trazer meu depoimento com muito prazer, e estou mais feliz ainda porque Paulo topou a ideia para registrar suas memórias. Receber esse convite de Paulo - chamo Paulo na maior intimidade, a gente nunca teve diferença -, mesmo a gente lá da zona rural, a gente da roça, simples, a gente criou esse laço. Um laço que fizemos há 35 anos, e que não apagou uma palavra, não apagou nada da

---

115 A 6ª Roda Coletiva contou com a participação de Israel Crispim, Líder Sindical e Diretor de Política da Terceira Idade da Federação dos Trabalhadores da Agricultura de Pernambuco (FETAPE), realizada em 05 de outubro de 2015, na Videoteca da Biblioteca Central da UFRPE.

memória, tudo está vivo, e contar isso para registrar nesse livro, aqui, na biblioteca dessa Universidade, para mim, é fenomenal.

A gente tem a escola universitária, mas nada é igual à escola da vida. Durante esse tempo, tivemos a escola do sindicalismo e a escola prática do exercício da melhoria da produção, cujo conhecimento nos foi levado por Paulo e por toda a equipe do projeto. Foi uma construção sólida e, para mim, continua tudo vivo porque essa prática continuou depois que Paulo nos deixou para atender outros grandes chamados da vida, eu sei disso e compreendo. Mas jamais esquecerei quando Paulo chegou lá, em Tabu. A gente botou Paulo e sua equipe dentro de casa, não deixava eles ficarem em pousada, dormiam no chão com a gente nos colchões. A gente dividia a sala porque já não tinha quartos, e isso acontecia na casa de Evandro, na minha casa, na casa de Djaci, no assentamento. Paulo não tinha dificuldade de dormir em lugar que a gente oferecia e aceitava o que a gente tinha a oferecer. E ele topava. Nunca escutei uma reclamação de ninguém da equipe, desde Tereza, Carlos, Fábio, esses são alguns nomes que estou lembrando, e tudo isso para mim serviu de grandes lições.

Estar aqui, repito, é tanta alegria, pois olho e vejo uma semente que Paulo deixou cair na nossa terra. Aquela semente foi gerando mais sementes, e a gente tem hoje grandes lideranças, que aprenderam com Paulo e com o sindicalismo. Que semente foi aquela que ainda hoje é um mistério? E o maior mistério é a gente estar vivo e poder estar registrando isso, porque, Paulo, o tempo passou e não apagou. A gente ficou ausente de se ver, mas não ficou ausente do que a gente viveu.

Durante minha vida, tive grandes professores: no sindicalismo, o Manoel Santos, que foi presidente da CONTAG e deu grandes lições no sindicalismo. Eleito Deputado estadual por Pernambuco, foi reeleito, morreu no terceiro ou quarto mês dessa reeleição. O José Francisco também foi presidente da CONTAG nos tempos da ditadura, mas Paulo deixou na gente algo tão forte e, nesse momento, estou emocionado.

Foi incrível, você chegava e dizia: “Não vamos mexer no jeito de vocês fazerem. Não vamos desconsiderar a forma como vocês cultivam a terra”. Isso foi indo e, na medida em que foi acontecendo, você interferia nas reuniões, nas conversas, nas práticas de visitas e conversas debaixo dos pés de caju e dos pés de manga. Lembro que, em uma conversa, Paulo falou que a gente poderia melhorar o caju, e a gente começou a procurar e trazer outros tipos de caju de áreas vizinhas. Fomos reflorestando todo o assentamento, foi uma beleza. Hoje, depois de 05 anos consecutivos de seca, infelizmente, já não é mais a mesma coisa.

A gente a quem me refiro eram os assentados, porque essa área que a gente está tratando era chamada de Fazenda Tabu, antiga Fazenda de Bacabal que, antes de ser desapropriada, alegavam ser empresa rural, mas não era. A gente descobriu a ilegalidade dela, e imediatamente a ocupamos. Naquele clima de tensão, o líder sindical Miguel Farias foi assassinado e, na pressão, o INCRA desapropriou a terra. Eu era suplente, e assumi a presidência do Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Surubim. Os demais membros do conjunto da diretoria ficaram com medo de continuar o mandato, apenas eu e Djaci, que era funcionária do Sindicato, continuamos.

Naquela época, o movimento sindical não tinha uma orientação mais efetiva na diversificação da produção. A gente desconfiava muito da presença do Estado: da Secretaria da Agricultura, da EMATER, hoje IPA, do INCRA, porque a gente achava que esses órgãos eram também ligados aos fazendeiros. Tanto é que, para a gente se mobilizar, soltava um fogo de artifício para dar o sinal da chegada da gente, e aí, daqui a pouco, com 10 ou 15 minutos, tinha 100 ou 200 pessoas, chegava todo mundo rapidinho para a reunião. E a gente comandava assim: sabia ouvir e sabia dar continuidade. “Comandar com”, nunca acreditei no individualismo, sempre acreditei no trabalho conjunto. E quem veio para ficar foi um Paulo, em 1981, um cara que considero um irmão. Vejo que sua energia não diminuiu.

De cara, deixamos claro que a gente não gostava de cooperativa. Havia um debate liderado pelo INCRA para que fosse a cooperativa, mas a gente queria a associação. Paulo ficou do nosso lado, onde estava a maioria, então, recebeu carta branca do Fernando Lins<sup>116</sup>, do INCRA, para realizar o trabalho em Tabu. Voltou para continuar ouvindo a gente e para fazer o que achasse correto e o que fosse melhor para nós – o povo de Tabu –, contrariando as primeiras conclusões dos técnicos do INCRA. A gente foi virando companheiro. Fui logo convidando a todos para fazer a cooperativa, todos estavam doidos para criar a cooperativa. Lembro que a gente cantava “Eu sou roceiro”, uma música bem engraçada, cujo verso dizia assim:

“Sou roceiro, vivo de cavar o chão  
As minhas mãos são calejadas, meu Senhor,  
Me falta terra, falta casa e falta pão  
Não sei aonde é o Brasil do lavrador”

---

116 Engenheiro Agrônomo formado na turma de 1955 pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), Acadêmico Licenciado da Academia Pernambucana de Ciência Agronômica. Dentre as diversas funções exercidas no serviço público, esteve como Coordenador Regional do Instituto Nacional do Desenvolvimento Agrário (INCRA).

E foi assim, só começamos a acreditar no INCRA a partir do Fernando Lins e com a chegada de Paulo. Mas, veja, a gente ainda continuava desconfiado, porque havia muitos políticos que ficavam cercando a gente. Lembro que, no primeiro momento em que Paulo chegou a Tabu, estava acompanhado por uma equipe formada por professores e alunos, e nos convidou para conversar sentados no chão, embaixo do pé de caju. Ali, pela primeira vez, a partir daquela conversa, enxergamos o chão cheio de cajus que apodreciam, porque, até então, só se aproveitava a castanha para vender. Foi quando a equipe de Paulo trouxe a ideia de melhorar a produção do caju – aproveitamento da polpa e fazer também a passa do caju. Aquilo deu a gente um novo ânimo. Foi quando o Professor Paulo Carvalho, que estava acompanhado por alunas do Curso de Economia Doméstica da Universidade, se prontificou e passou a orientar e a ensinar as mulheres a fazer a polpa e a passa do caju.

Depois, chegaram outros professores com outros alunos. Paulo era ótimo porque, quando terminava a reunião, ia com a gente para a roça capinar o capim, trabalhar na enxada. Havia Tereza Dubeux, professora de Psicologia Social da FAFIRE, que era uma simpatia.

Paulo Carvalho teve uma participação importante, porque ele e suas alunas passaram a ensinar as mulheres noções de higiene, como tratar os alimentos, culinária, como aproveitar melhor os alimentos. Nosso final de semana era de festa, trabalhando, cantando, abraçando. Era uma festa só! Lembro que Paulo, Tereza e Paulo Carvalho coordenavam os trabalhos da equipe, eram os 03 esteios que organizavam os grupos da Universidade, enquanto eu, junto com Heleno, e outras pessoas organizávamos os grupos, a gente vinha se agregar, associar e produzir em conjunto. Era uma festa.

A quantidade de gente que aprendeu com Tereza como fazer a passa do caju é muito grande. Ainda hoje, quem tem um cajueiro em seu sítiozinho faz sua passa, sua polpa, empacota, coloca no pote, come e vende o ano todo, como vende também a castanha. O caju foi o ponto mais forte para que o trabalho acontecesse. Passamos a aproveitar tudo do caju: a polpa, a passa, a castanha e o mel que sobrava no frasco, botava no prato com farinha e comia feito mel de engenho. Os produtos se espalharam pelo Município de Santa Maria, de Orobo, e o pessoal foi aprendendo a fazer – aquele aprendizado inicial no acampamento – passou de boca em boca e os municípios vizinhos passaram a fazer também. A onda caju, a onda passa não parou, não morreu! Apesar da seca ter matado muitos cajueiros, novos pés foram plantados e cresceram. Testemunhamos que a Universidade entrou em Tabu, com a técnica agrônômica dando apoio e assistência no aprimoramento dos

plantios já existentes e de novos plantios de outras culturas, a cooperativa puxou o tipo de associativismo melhor para a nossa gente.

Paulo trabalhava, foi escutando mesmo as pessoas, ouvindo as necessidades, dialogando permanentemente e, em conjunto com outros professores, foi levando a técnica. Assim, foi transformando a realidade. Pegou a técnica da Psicologia do americano e transferiu para um público tão esquecido – porque o agricultor e o homem do campo não eram vistos por Escola nenhuma como um grande valor. Isso porque quem tinha o conhecimento acadêmico que Paulo tinha com os outros professores que o acompanharam passaram esse conhecimento para a gente. Foi, como eu sempre digo, a construção de uma pirâmide.

Como já falei, houve um momento no qual o grupo de agricultores ainda estava um pouco receoso, mas, aos poucos, foi sendo construído esse laço de amizade e confiança. Podemos dizer que nossa gente estava desconfiada, essa era a palavra: desconfiança. Pois bem, primeiro, muita conversa, a gente tinha as reuniões com Paulo. Depois, a gente avaliava e via no conjunto dos trabalhadores rurais se a gente continuava ou não. Por outro lado, havia um ambiente de simpatia de ambas as partes, a amizade foi se consolidando e estabelecemos um grau de confiança tal que chegou um momento em que a gente não tinha mais desconfiança de Paulo e de todos da equipe, e acabou que gerou uma família. E sabe o que aconteceu? O que deu o combustível para que os laços fossem criados superando a desconfiança? Foi o Amor! Foi assim mesmo. A palavra central é o Amor. O amor, a dedicação e o respeito que a gente percebeu que Paulo e a equipe tinham pelo que faziam.

Naquele tempo, o grupo de Tabu reivindicou para o grupo/equipe da Universidade muitas necessidades e reivindicações, sendo as principais: escola, posto médico. Quando a gente conquistou, a terra era uma terra pura e simplesmente nua, com alguns pés de manga e caju. A gente pensou: e agora? Como vamos fazer para pagar essa terra? Produzir e tirar daqui nosso sustento para não dar o discurso para a direita nem dar o discurso para os fazendeiros? Para eles, era melhor a terra estar com eles, criando gado, do que estar nas mãos dos agricultores, porque eles e quase ninguém acreditava nos agricultores. Eles achavam que os agricultores eram incapazes de se sustentar. Os agricultores vivem do sustento e, a partir da chegada de Paulo e sua equipe, foram adotando as orientações recebidas e mudando a prática de vida, diversificando e ampliando a produção, fazendo novos aproveitamentos do caju, além da venda da castanha, passaram a vender o doce e a polpa. Assim, foram se libertando e melhorando de vida.

Tabu é um assentamento que nos orgulha imensamente. Foi a partir dessa experiência e desse aprendizado com Paulo e a equipe da Universidade

que passamos a contar essa história em muitos outros cantos de Pernambuco, em outros Estados do Nordeste, em outras Federações e na CONTAG. Até setembro de 2014, fui diretor por 04 anos de Políticas Agrícolas da FETAPE<sup>117</sup> e, em muitos momentos, reuniões, encontros e Congressos, aproveitava para contar e falar: “E se a gente fizesse assim?” Lembrando o que Paulo ensinava e como ele falava, aceitando a forma como eles fazem, mas aí dizendo “e se a gente fizer assim... Vocês topam? E se a gente tentar fazer desse jeito?”

O prefeito de Surubim era o maior inimigo desse nosso trabalho, porque via Paulo como uma pessoa política, querendo fazer massa de manobra contra ele e seu partido. Era um inimigo ferrenho porque achava que a equipe da Universidade se reunia com a gente para fazer uma oposição forte. Mas nada disso acontecia, e Paulo driblava bem, tinha muito jogo de cintura e, com muita inteligência, sabia conviver com essas situações. Depois que a equipe da Universidade se afastou de Tabu, a gente fez oposição realmente, e nosso colega e advogado do Sindicato, Evandro Cavalcanti, se candidatou a prefeito e teve uma votação expressiva, perdendo por menos de 1.000 votos. Como não se elegeu prefeito, se candidatou a vereador e se elegeu. Depois, organizou uma homenagem da Câmara dos Vereadores de Surubim para Paulo, em reconhecimento ao seu trabalho em Tabu<sup>118</sup>. Lembro que todos fomos prestigiar, pois ficamos muito felizes. Acabou sendo assassinado e morrendo enquanto exercia o mandato. Hoje, o prefeito não é mais nosso inimigo.

Paulo, estamos contando essa história juntos. Para mim, é uma grande honra. Conteí essa história na CONTAG, e se espalhou pelo Brasil. Acho que o Método de Paulo Freire ali funcionou na prática mesmo, Paulo nunca foi de discurso, falava pouco. Agora, eu sempre falei muito, não sei se atrapalhava. Como vim de uma formação política de esquerda, fui do MR8 – Movimento Revolucionário 8 de outubro –, participei do movimento estudantil e era valente, com um discurso inflamado, mas aprendi a acalmar, observando Paulo, com seu jeito calmo. Nosso amigo Evandro, o Advogado que foi assassinado,

---

117 Federação dos Trabalhadores na Agricultura no Estado de Pernambuco, entidade sindical de segundo grau, representa e coordena os trabalhadores e trabalhadoras rurais de Pernambuco. Fundada em 6 de junho de 1962, a Federação foi reconhecida em 17 de outubro do mesmo ano e tem como missão representar e defender, mobilizar e organizar os trabalhadores e trabalhadoras rurais do estado de Pernambuco, na perspectiva de um desenvolvimento rural sustentável e solidário, contribuindo para a melhoria da qualidade de vida no campo e na cidade e para uma sociedade justa. Constituída por 179 Sindicatos dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais das três regiões do estado e, como Pernambuco é constituído por 185 municípios, dessa forma, a FETAPE está presente em praticamente todo o estado, representando boa parte dessa população do campo, já que a média por família é de cinco pessoas e, em geral, um membro é sindicalizado.

118 O Ofício nº 234/83 de 15 de agosto de 1983, oriundo do Gabinete da Presidência da Câmara Municipal de Surubim, comunica ao Reitor da UFRPE, Professor Waldecy Fernandes Pinto, que em Reunião Ordinária realizada em 12 de agosto de 1983, foi aprovado o Requerimento nº 145/83 de autoria do Vereador Evandro Cavalcanti para “Voto de Aplauso ao Professor Paulo de Moraes Marques”, pelo excelente trabalho no Município de Surubim. Este documento integra o acervo particular de Paulo de Moraes Marques.

era apaixonado por Paulo e suas ações extensionistas. Tanto que ele propôs uma sessão na Assembleia Legislativa uma homenagem de louvor ao trabalho de Paulo. É muito emocionante saber que você ainda guarda esse documento.

Paulo, o fato de você se emocionar me emociona também. É a obra dele! Que bom, esse é o livro de Paulo, e eu estou podendo contribuir para esse livro! Quero concluir dizendo que estou vivo, você, Paulo, está vivo e tem toda essa grandiosidade de se captar essa história. É como se a gente estivesse coroadando o caminho que a gente construiu juntos. É momento de honra, de glória para a gente poder registrar tudo isso. Enquanto a gente está vivo, poder lembrar e contar essa história que está sendo escrita, registrada. Quem vier a ler, certamente vai perceber que nela há uma lição. Vai ser sempre um aprendizado, e acho que, possivelmente, poderá servir de didática para muitas práticas. Essa lembrança daqui vou repassar para a Escola Nacional de Formação da CONTAG, chamada ENFOC, criada pelo Movimento Sindical, e todos os Sindicatos do Brasil, levando seu exemplo de vida.

Eu só tenho que agradecer a Paulo por ter me achado de novo. Estamos nos vendo agora, pela primeira vez depois de Tabu. Agradecer o convite e a oportunidade de estar aqui participando dessa obra com meu sentimento, e quero estar vivo e com saúde para trazer meus netos, minhas filhas e meus filhos para o lançamento desse livro.

Para terminar, lembro que, nas reuniões e nos momentos de alegria, a gente sempre acabava com as mãos dadas e erguidas. Agora, te convido, Paulo, para repetirmos esse gesto!

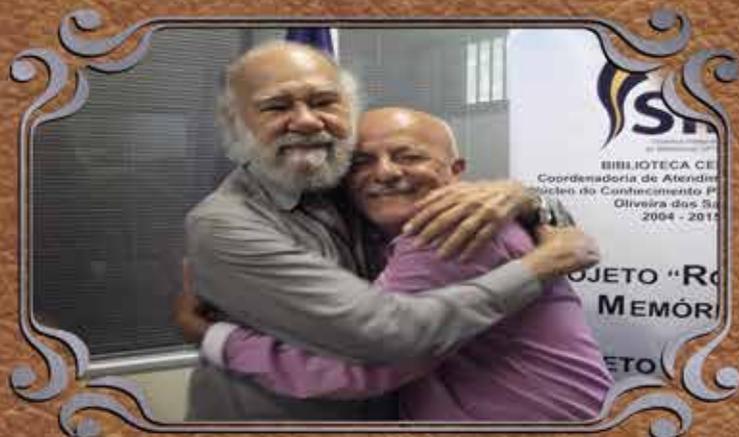
***Israel, sua fala é mensageira de uma notícia maravilhosa que me deixa feliz ao saber que aquela plantinha, tão pequena, que brotou em Tabu foi bater em vários encontros da FETAPE e na CONTAG, que aquela metodologia, na qual misturei a Agronomia, com a Psicologia de Carl Rogers e a Educação de Paulo Freire, contribuiu para o livre caminhar de Tabu, preservadores da cultura e forjadores da sua história.***

***Me emociona saber que Tabu, mesmo não tendo continuidade no processo cooperativista, teve continuidade no processo social dinâmico evolutivo para a melhoria social e das condições de vida daquele grupo através da Associação, que floresceu e cresceu.***

***Celebremos erguendo as mãos, irmão!***

**Paulo Marques**

## Baú da Memória 6ª Roda Coletiva



Figuras 41, 42 e 43 – Paulo de Moraes Marques e Israel Krispim, durante a 6ª Roda Coletiva, realizada em 05 de outubro de 2015, na Biblioteca Central da UFRPE.  
Fonte: Acervo Fotográfico do Projeto Roda da Memória.

## 7ª RODA COLETIVA<sup>119</sup>

### LUIZ PEREIRA DA SILVA



Figura 44 - Luiz Pereira da Silva.

Fonte: Acervo Fotográfico do Projeto Roda da Memória

**M**eu nome é Luiz Pereira da Silva, mais conhecido como “Lulinha Buraco”, nascido em 1943. Entrei na Universidade em 1963, com o Reitor Dr. Humberto Carneiro<sup>120</sup>, e participei dos reitorados de Dr. Murilo Carneiro, Dr. Waldecy Pinto e Dr. João Baptista. Comecei na Universidade trabalhando no serviço de campo. Depois, fui para o setor de transporte. Com o tempo, fiz a prova de direção, passei e comecei a trabalhar como motorista. Dirigi muito para o Professor Paulo Marques – sempre chamei o Professor pelo nome, apesar de chamar de senhor -, e isso nunca foi problema.

Participei de muitos projetos, mas o que mais me marcou foi o projeto de Surubim<sup>121</sup>, e é por ele que vou começar. Em Surubim, quando a gente começou, o Professor começou com a ideia de criar uma Mini Cooperativa lá em Tabu. A gente saía daqui da Universidade na quinta ou na sexta-feira para Surubim, e voltava no domingo à noite. No fim de semana, os agricultores estavam livres do trabalho na agricultura, e Paulo podia, então, reunir a equipe com todos eles.

---

119 A 7ª Roda Coletiva contou com a participação de Luiz Pereira da Silva, vulgo “Luiz Buraco”, motorista aposentado da UFRPE e Tirso Ramon Rivas, Professor do Departamento de Zootecnia da UFRPE, realizada em 12 de outubro de 2015 na Videoteca da Biblioteca Central da UFRPE.

120 Engenheiro Agrônomo, formado na turma de 1945 pela Escola Superior de Agricultura de Pernambuco (ESAP), assumiu a reitoria da Universidade Federal Rural de Pernambuco no período de 1974 a 1978.

121 Projeto Tabu anteriormente tratado neste livro através das lembranças do Professor Paulo Marques e dos depoimentos do Professor Paulo Carvalho e de Israel Crispim, Líder Sindical de Surubim.

O Professor reunia os agricultores - as mulheres e os homens -, a equipe do projeto, e não precisava de cadeiras, sentava no chão mesmo, tirava o sapato, sentava no chão. Os agricultores chegavam e sentavam também, numa roda, e ele não chamava pelo nome, chamava “companheiro”, porque “companheiro” sou eu, é qualquer pessoa, e era assim que Paulo ganhava a confiança deles, e todos gostavam. Paulo dava oportunidade para eles falarem seus problemas. No começo, eles eram desconfiados, mas, depois, foram ganhando confiança na gente. Lembro que, numa reunião, um rapaz disse assim: “preciso limpar meu roçado” e Paulo falou: “vamos fazer um mutirão”. Paulo pegou a enxada e a gente também.

E assim foi acontecendo. A gente sentava debaixo dos pés de caju, e Paulo palestrava com eles, escutava o que eles queriam. Aos poucos, começou a formar a Mini Cooperativa. A gente entrou em Surubim com o projeto de fazer pasta/polpa de caju, porque o pessoal de lá vendia a castanha e perdia o caju.

Eu dirigia a Kombi e sempre levava outras pessoas da equipe. Lembro que sempre levava uma professora e um professor com as alunas que iam para lá ensinar as mulheres a fazer a pasta/polpa do caju para vender e ensinar outras coisas importantes para os agricultores. Teve uma vez que só nós dois saímos de Recife para Poço da Cruz em Ibimirim para buscar peixinhos filhotes de tilápia para trazer e soltar nos açudes de Surubim. A gente saiu de Ibimirim de noite. O rapaz que atendeu o Professor tinha colocado os peixes em sacos plásticos, e disse que a gente tinha que chegar em Surubim com os peixinhos ainda de madrugada, deixar descansar um pouco, mais ou menos meia hora na beira do açude, para depois ir soltando devagar. Esses peixinhos foram trazidos para açudes da região de Surubim.

A gente trazia e colocava nos açudes pequenos de Surubim. Teve um dia que uma professora de Zootecnia estava com a equipe na Kombi, levando abelhas para ensinar aos agricultores como trabalhar com elas, quando a caixa das abelhas se abriu. Todo mundo ficou com medo, mas conseguimos chegar lá com as abelhas. Depois de um tempo, trouxemos mel de lá para vender no Recife. Foi um trabalho tão bonito. Lembro do Advogado Evandro Cavalcanti, que era do Sindicato de Surubim, ele acreditou em Paulo e no trabalho da equipe da Universidade. Foi uma pena ele ter sido assassinado.

Acompanhei Paulo e sua equipe para várias cidades, levando a equipe do projeto no percurso Recife/Ibimirim/Surubim, Lajedo, Serra Negra, que fica ao lado de Ibimirim, Garanhuns, Ribeirão, Pau-D’Alho, Afogados da Ingazeira, Lajedo, Bonito, Tracunhaém e muitos outros lugares que não lembro agora. A gente foi muito para Lajedo. Lá, Paulo fez uma reunião no campo de futebol para conversar com o pessoal, dizendo que aquele campo era importante

para todo mundo e que não se deveria “tomar conta do campo de futebol”, não se deveria invadir.

Outra oportunidade que me lembro foi quando a gente foi para Serra Negra, que fica ao lado de Ibimirim. Não lembro o que a gente foi fazer, sei que foi um projeto que chamaram o senhor para lá olhar. Paulo era muito chamado para participar de projetos. A gente foi, também, na Usina Mussurepe, ao lado de Pau D’Alho, na Usina São José no município de Pau D’Alho e em São Caetano. Foi quando ele andou de cavalo, teve uma vaquejada. Lá foi uma festa, e quem quis andou de cavalo.

Paulo sempre foi essa pessoa tranquila que tratava a gente com respeito. Tem umas coisas que aconteceram nessas viagens que não esqueço. Nessa viagem para São Caetano, lembro que foi muita gente, e eu fui dirigindo a Kombi, seguindo o ônibus da Universidade. Foi uma viagem longa, cheguei lá cansado e fui tirar um sono. Tinha um estudante que me pegou pelo pé para me acordar, e Paulo disse assim: “ele chegou agora. Se você quiser, vá de carro para a cidade, porque Lula não vai sair daí” e ele resolveu ficar quieto.

Lembro, também, que, na viagem para Serra Negra, as alunas queriam voltar no mesmo dia, mas já de noite, e eu lhes disse que a estrada era perigosa. Paulo reconheceu e disse para elas que a gente só ia voltar no outro dia. Teve uma passagem de que não esqueci, foi numa das viagens a Surubim, quando paramos em uma casa, um dos estudantes pediu água. Quando a dona da casa trouxe o copo d’água, ele disse: “pedi água, não foi suco de abacaxi”. Aí Paulo chamou esse estudante de lado e disse: “Por que pediu água? Está com sede? A água daqui é dessa cor porque é barrenta, por isso, beba a água que você pediu, porque essa é a água que o povo daqui bebe, e temos que respeitar esse povo”.

Lembro que foi um tempo bom. Passamos por muitas estradas, vivemos momentos bons, engraçados, e também alguns apertos com aquela Kombi. Uma vez “saltou” a mola do carburador, consertei e a gente seguiu viagem. Outra vez, a Kombi “dançou” na estrada, porque os pinos das rodas tinham empenado, arrumei dois pregos grandes, botei, e deu certo. Teve outro dia que um carro veio em nossa direção e não tive outro jeito do que tirar a Kombi da estrada, ainda bem que tinha acostamento. Como me chamava “Buraco”, me entendia com os buracos da estrada! Essas e outras coisas aconteceram nas viagens!

A gente viajou muito, e tem muitas coisas para contar. Dirigi e viajei com Paulo pelo interior de 04 a 05 anos. A equipe de Paulo ia para o campo nos finais de semana, porque era melhor para o encontro com os agricultores e porque, na Universidade, durante a semana, tinha as aulas, que impossibilitavam os alunos e professores de se afastarem do *campus*. Como

já disse, participei de todos os projetos, tanto nos processos menores, como nas equipes maiores.

Depois que Paulo assumiu a Pró-Reitoria de Extensão, deixou a Kombi para levar os professores e alunos do projeto pra Pitanga, e a gente foi muitas vezes. O período de Pitanga foi bom, não teve nada de ruim. Levava os professores Brás e Salett junto com outros professores. Teve outro projeto que Paulo foi para a cidade de Afogados da Ingazeira e levou o Professor Vargas, porque ele sabia sobre o piolho do algodão. Lá, teve uma reunião no cinema velho. Tenho saudade desse tempo. As viagens eram boas, e com esse Professor é que era maravilhoso! Como motorista, não esqueço os lugares por onde a gente andou. Aqui, lembro que, na equipe dos professores e alunos, não tinha diferença, eu era um membro da equipe. E tinha orgulho em dizer: “sou da equipe!”

Todos os projetos marcaram bem, e foram muito aproveitados. Para mim, aquele projeto de Tabu, em Surubim, foi o mais gratificante. A mini cooperativa que Paulo criou e deixou para os agricultores continuarem, tocarem o barco pra frente, hoje, é uma associação, foi um projeto que ficou vivo para eles, e teve continuidade. A gente montou e deixou pra lá!

## TIRSO RAMON RIVAS



Figura 45 - Tirso Ramon Rivas.

Fonte: Acervo Fotográfico do Projeto Roda da Memória.

**B**om dia. Desculpem o atraso, mas estava em sala de aula, consegui me liberar mais cedo da minha turma e cá estou muito feliz em poder estar aqui. Já conheço o Luiz, já viajamos juntos. Agradeço a oportunidade de estar aqui, participando da sua história, através da história oral, trazendo e preservando a teorização daquilo que se fez.

Que ideia maravilhosa. Resgate de memória, é mais do que justo. As suas memórias necessitam ser publicadas, sob pena de ser uma injustiça para com as futuras gerações de extensionistas. Memórias do Professor Educador, porque, para mim, o senhor é mais do que um professor, é um educador. O professor pode ser simplesmente aquele que dá uma disciplina, e no limite da sua disciplina, não se importa mais com nada na formação do cidadão.

O educador sempre vai além da disciplina, vai na formação do profissional-cidadão e da pessoa humana, mas não unicamente do profissional. Qualquer um pode ser professor, mas, para ser educador, precisa ter vocação. Precisa se entregar. Não unicamente passar aquilo que está ali na cartilha. A grande diferença entre professor e educador é que o educador se entrega, ele é um Apóstolo, ele não deixa de ser professor, mas é também um ator, é também um pai, às vezes, um amigo, um companheiro, um filho, ele é tudo isso. É por isso que são tão poucos educadores.

Eu catalogo o Professor Paulo como Educador. E eu procuro seguir seu exemplo, então, quando estou com meus alunos e digo que sou educador, muitos deles perguntam qual a diferença, e digo: porque me importo com vocês, me importo com a Universidade, me importo com o ser humano, com

o mundo e com o planeta. E, mais, o verdadeiro educador nunca deixa de ser educador. O grande prazer do professor é passar conhecimento e receber conhecimento também. Mas essa dinâmica, esse processo de continuidade se compõe disso: ensinar e aprender. E esse é um processo que não acaba nunca enquanto o ser humano existir na face da terra. Eu fui seu aluno, meu caro. Paguei duas disciplinas com Paulo, Extensão I e Extensão II, isso deve ter sido em 76 e 77, no terceiro ou quarto semestre.

Fui a uma ou duas viagens, mas trabalhei diretamente com ele nas disciplinas e nos estágios. Fui um dos poucos alunos que foi selecionado para estagiar em Corrente. Eu estava no 1º semestre, e geralmente se selecionava a partir do 4º ou 5º semestre, mas o Doutor Paulo me deu a chance de pagar a disciplina com ele, e me apresentou a relação dos municípios onde eram oferecidos estágios. Ele me orientou a fazer cursos, e me perguntou qual o meu semestre, e lhe disse que era do 1º semestre! Mas, não sei porque das quantas, talvez porque a minha origem seja camponesa e eu tenho prática de campo. Eu vinha do campo, de uma fazenda, então sou camponês de alma. Creio que ele percebeu isso, e disse para eu voltar na semana seguinte para ver se sobrava alguma vaga, porque não podia passar por cima das normas.

Sobrou uma vaga, fui lá e passei a estagiar com o pessoal que já estava se formando! E as pessoas me perguntavam se eu já estava me formando, eu dizia que estava no 1º semestre, e todos ficavam olhando para mim de cima para baixo. Mas, quando se tem prática de campo, a vida no campo é facilitada. Então, quando a gente ia para o campo, eu sabia andar a cavalo, sabia derrubar um boi, sabia curar uma bicheira, sabia tirar leite de vaca porque eu tinha a prática e, quando você tem prática, tudo fica mais fácil, pode não saber explicar, mas sabe fazer. E eu prefiro alguém que saiba fazer a alguém que saiba explicar.

Então, foi uma sorte eu ter tido o meu amigo educador Paulo como, de certa forma, mentor. Ele era o professor que tinha a mentalidade mais aberta de toda essa universidade. Eu não conheci, durante minha época de graduação nem de pós-graduação, uma mentalidade mais aberta que a dele. Nunca conheci ninguém, nenhum professor educador com a facilidade de comunicação.

O mais marcante da sua metodologia era a liberdade que o aluno tinha na sala de aula, e fora dela, com o mentor-educador Paulo. Havia liberdade em uma época em que o professor passava a teoria da forma que achava correto de cima para baixo, nas aulas dele havia discussão mesmo, debate, e tenho certeza de que era a única disciplina em que se apresentava um problema e se debatia sobre ele. Lembro que, certa vez, ele pediu que, em vez

de fazer uma prova, cada um dos estrangeiros - e metade da turma dele era de estrangeiros onde eu estava incluído -, falasse alguma coisa que tivesse a ver com extensão rural e os problemas do seu País. E isso facilitava para a gente, que ainda não dominava a língua, a cultura, essa coisa toda. Para mim, isso foi um exemplo de vida e de profissional e, se tivesse que dar uma nota para meu querido amigo professor-educador, seria 100, não seria 10.

Paulo gostava muito de nós, estrangeiros. Essa liberdade que a gente tinha era só com ele, e mais ninguém. Ele ficava preocupado porque alguns colegas nos chamavam de “gringos”, e explicou o que aquela palavra significava, pois, a maioria não sabia o significado. Naquela época, havia uma coisa bem característica entre o alunado da Rural: era que a maioria ou a grande maioria era do interior. Tinha pessoas da cidade, mas eram poucas, e havia poucas mulheres. Minha turma era de 40 alunos e tinha 3 ou 4 mulheres. Hoje em dia, há uma inversão, tem maior número de alunas do que alunos na sala de aula. A maioria é da cidade, e isso causa um certo problema com relação à origem citadina e não rural, porque fica sem experiência. Como não tem experiência prática, porque não vem do campo, fica muito mais difícil de fazer extensão e para qualquer tipo de aula no campo e aula prática. Muitos alunos chegam ao final do curso e saem daqui confusos, sem saber o que e o como fazer.

Por isso, acho essa coisa interessantíssima, esse resgate de memória das pessoas com maior experiência dentro do contexto universitário, e essa pluralidade também, professores, funcionários, motoristas, ex-alunos. Estávamos ali para tentar resolver problemas reais. E, que eu me lembre, era uma metodologia bem aceita. Tinha algumas pessoas reticentes, alguns militares que estavam ali no meio, e geralmente não gostavam muito, mas era a minoria. A grande maioria gostava porque se sentia liberdade, e a liberdade, depois da saúde, é o maior bem da humanidade.

Sem dúvida, as aulas do professor-educador que está aqui diante de mim eram excelentes. E, vou lhe dizer mais, se todos os seus alunos ou a grande maioria tivesse condição de lhe escrever, se tivessem o seu endereço, a maioria escreveria uma carta. A sua forma de ensino era uma subversão da ordem. O Paulo é uma singularidade no corpo docente desta Universidade. Uma singularidade! Isso mesmo, era uma apresentação. O Senhor representa a palavra liberdade. Não tem qualificativo.

O Senhor utilizava a experiência do aluno, do outro, que tinha uma experiência, facilitava a compreensão e o ensino-aprendizagem de todos os alunos da turma, porque não era só a experiência do professor, era a experiência de alguém que era igual aos outros, mas tinha uma experiência e, naquele

momento, passava a ser professor. Isso incentivava, motivava os alunos e o ensino-aprendizado. Naquele momento, passava a ter uma dinâmica diferente, e já levava a turma para o campo, coisa que todos os professores deveriam fazer em toda a universidade - sala de aula/campo/biblioteca/sala de aula/discussão -, isso, na minha concepção, seria o ensino-aprendizado mais próximo do melhor. A parte teórica, a sala de aula, a discussão e a prática. Ver, observar, pesquisar, demonstrar e perceber melhor a realidade lá no campo. Hoje, na sala de aula, me inspiro nisso, me baseio muito no seu exemplo, e meus alunos que têm experiência me ajudam nas aulas. Igualzinho, não, o Senhor continua melhor do que eu, mas eu tento lhe imitar, é fato.

Sinceramente, já tinha lhe dito e vou repetir, muitas vezes em que viajo pelo mundo afora, quando me reencontro com os amigos, meus colegas que foram seus alunos, são poucos os professores que eles lembram, mas o Senhor sempre está em suas lembranças, e perguntam: “Cadê aquele professor barbudo, cabeludo, doidão, o Paulo Freire das Ciências Agrárias?” Aí falo: “Paulo Marques.” E eles falam: “Ah, sim! Paulo Marques”. E perguntam: “Ele está vivo?” Respondo: “Mais vivo do que nunca, rapaz!” Isso, para mim, é uma coisa bonita, porque eles me pedem para contar sobre os professores, e eu lhes digo que, às vezes, encontro o Professor Paulo Marques. Aí, eles perguntam se é aquele doidão, barbudo de Extensão. E digo: Isso mesmo, de Extensão Rural. E falam: “Ah! tu encontras com ele? Quando o vires, digas que mandei um abraço!” É assim com a maioria dos colegas. Sem dúvida, ele é o professor mais lembrado na turma a que pertenci dentro da Universidade. E não só lembrado, mas bem lembrado, o que é uma coisa diferente. Lembrado é uma coisa, mas BEM LEMBRADO é uma maravilha. Para mim, a essência do seu trabalho foi a liberdade. Certamente, não sou lembrado pelos meus alunos tanto como o Senhor, mas chego perto.

Isso é preponderante para os agricultores e para os alunos respeitarem, admirarem e aprenderem e participarem de uma experiência diferente, na qual o professor não deu ordens - façam dessa ou daquela maneira -, pelo contrário, convidou a todos para participarem, estando ele, inclusive, participando da tarefa. E você foi lá, fez e demonstrou. É essa prática que está faltando nas Ciências Agrárias do mundo todo.

Depois desses anos todos, a marca do Professor Paulo Marques se tornou uma coisa indelével. Eu continuo marcado e, como já disse e repito, essa “subversão da ordem” não no sentido estrito da palavra, mas na singularidade de sair daquele eixo retilíneo da formatação octogonal e passar parte da sua experiência e aproveitar a experiência dos alunos - acredito que, pela primeira vez, na Rural -, hoje em dia, faço também copiando ele e, sobretudo,

essa liberdade absoluta. Acredito que o único lugar onde me sentia livre na época da ditadura aqui, no Brasil, era na sala de aula dele e com ele. A gente respirava liberdade e se sentia apoiado não por um professor, mas por um amigo, porque o professor-educador também é amigo.

Então, para mim, sua marca indelével é a LIBERDADE POR UM ENSINO INTEGRAL, POR UMA VISÃO HOLÍSTICA DO PROFISSIONAL E PELA FORMAÇÃO DO CIDADÃO, não unicamente a formação de um profissional específico, mas de um cidadão. Estou aqui tentando honrar a minha turma ao trazer meu depoimento para suas memórias, e saiba que, sem dúvida, o Senhor contribuiu para que eu decidisse ficar e me radicar no Brasil. Ele me ajudou a amar este País e a amar Pernambuco, pois se adiantou ao tempo quando utilizou a sua metodologia naquela época.

Estar aqui corroborando suas memórias, amigo Professor-educador, repito, é uma honra para mim.

*"Eu me aposentei e saí da Universidade, meus alunos saíram*

*e passaram a assumir diversos papéis.*

*É interessante tomar conhecimento da pulsação da alma daqueles que participaram com a gente, e é emocionante tomar conhecimento que*

*o processo continua e tem uma autonomia.*

*A gente passa pelo processo, e ele segue em frente com seu objetivo. Não tinha consciência de que isso ia acontecer, pensei que tinha parado no tempo.*

*Nessa manhã, reencontrar um aluno da gente e o motorista que foi companheiro de tantas viagens é confortável demais, e dá muito sentido à vida, principalmente, para uma pessoa que está com muita idade, como eu, e começa a esquecer algumas coisas que fez.*

*Numa hora dessas, a gente toma consciência que teve um determinado valor, e deixou uma contribuição para a Extensão, mostrando trilhas possíveis para as gerações de novos Extensionistas Universitários e Rurais."*

*Paulo Marques*

## Baú da Memória 7ª Roda Coletiva



Figuras 46, 47 e 48 – Paulo de Moraes Marques, Luiz Pereira da Silva, vulgo “Luiz Buraco” e Tirso Ramon Rivas, durante a 7ª Roda Coletiva, realizada em 12 de outubro de 2015, na Biblioteca Central da UFRPE.

Fonte: Acervo Fotográfico do Projeto Roda da Memória.

## 8ª RODA COLETIVA<sup>122</sup>

### VARDAN DE MIRANDA



*Figura 49 - Vardan de Miranda.*

*Fonte: Acervo Fotográfico do Projeto Roda da Memória*

**M**eu nome é Vardan de Miranda, me formei aqui na UFRPE em Educação Agrícola e também em Moral e Cívica. Sou Técnico Agrícola e Técnico em Assuntos Educacionais, e fui lotado no Departamento de Educação até me aposentar. Comecei como Auxiliar em Assuntos Educacionais, e sempre observava as aulas de Extensão do Professor Paulo Marques. Observava que ele empregava a Psicologia, outra área que eu também gostava porque, se um Extensionista não sabe Psicologia, não sabe nada, ele vai apenas falar sobre a tecnologia e o homem do campo, mas não vai captar a mensagem. A Psicologia, aplicada à Agricultura, é muito importante porque as pessoas do campo são incrédulas com as ações governamentais até hoje.

Nós somos extensionistas e a melhor forma quando a gente chega é abrir os braços, essa era a prática de Paulo Marques. Quando se chegava no campo, fosse em Lajedo, Surubim ou em qualquer outro lugar, abraçava todo mundo, não era aperto de mão, abraçava como se fosse uma águia, e todos os caminhos se abriam. O primeiro gesto do Extensionista é esse – abraçar o ser humano. A gente tratava muito bem as relações humanas. Essa foi a ação de maior êxito que posso testemunhar na prática extensionista do Departamento de Educação.

---

122 A 8ª Roda Coletiva contou com a participação de Vardan de Miranda, Técnico Agrícola e Técnico em Assuntos Educacionais aposentado do Departamento de Educação da UFRPE, realizada em 09 de dezembro de 2015 no Núcleo do Conhecimento Prof. João Baptista Oliveira dos Santos, Biblioteca Central da UFRPE.

O trabalho de Paulo Marques e sua equipe, composta por professores e alunos da UFRPE e de outras Universidades, repercutiu em todo o agreste. Paulo Marques nos incentivava a quebrar barreiras, porque a Universidade estava sempre dentro do círculo fechado do *campus*. E eu, como sou Técnico Agrícola, gostava e achava que a Rural poderia desmistificar o campo, desmistificar a relação tecnológica para poder levar a orientação e o conhecimento ao agricultor. Foi uma experiência muito boa. Tivemos várias experiências no campo. Quando chegava no campo, como a equipe era grande, para ter maior aproveitamento, Paulo dividia a equipe entre os professores, os alunos monitores. Eu acompanhava os alunos quando se ia orientar como formar uma horta, melhorar as hortaliças, por exemplo. Nós fazíamos um trabalho muito bom de introdução de novas culturas, orientações sobre o solo, como tratar o solo. O Professor era muito contundente com a questão das queimadas, porque o solo do semiárido é muito fraco e pobre em nitrogênio, então a gente tratava e orientava bastante sobre isso. A gente fazia compostagem, orientava sobre vários processos de irrigação, e tudo isso melhorava a vida do homem do campo.

Uma coisa que eu observava e achava muito importante é que o Professor Paulo Marques era uma pessoa democrática, os outros professores eram autocratas, e ele era democrata, dava abertura para os membros da equipe colocarem suas ideias, que eram postas em discussão e, muitas vezes, eram colocadas em prática. Ele sempre fazia círculos para discutir ideias, e essa prática crescia muito a área do conhecimento. Por isso, a gente era bem recebido porque não era só a gente que tinha ideias, o homem do campo também tinha ideias, que eram ouvidas, e muitas foram aprimoradas e aplicadas, porque o agricultor convivia no dia a dia com as adversidades, enquanto a gente só ia no fim de semana e passava 4 ou 5 dias, às vezes. Esse foi um dos seus marcos – uma extensão onde a gente passava 5 dias no campo.

Isso ocorria sem nenhum atrito. Se a gente ia bem, voltava melhor porque a gente trazia muita bagagem, reciclava essa bagagem e melhorava sensivelmente as outras tarefas que a gente tinha para fazer. Outra coisa muito importante era a sociabilidade dos alunos, de um jeito que a gente se tornava quase irmãos, era um por todos e todos por um, a gente desenvolvia um espírito de soldado, não se deixava um para trás de jeito nenhum. E essa convivência trouxe outra coisa também muito boa, todo mundo se tornava simples, ninguém se distinguia por ser Agrônomo ou Veterinário ou alunos, todos éramos componentes da equipe, essa característica ficava evidente e marcou muito na minha expectativa. Aqui, destaco que a interação entre os alunos e o homem era fantástica.

Para mim, a experiência mais marcante aconteceu em Quatis, no município de Lajedo, onde fui mais vezes. Lá, como em outros lugares do campo, as pessoas

não acreditavam em nenhum órgão do governo, reclamavam que, quando chegavam lá, era só para cobrança, e nunca para subsídios. Em Quatis, Paulo chegou com seu característico abraço e, aos poucos, a gente foi ganhando a confiança deles. Foi muito bom, porque se trabalhou a parte agrícola. A gente trabalhou a terra, fazia o canteiro com o agricultor e, quando ele dizia: “faço assim há 20 anos e o Senhor tá fazendo desse jeito, e não aceito”, a gente lançava o desafio para ele: “vamos fazer assim, o senhor faz seu canteiro e eu vou fazer o meu, no final, vamos ver qual é o que dá o maior resultado e gente apaga o outro”. E ali a gente usava a tecnologia. Às vezes, a gente vencida, outras, empatava, em algumas, perdia e, nessa perda, a gente ganhava em conhecimento prático porque havia a interação dos agricultores. Assim o processo foi acontecendo.

Agregamos também a Zootecnia, o que foi muito interessante, e se fez um trabalho inesquecível. Em Quatis, quando a gente chegava, era uma festa no bom sentido, diziam: “chegou os doutores!” No fim do dia, o Professor convidava para a roda, que era tão boa que, se a gente pudesse, ia dormir depois da meia noite, porque a roda era muito boa, se conversava, trocava ideias, mas também se tocava violão, cantava, às vezes, se fazia churrasco – os alunos gostavam disso. Isso sem falar que os agricultores ofereceram suas casas e, inclusive, deixaram uma casa à disposição dos estudantes. Tinha também o Hotel Brasil, que sempre recebia a gente muito bem. Tudo isso graças à metodologia e liderança do Professor. É por isso que, ainda hoje, quando encontro com ele, eu digo: “Chegou meu Professor!”. Mas o que marcou mesmo, para mim, foi a Universidade sair do seu “ninho”, sair do *campus* e ir ao encontro do homem do campo através da Extensão Rural, que é conhecida por quebrar os grilhões.

Lembro que o Professor era criticado porque, algumas vezes, levava a turma toda para Quatis e, para isso, se precisava do ônibus para o transporte. Era interessante porque todo mundo queria ir e, infelizmente, não era possível porque, além da capacidade do ônibus, as instalações disponíveis eram limitadas. Aquela era uma aula prática de extensão rural que durava 5 dias! E todos pegavam na enxada. Se fazia trabalhos monitorados na horta, diversificando a produção de hortaliças, por exemplo, para que o agricultor tivesse produtividade. Tive a felicidade de acompanhar essas turmas inúmeras vezes. Nessas turmas, participavam alunos de Agronomia, Veterinária, Zootecnia, e muitos deles nem sempre gostavam de extensão rural, mas se matriculavam na disciplina pela oportunidade de se deslocar para o campo, onde praticavam a teoria que recebiam na sala de aula.

O aluno de Agronomia na horta, no cultivo, no combate à praga; o Veterinário fazendo pequenas cirurgias, cuidando dos cascos dos animais, vacinas, tratando mastites, enfim, o encontro da Universidade com o campo,

levando o conhecimento para redutos que nem sempre tinha acesso a um Agrônomo, a um Veterinário ou a um Zootecnista. Certamente, se a gente voltar hoje a Lajedo ou a qualquer outro desses locais onde o Professor levou sua metodologia, a gente vai ser reconhecido pelos mais antigos, porque vão se lembrar do processo que aconteceu e do progresso que aconteceu em suas vidas.

Sempre admirei a forma, a metodologia do Professor Paulo, aprendi com ele que o trabalho de extensão é democrático e deve provocar o grupo para achar a solução para o problema porque, quando o grupo acha, fica fixado. Isso é interagir e potencializar os talentos. A prática extensionista que o Professor desenvolveu é, acima de tudo, de companheirismo, e seu grande marco é sua liderança democrática: ele dava vez e voz aos membros da sua equipe e ao homem do campo.

O Professor é um Mestre nato. Sempre que o vejo, abro meus braços, lembrando e reverenciando seu gesto. Fui muito feliz nessa caminhada com o Professor. Hoje, sou sincero ao dizer que sinto saudade.

***"Meu Deus, que coisa linda! Isso tudo aconteceu.  
As coisas acontecem através das pessoas, e você  
conquistava, tinha conhecimento, sabia coordenar  
os trabalhos com os estudantes e sabia transmitir  
aos alunos e ao homem do campo.  
Acima de tudo, era disponível às nossas ações de extensão.  
A extensão é holística, o extensionista é um elemento de  
ligação entre a Universidade e o agricultor.  
Essa Roda da Memória estaria incompleta  
sem suas lembranças.  
Abrir os braços era a forma de a gente chegar nas  
comunidades e conquistar a amizade do homem do campo.  
Você trouxe esse gesto ao me encontrar, e me emocionou!"***

**Paulo Marques**

## Baú da Memória 8ª Roda Coletiva



Figuras 50, 51 e 52 – Paulo de Moraes Marques e Vardan Miranda, durante a 8ª Roda Coletiva, realizada em 09 de dezembro de 2015, na Biblioteca Central da UFRPE.

Fonte: Acervo Fotográfico do Projeto Roda da Memória.

## REFERÊNCIAS

ALVES, Belgrano José. **2ª Roda coletiva**. Recife, 21 jul. 2015. Entrevista concedida a Josefa Martins da Conceição.

ARRUDA, Geraldo Pereira de. **5ª Roda coletiva**. Recife, 30 set. 2015. Entrevista concedida a Josefa Martins da Conceição.

AZEVEDO, Adieron Erasmo de. **A caminhada seguindo o sol da Universidade Federal Rural de Pernambuco**. Recife: EDUFRPE, 2007. 147 p.

CALLOU, Ângelo Brás Fernandes. **1ª Roda coletiva**. Recife, 13 jul. 2015. Entrevista concedida a Josefa Martins da Conceição.

CALLOU, Ângelo Brás Fernandes; SANTOS, Maria Salett Tauk; MARQUES, Paulo de Moraes. Extensão rural como extensão universitária: uma proposta de planejamento. In: SANTOS, Maria Salett Tauk; CALLOU, Ângelo Brás Fernandes. **Extensão universitária e educação popular**. Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco, 1988. p. 21 – 28. (Cadernos de Extensão Rural, n. 2).

CABRAL, Suerleide de Moura. **2ª Roda coletiva**. Recife, 21 jul. 2015. Entrevista concedida a Josefa Martins da Conceição.

CARVALHO, Paulo Fernandes Fragoso. **3ª Roda coletiva**. Recife, 24 jul. 2015. Entrevista concedida a Josefa Martins da Conceição.

DIAZ BORDENAVE, Juan. **O Ensino da disciplina “Extensão Rural” nos currículos das Ciências Agrárias**. IICA, 1977. Trabalho apresentado na Reunião Técnica de Professores de Extensão Rural, Belo Horizonte, MG, 11 a 14 de abril de 1977. 14 p. Disponível em: <[https://books.google.com.br/books?id=1hkOAAIAAJ&pg=PP3&lpg=PP3&dq=juan+diaz+bordenave+%2B+o+ensino+da+disciplina+extens%C3%A3o+rural&source=bl&ots=DttWF\\_9pWh&sig=KvlhSGDWF-0njmuRbJZLUJ9lg4ci&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwiMntOdip3LAhXGJlJAKHfAxDMMQ6AEIKjAC#v=onepage&q=juan%20diaz%20bordenave%20%2B%20o%20ensino%20da%20disciplina%20extens%C3%A3o%20rural&f=false](https://books.google.com.br/books?id=1hkOAAIAAJ&pg=PP3&lpg=PP3&dq=juan+diaz+bordenave+%2B+o+ensino+da+disciplina+extens%C3%A3o+rural&source=bl&ots=DttWF_9pWh&sig=KvlhSGDWF-0njmuRbJZLUJ9lg4ci&hl=pt-BR&sa=X&ved=0ahUKEwiMntOdip3LAhXGJlJAKHfAxDMMQ6AEIKjAC#v=onepage&q=juan%20diaz%20bordenave%20%2B%20o%20ensino%20da%20disciplina%20extens%C3%A3o%20rural&f=false)>. Acesso em: 15 jan. 2016.

\_\_\_\_\_. **O que é comunicação rural**. São Paulo: Brasiliense, 1985. 105 p. (Coleção primeiros passos, 101).

DIAZ BORDENAVE, Juan; PEREIRA, Adair Martins. **Estratégias de ensino-aprendizagem**. 7. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1983. 312 p.

FUNDAÇÃO DE DESENVOLVIMENTO MUNICIPAL DO INTERIOR DE PERNAMBUCO. **Seminário comemorativo do 10º aniversário da Fiam 1967-1977**. Recife, 1978. p. 81-82.

LINS, Maria de Fátima Navarro. **4ª Roda coletiva**. Recife, 31 ago. 2015. Entrevista concedida a Josefa Martins da Conceição.

MARQUES, Marta Maria de Barros. **5ª Roda coletiva**. Recife, 30 set. 2015. Entrevista concedida a Josefa Martins da Conceição.

MARQUES, Paulo de Moraes. **Ação universitária de apoio à recuperação da Cooperativa Agrícola Mista de Quatis LTDA em bases participativas: relatório de atividades de atividades abri/1979 – ago/1980**. Recife, 1980. 18 p.

..... Atuação extensionista na Universidade Federal Rural de Pernambuco do Professor Paulo de Moraes Marques, Doutor e Livre Docente em Extensão Rural. **Anais da Academia Pernambucana de Ciência Agrônômica**, Recife, v. 4, p. 89 – 94, 2007. Disponível em: <<http://www.journals.UFRPE.br/index.php/apca/article/view/88/83>>. Acesso em: 16 maio 2013.

..... **Baú da memória I**. Recife, 30 abr. 2013. Entrevista concedida a Josefa Martins da Conceição.

..... **Baú da memória I**. Recife, 15. Maio 2013. Entrevista concedida a Josefa Martins da Conceição.

..... **Baú da memória I**. Recife, 09 jun. 2013. Entrevista concedida a Josefa Martins da Conceição.

..... **Baú da memória II**. Recife, 19 jun. 2013. Entrevista concedida a Josefa Martins da Conceição.

..... **Baú da memória III**. Recife, 15 abr. 2014. Entrevista concedida a Josefa Martins da Conceição.

..... **Baú da memória III**. Recife, 14 maio 2015. Entrevista concedida a Josefa Martins da Conceição.

..... **Baú da memória III**. Recife, 13 jul. 2015. Entrevista concedida a Josefa Martins da Conceição.

..... A comunicação rural como instrumento da luta ecológica: realidade ou utopia? INTERCOM, 13., 1990, Rio de Janeiro, RJ. **Anais...** Rio de Janeiro: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 1990. V. 1

..... Contradições da universidade brasileira, extensão universitária e estágio curricular. In: ENCONTRO NACIONAL SOBRE ESTÁGIO CURRICULAR, 2., 1989, Recife, PE. **Anais...** Recife: Universidade Católica de Pernambuco, 1989. 1 v.

..... A experiência de extensão na Universidade Federal Rural de Pernambuco. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E DINAMIZAÇÃO CULTURAL DE COMUNIDADES, 1., 1984, João Pessoa, PB. **Anais...** João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 1984. p. 181-200.

..... **Extensão rural, cooperativismo e ajustamento desenvolvimentista dos pequenos e médios agricultores de Pernambuco.** 1974. 156 f. Tese (Concurso de Docência Livre) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 1974.

..... **Linhas gerais para uma ação extensionista na UFRPE:** uma visão da extensão ao lado da pesquisa e do Ensino. Recife, 1990. 6 p.

..... Tentativas de contribuição ao encontro de posições dos engenheiros agrônomos diante de algumas exigências do desenvolvimento rural brasileiro. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE AGRONOMIA, 11., 1979, Curitiba, PR. **Anais...** Curitiba: Federação dos Estudantes de Agronomia do Brasil: Associação dos Engenheiros Agrônomos do Paraná, 1979. 2 v.

..... **Pobreza e riqueza da extensão na UFRPE.** Recife, 1986. 3 f.

..... **Por uma extensão rural brasileira.** 1977. 50 f. Dissertação (Concurso de professor Assistente) – Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife, 1977.

..... Preocupações universitárias: as contradições de nossa sociedade marcam também o ensino superior. **Jornal do Comércio**, Opiniões. Recife 18 jun. 1991. p. 2.

..... **Projeto Cooperativista:** relatório de atividades do 1º semestre de 1981. Recife, 1981. 12 f.

..... **Rápida reflexão sobre pesquisa, extensão e ensino.** Recife, 1985. 2 f.

..... **Relatório de atividades de extensão desenvolvidas pelo Professor Paulo Marques do Departamento de Educação, durante o segundo semestre de 1985.** Recife, 1985. 5 p.

..... **Relatório sobre as razões do término das atividades extensionistas em Surubim.** Recife, 1986. 6 p.

..... Tentativas de contribuição ao encontro de posições dos engenheiros agrônomos diante de algumas exigências do desenvolvimento rural brasileiro. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE AGRONOMIA, 11., 1979, Curitiba, PR. **Anais...** Curitiba: Federação dos Estudantes de Agronomia do Brasil: Associação dos Engenheiros Agrônomos do Paraná, 1979. 2 v.

..... Uma experiência de extensão universitária na promoção de pequenos agricultores. **Oikos - Revista Brasileira de Economia Doméstica.** Viçosa: Universidade Federal de Viçosa, 1987, v. 5, n. 1, p. 60-65.

MARQUES, Paulo de Moraes; DINIZ, Marcos Cavalcanti; FARIAS, Maria do Carmo da Guarda Muniz de; ZANDOVAL, Rita Luzia Occhiuze dos Santos; ARAÚJO, Edval Marinho de; LAROCERIE, Marta Geruza Gomes; OLIVEIRA, Maria Teodora de Barros. A extensão universitária na UFRPE: visão dos professores e alunos. In: SEMINÁRIO GERAL DE EXTENSÃO DA UFRPE, 1., 1986, Recife, PE. **Anais...** Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco, 1986. 1 v.

MARTINS, Conceição (Org.). **Academia Pernambucana de Ciência Agronômica, patronos e acadêmicos: 1983-2012.** Ed. comemorativa. Recife: Comunigraf, 2012. 175 p.

MIRANDA, Vardan. **8ª Roda coletiva.** Recife, 09 dez. 2015. Entrevista concedida a Josefa Martins da Conceição.

MOOG, Viana. **Bandeirantes e pioneiros: paralelos entre duas culturas.** 22. ed. São Paulo: Civilização Brasileira, 1983. 448 p.

RAMOS, Israel Crispim. **6ª Roda coletiva.** Recife, 05 out. 2015. Entrevista concedida a Josefa Martins da Conceição.

RIVAS, Tirso Ramon. **7ª Roda coletiva.** Recife, 12 out. 2015. Entrevista concedida a Josefa Martins da Conceição.

SANTOS, Maria Salett Tauk. **1ª Roda coletiva.** Recife, 13 jul. 2015. Entrevista concedida a Josefa Martins da Conceição.

SANTOS, Maria Salett Tauk. A comunicação e a educação no mundo rural: uma experiência libertadora com pequenos agricultores. In: SANTOS, Maria Salett Tauk; CALLOU, Ângelo Brás Fernandes. **Extensão universitária e educação popular.** Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco, 1988. p. 21 - 28. (Cadernos de Extensão Rural, n. 2).

..... Metodologias em Extensão Rural: a pesquisa-ação em debate. In: COLÓQUIO BRASIL-FRANÇA DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO E INFORMAÇÃO, 7., 2004, Porto Alegre, RS. **Anais...** Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2004. 2 v.

SANTOS, Maria Salett Tauk; CALLOU, Ângelo Brás Fernandes. Alternativas de comunicação rural e participação popular: uma experiência em assentamento de reforma agrária. In: BRAGA, Geraldo Magela; KUNSCH, Margarida Krohling. **Comunicação rural: discurso e prática.** Viçosa: Universidade Federal de Viçosa, 1993. p. 128-137.

..... **Extensão rural – extensão pesqueira:** estratégia de ensino e pesquisa. Recife: FASA, 2014. 683 p. il.

..... **Projeto Pitanga:** pesquisa-ação dentro de um processo de reforma agrária. Recife: Universidade Federal Rural de Pernambuco. 1988. 9 f.

SILVA, Luiz Pereira da. 7ª **Roda coletiva.** Recife, 12 out. 2015. Entrevista concedida a Josefa Martins da Conceição.

SOUZA, Elena Maria de; ALENCAR, Joana Cristina Cordeiro de; PRADO, Lúcia de Souza; SOARES, Sônia Maria Pires; CABRAL, Suerleide de Moura. **Uma experiência no exercício da autodeterminação, numa área de colonização – Quatis.** 1980. 63 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1980.

SOBREIRA, Joselito Nunes. 3ª **Roda coletiva.** Recife, 24 jul.2015. Entrevista concedida a Josefa Martins da Conceição.

UFPE. **Projeto de treinamento para atuação nas cooperativas de Jupi e Lajeado.** Recife, 1978. 8 f.

# CRÉDITOS

Organizadora: **Josefa Martins da Conceição** (cmartins3012@gmail.com)

Fotografias: **Bárbara Martins Lopes, Paula Maria Martins Lopes e Josefa Martins da Conceição.**

Revisão: **Paula Maria Martins Lopes**

Diagramação: **Marco Aurelio Pereira**

Entrevistados: **Ângelo Brás Fernades Callou, Maria Salett Tauk dos Santos, Suerleide de Moura Cabral, Belgrano José Cavalcanti Alves, Paulo Fernandes Fragoso de Carvalho, Paulo de Moraes Marques, Joselito Nunes Sobreira, Maria de Fátima Navarro Lins, Marta Maria de Barros Marques, Geraldo Pereira de Arruda, Israel Crispim Ramos, Luiz Pereira da Silva, Tirso Ramon Rivas e Vardan de Miranda**

Colaboradores: **Bárbara Martins Lopes, Carlos Antonio de Andrade Enedino, Cleia Lima Moreira Correia, Danielle Mendes dos Santos, Genicleide Luiza da Costa, Josefa Maria de Santana, Lorena de Siqueira Teles, Maria da Conceição do Nascimento, Maria do Socorro Gardino da Silva, Mônica Maria Guedes de Souza, Michelli Mirela L. dos Santos, Paula Maria Martins Lopes, Roberto Lupicínio Vila Nova, Sivaldo Correia da Silva, Suely Maria Silva Manzi e Vânia Ferreira da Silva.**

Arquivos:

**Acervo particular do Professor Paulo Marques**

**Acervo bibliográfico da Biblioteca Central do Sistema Integrado de Bibliotecas da UFRPE**

**Acervo documental do Núcleo do Conhecimento e da Memória, Biblioteca Central UFRPE**

**Acervo fotográfico do Núcleo do Conhecimento da Biblioteca Central da UFRPE.**

**Acervo fotográfico da UFRPE**

**Acervo fotográfico do Projeto Roda da Memória**

**Pasta funcional do Professor Paulo Marques, disponível na Divisão de Registro Funcional da Superintendência de Gestão e Desenvolvimento de Pessoas, SUGEP-UFRPE**

Publicação

**Editora Universitária da UFRPE**

## DADOS DO BIOGRAFADO E DA ORGANIZADORA



PAULO DE MORAES MARQUES

Engenheiro Agrônomo pela Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Psicólogo pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP). Doutor em Extensão Rural com o Título de Livre Docente pela UFRPE. Sua vida como Extensionista Rural teve 04 grandes pilares: o primeiro, no Engenho Sapucagi, Escada, Pernambuco; o segundo, na Associação Nordestina de Crédito e Assistência Rural – ANCAR, Garanhuns, Pernambuco; o terceiro, no Grupo Executivo de Produção de Alimentos – GEPA -, no Governo Miguel Arraes, Pernambuco. Posteriormente, o quarto e último grande pilar aconteceu na UFRPE, através da Extensão Universitária, aliada à Extensão Rural, sedimentadas em sua experiência anterior. Na Universidade, exerceu a docência e coordenou projetos e ações junto ao homem do campo, parceiros e agricultores. Assumiu a Pró-Reitoria de Atividades de Extensão da UFRPE no período de junho de 1987 a maio de 1990. Aposentou-se em março de 1993. Autor de diversos trabalhos publicados.



JOSEFA MARTINS DA CONCEIÇÃO  
(CONCEIÇÃO MARTINS)

Bibliotecária da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE), doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciência: Qualidade de Vida e Saúde da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) em Associação de IES. Mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Idealizadora e coordenadora do Projeto Roda da Memória, Núcleo do Conhecimento e da Memória Agrônoma Prof. João Baptista Oliveira dos Santos, Biblioteca Central da UFRPE. Desenvolve atividades e pesquisas direcionadas ao resgate, preservação e divulgação da Memória Institucional e História Oral da UFRPE. Trabalha com o grupo longo formado por professores, aposentados, ex-alunos, servidores e com os integrantes da Academia Pernambucana de Ciência Agrônoma. Organizadora dos livros: *Nas Brumas do Tempo*, *Palavras do Engenheiro Agrônomo Eudes de Souza Leão Pinto: Coletânea de Discursos*; *Acadêmico José Wilson Aranha de Medeiros: Memórias*; *Academia Pernambucana de Ciência Agrônoma: Patronos e Acadêmicos: 1983-2012*. Coorganizadora em parceria com Maria do Rosário de Andrade Leitão, do livro: *Prédio da Reitoria da UFRPE: Resgate Histórico 1935-2011*





Esse livro nasce de uma série de entrevistas com o Engenheiro Agrônomo, Psicólogo e Professor Paulo de Moraes Marques, através das quais rememora sua experiência como Extensionista Rural. Ingressou na Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE) no final dos anos 1970, a partir de quando dedicou-se à docência, à Extensão Universitária e à Extensão Rural até 1993, quando se aposentou. Sua história profissional é ratificada nos depoimentos de 13 convidados partícipes de seus projetos e ações de extensão. Lembranças que resgatam, preservam e socializam a memória individual e institucional.

